

A MORTE EM VENEZA

e

TONIO KRÖGER

Thomas Mann

Tonio Kröger

O sol de inverno era apenas um pobre brilho leitoso e débil atrás das camadas de nuvens sobre a cidade acanhada.

Molhadas e ventosas estavam as ruas, de casas com esguias cumeeiras, e, de vez em quando, caía uma espécie de granizo, nem gelo nem neve.

A escola terminara. Por sobre o pátio cimentado e pelo portão corriam os bandos de libertados, dividiam-se e se afastavam para a direita e esquerda. Os alunos mais crescidos seguravam, com dignidade, suas trouxinhas de livros apertadas ao ombro esquerdo, remando com o braço direito contra o vento e de encontro ao almoço; os petizes se punham alegremente a caminho, fazendo o mingau de gelo respingar em volta deles e os sete instrumentos da ciência baterem dentro das pastas de couro de foca. Mas, de vez em quando, com expressão de beatitude nos olhos, todos arrancavam o boné para um professor de chapéu alto e barba de Júpiter que caminhava com passos comedidos...

— Afinal, você não vem, Hans? — disse Tonio Kröger, que esperara longamente no meio-fio. E sorrindo foi ao encontro do amigo, que, conversando com outros colegas, saía pelo portão e já estava com o intuito de afastar-se na companhia destes...

— O que é? — perguntou Hans olhando para Tonio.

— Ah! Sim, é verdade! Pois bem! Vamos passear ainda um pouco.

Tonio calou-se e seus olhos se turvaram. Era possível ter-se Hans esquecido e só agora lembrado de que hoje à tarde deveriam passear um pouco” Ele, ao contrário, desde que marcaram o encontro, quase ininterruptamente, ficara em alegre expectativa...

— Bem! Adeus — disse Hans aos colegas. — Vou andar um pouco com o Kröger. — E os dois se dirigiram para a esquerda, enquanto os outros se afastaram vagarosamente para a direita.

Hans e Tonio tinham tempo para passear depois das aulas porque ambos pertenciam a casas onde só se almoçava às 4 horas. Seus pais eram grandes comerciantes, ocupavam cargos públicos e eram poderosos na cidade.

Aos Hansen, já há algumas gerações, pertenciam os extensos depósitos de madeira lá embaixo junto ao rio, onde serras formidáveis, rosnando e sibilando, cortavam os troncos. Tonio era filho do Cônsul Kröger, cujos sacos de cereais, levando o nome da firma impresso em preto e com grandes letras, podiam ser vistos, dia após dia, transportados

pelas ruas; e a casa grande e velha de seus antepassados era a mais senhorial de toda a cidade...

Constantemente os dois amigos, rapazes de catorze anos, tinham de tirar o boné devido aos muitos conhecidos, e até eram cumprimentados primeiro, por algumas pessoas.

Ambos, com as pastas escolares penduradas sobre os ombros, estavam bem vestidos e agasalhados; Hans usava um paletó curto à moda de marinheiro, sendo que sobre os ombros e as costas aparecia a gola larga e azul do seu terno do mesmo estilo; e Tonio estava de paletó cinza, cintado. Hans usava um boné de marinheiro dinamarquês com fitas pretas, do qual aparecia um topete de seu cabelo de um louro-palha. Ele era extraordinariamente bonito e bem feito, largo nos ombros e fino na cintura, com olhos de um azul-ferrête e penetrantes. Mas embaixo do redondo boné de pele de Tonio apareciam, num rosto moreno afilado e tipicamente sulino, uns olhos escuros, levemente sombreados, com pálpebras pesadas demais, sonhadores e um tanto temerosos... Boca e queixo eram formados de uma suavidade fora do comum. Seu andar era negligente e desigual, enquanto as pernas esguias de Hans, dentro das meias pretas, caminhavam com elasticidade e ritmo.

Tonio não falava. Sentia mágoa. Franzindo as sobrancelhas, ligeiramente oblíquas, e conservando os lábios arredondados para assobiar, olhava com a cabeça virada de lado, para o infinito. — Esta atitude e expressão lhe eram peculiares.

Repentinamente Hans enfiou seu braço no de Tonio e ao fazê-lo — olhava-o de soslaio, pois sabia perfeitamente do que se tratava. Tonio ainda continuou calado durante os passos seguintes, apesar de sentir imediatamente amenizar-se sua disposição.

— Eu não tinha esquecido, Tonio — disse Hans, olhando para a calçada na sua frente. — Só pensei que hoje não ia ser possível porque tudo está muito molhado e está ventando. Mas eu não me importo e acho formidável você ter esperado por mim apesar disso.

Pensava até que você tivesse ido para casa e fiquei aborrecido...

Tudo em Tonio se transformou numa emoção saltitante e jubilosa, ouvindo estas palavras.

— Bem, agora vamos pelos diques, pelo Muehlenwall e Holstenwall, assim eu levo você para casa, Hans... Ora, não faz mal nenhum que depois eu volte sozinho;-outra vez você me acompanha.

No fundo, Tonio não acreditava muito no que Hans dissera, e sentia, nitidamente, que o outro só dava a metade da importância por Ele dada ao passeio de ambos. Via, no entanto, que Hans se arrependia do

seu esquecimento e se empenhava por reconciliá-lo. E Ele estava longe do propósito de retardar a reconciliação...

O caso era que Tonio amava Hans Hansen, e já sofrera muito por causa dele. Aquele que mais ama é o subjugado e tem que sofrer. Esta lição simples e mais dura que sua alma de catorze anos já recebera da vida. E Ele era de um feitio que guardava bem tais experiências, tomava nota interiormente, por assim dizer, e, de certo modo, tinha sua alegria nelas, sem, obviamente, dirigir-se por elas e delas tirar proveitos práticos. Acontecia, também, considerar mais essenciais e interessantes estas lições do que os ensinamentos que lhe impunham na escola. Sim, chegava mesmo a ponto, na maioria das vezes, de se ocupar durante as aulas, nas salas de arqueamento gótico, em sentir esses reflexos até o âmago e excogitá-los completamente. E esta ocupação lhe dava uma satisfação bem idêntica à de quando, andando pelo quarto, tirava do seu violino os sons mais suaves que conseguia produzir, fazendo-os confundir com o murmúrio do repuxo, cujo jato se elevava bailando, embaixo, no jardim, sob os galhos da velha noqueira...

O repuxo, a velha noqueira, seu violino e, além, o mar, o mar Báltico, cujos sonhos de verão lhe era permitido devanear em suas férias, estas eram as coisas que Ele mais amava, com as quais se identificava e entre as quais se desdobrava a sua vida íntima; coisas cujos nomes podiam ser aproveitados, com bom efeito, em versos, e, de fato, sempre ressoavam nos versos que Tonio Kröger de vez em quando compunha.

Que possuía um caderno de versos escrito por Ele, foi descoberto por sua própria culpa, prejudicando-o muito perante os seus colegas, assim como ante os professores. Ao filho do Cônsul Kröger parecia, de um lado, tolo e vulgar chocarem-se com isto, e assim desprezava Ele tanto os colegas como os professores, cujo comportamento, de qualquer maneira, o repelia e cujas fraquezas pessoais Ele penetrava com estranha perspicácia. De outro lado, Ele mesmo sentia que fazer versos era extravagante e um tanto inconveniente, e tinha que dar razão, por assim dizer, a todos aqueles que achavam estranha essa ocupação. Porém, isto não o impedia de fazê-los.

Como em casa nada fazia e durante as aulas sua atenção era vaga e desviada, era mal visto pelos professores, e suas notas miseráveis, por causa das quais seu pai, um senhor alto e cuidadosamente vestido, de olhos azuis pensativos, e que sempre usava uma flor campestre na lapela, se zangava bastante e demonstrava preocupação. Mas, para a mãe de Tonio, sua mãe bonita, de cabelos negros, que tinha o nome de Consuelo e que de qualquer maneira era tão diferente das outras senhoras da cidade, porque seu pai, há tempos, fôra buscá-la bem lá embaixo no mapa, para ela os seus boletins eram completamente indiferentes...

Tonio amava sua mãe, morena e fogueira, que tocava tão maravilhosamente piano e bandolim, e sentia-se feliz porque ela não se preocupava com a posição dúbia que Ele tinha entre os homens. Mas sentia que a ira do pai era bem mais digna e respeitável e, apesar de receber dele sermões, no fundo concordava com Ele, achando a indiferença da mãe um tanto negligente.

Às vezes, pensava mais ou menos assim: “Basta eu ser como sou e não querer nem poder modificar-me, indolente, rebelde e dado a coisas nas quais ninguém mais pensa. Ao menos, é necessário que me repreendam seriamente e me castiguem por isto, e que não passem por cima de tudo com beijos e música. Afinal de contas, não somos os ciganos do carro verde, mas pessoas decentes, os cônsules Kröger, a família Kröger...”

Não raras vezes também pensava: “Por que sou tão esquisito, em conflito com tudo, em desavença com os professores, e estranho entre os outros meninos? Olhe os alunos, os bons e os de sólida mediocridade. Não acham os professores engraçados, não fazem versos e só pensam em coisas em que a gente afinal pensa e que podem ser ditas em voz alta. Como se devem sentir bem comportados e de acordo com todos! Deve ser bom... Mas que se passa comigo? E como tudo terminará?”

Este procedimento de observar-se a si mesmo e em sua relação à vida desempenhava um papel importante no amor de Tonio por Hans Hansen. Amava-o primeiro porque era belo; mas depois porque lhe parecia, em todos os pontos, seu oposto e contraste. Hans Hansen era um aluno excelente e, além disso, um companheiro alegre que montava a cavalo, fazia ginástica, nadava como um herói e era muito popular. Os professores tratavam-no quase com carinho, chamavam-no pelo nome de batismo e ajudavam-no de todas as maneiras.

Os colegas procuravam sua estima, e na rua cavalheiros e senhoras paravam e pegavam no topete de seu cabelo louro-palha, que aparecia debaixo do boné de marinheiro dinamarquês, e diziam: “Boa tarde, Hans Hansen, do topete bonito. Ainda é o primeiro da classe? Dê lembranças ao papai e à mamãe, meu esplêndido menino!...”

Assim era Hans Hansen, e, desde que Tonio Kröger o conhecesse, sentia ciúmes assim que o via, uma nostalgia invejosa, que se aninhava acima do peito e ardia.

“Quem me dera ter olhos tão azuis”, pensava, 44 e viver em harmonia e em feliz comunhão com todo o mundo, como Ele! Sempre está ocupado de maneira digna, respeitada por todos. Quando Ele termina suas lições de casa, toma aulas de equitação ou faz algo com a serra de trabalhos manuais, e mesmo nas férias à beira-mar o seu tempo é ocupado em remar, velejar e nadar, enquanto eu fico deitado na areia,

ocioso e perdido, de olhar fixo para o misterioso e mutável jogo de expressão que desliza sobre a face do mar. Por isso seus olhos são tão límpidos. Ser como Hans... — Ele não tentava tornar-se como Hans Hansen, e talvez, intimamente, este desejo não fosse levado muito a sério por ele. Mas ansiava, dolorosamente, ser amado por Hans assim falho como era, e para isto cortejava-o à sua maneira. Uma maneira lenta e amorável, dedicada, sofredora e melancólica, porém de uma melancolia que pode arder e consumir mais profundamente do que todas as paixões, o que seria mais de se esperar de sua aparência estrangeira.

E não o cortejava completamente sem resultado, pois Hans, que aliás admirava nele uma certa superioridade, uma verbosidade que possibilitava a Tonio expressar coisas difíceis, compreendia bem que aí existia para Ele um sentimento fora do comum, forte e delicado.

Mostrava-se grato, causando a Tonio alguma felicidade com sua aproximação — mas, também, algum pesar por ciúmes, desilusão, e pelo esforço inútil para conseguir estabelecer uma comunhão espiritual. Pois o estranho era que Tonio, invejando de Hans Hansen o seu modo livre de viver, constantemente tentava puxá-lo para o seu próprio modo, o que só se dava por momentos e, mesmo assim, só aparentemente...

— Li agora uma coisa maravilhosa, algo magnífico... — disse Ele. Andavam e chupavam balas de frutas que haviam comprado na loja do Senhor Iversen, na Rua do Moinho, por 10 pfennige. — Você precisava ler, Hans, porque se trata de Dom Carlos, de Schilá... Eu empresto, se você quiser...

— Oh! Não — disse Hans Hansen —, deixe isto, Tonio, não serve para mim. Fico com os meus livros sobre cavalos, sabe? Há neles fotografias formidáveis, digo-lhe. Quando você estiver lá em casa eu os mostro a você. São instantâneos e vêem-se os cavalos no trote, no galope e no salto; em todas as posições que na realidade não se consegue ver porque são muito rápidas.

— Em todas as posições? — perguntou Tonio com cortesia. — Sim, deve ser bonito. Mas, voltando a Dom Carlos, a obra passa além de qualquer concepção — Há trechos nele, sabe?, que são tão belos e arrebatam de tal maneira que parecem dar um estrondo...

— Dá um estrondo? — perguntou Hans Hansen.

— Como assim?

— Há por exemplo a parte onde o rei chorou porque fôra traído pelo marquês... Mas o marquês só o traíra por dedicação ao príncipe, por quem Ele se sacrificara, compreende? Então vem a notícia, do gabinete para a antecâmara, de que o rei chorou. Todos os cortesãos estão perplexos, e a gente fica tão comovido, porque Ele é um rei terrivelmente

rígido e severo.

Mas compreende-se tão bem porque chorou, e a mim me dá mais pena do que sinto pelo príncipe e o marquês reunidos. Está sempre tão só e sem amor, e agora pensa que encontrou um amigo e é traído por este...

Hans Hansen olhou de soslaio para o rosto de Tonio e qualquer coisa neste rosto devia ter-lhe despertado o interesse pelo assunto, pois, repentinamente, enfiou de novo o braço no do amigo e perguntou:

– De que modo Ele o traiu, Tonio?

Tonio entusiasmou-se.

– Bem! O caso é – começou a falar – que todas as cartas para Brabante e Flandres...

– Aí vem Erwin Jimmerthal – disse Hans.

Tonio calou-se. “Que a terra engula”, pensou, “esse Jimmerthal! Por que tem que vir e nos incomodar? Oxalá não venha conosco e não fale das aulas de equitação durante todo o caminho...”

Erwin Jimmerthal também tinha aulas de equitação. Era o filho do diretor do banco e morava lá adiante defronte ao nortal. Com suas pernas tortas e olhos-estreitos, já sem sua pasta escolar, vinha pela alameda, ao encontro deles.

– Boa tarde, Jimmerthal – disse Hans. – Estou passeando um pouco com o Kröger...

– Tenho que ir à cidade – disse Jimmerthal para fazer uma compra. Mas eu acompanho vocês um trecho... O que vocês têm aí são balas de frutas? Sim, obrigado, aceito algumas. Amanhã teremos novamente aula, Hans. – Referia-se à aula de equitação.

– Formidável! – disse Hans. – Sabe, eu vou ganhar agora as polainas de couro porque tirei a melhor nota no exercício.

– Você não tem aulas de equitação, Kröger? – perguntou Jimmerthal, e seus olhos eram apenas duas festas brilhantes...

– Não – respondeu Tonio, em tom indeciso.

– Você devia pedir ao seu pai para também ter aulas, Kröger – mencionou Hans Hansen.

– Sim... – disse Tonio, apressado e ao mesmo tempo indiferente. Durante um momento sua garganta se fechou, porque Hans o chamara pelo nome de família e Hans pareceu sentir isto, explicando:

– Chamo você de Kröger por ser o seu nome tão maluco, desculpe, mas não gosto dele. Tonio... isto nem é nome. Bem, você não tem culpa, Deus o livre!

– Não! É provável que você em princípio se chame assim, porque tem um som tão estrangeiro e é algo esquisito... – disse Jimmerthal, e fingiu estar falando para o bem.

Os lábios de Tonio tremeram. Controlou-se e disse:

– Sim, é um nome ridículo, preferia, Deus sabe, chamar-me Henrique ou Guilherme, podem acreditar.

Mas acontece que me batizaram com o nome de um irmão de minha mãe que se chama Antonio, pois minha mãe, como sabem, é do estrangeiro...

Depois calou-se e deixou os dois falarem sobre cavalos e material de couro. Hans dera o braço a Jimmerthal e falava com animado interesse, interesse esse que nunca poderia ter sido despertado para Dom Carlos...

De vez em quando Tonio sentia como que vontade de chorar, o que lhe fazia comichão no nariz; também tinha dificuldade de controlar seu queixo, que constantemente teimava em tremer...

Hans não gostava do seu nome – que se podia fazer? Ele chamava-se Hans e Jimmerthal, Erwin, bom, isto eram nomes reconhecidos por todos, a ninguém causando estranheza. Mas Tonio era algo estrangeiro e singular, quisesse ou não, e estava só e excluído de tudo o que era normal e comum, apesar de não ser um cigano num carro verde, e sim, o filho do Cônsul Kröger... Mas por que Hans o chamava de Tonio quando estavam a sós, envergonhando-se dele quando se juntava a um terceiro? Às vezes parecia íntimo e cativante, sim. “De que modo Ele o traiu, Tonio?”, tinha perguntado, e lhe dera o braço; mas, quando Jimmerthal aparecera, respirara aliviado, abandonara-o e sem pesar criticara o seu nome de batismo. Como doía perceber tudo isto!... Hans Hansen no fundo gostava um pouco dele quando estavam a sós, isto sabia. Mas, aparecendo um terceiro, envergonhava-se disso e o sacrificava. E novamente sentia-se sozinho. Pensou no Rei Filipe. O rei chorara...

– Cruzes! – disse Erwin Jimmerthal – agora tenho mesmo que ir à cidade! Até logo, e obrigado pelas balas de frutas!

Depois, pulou num banco que estava no caminho, correu sobre Ele com suas pernas tortas e afastou-se.

– Jimmerthal me agrada! – disse Hans com ênfase.

Tinha um modo mimado e arrogante de declarar suas simpatias e aversões, distribuindo-as com condescendência, por assim dizer... Depois continuou a falar sobre a aula de equitação, porque estava de vento em popa. Também não estava muito longe a casa dos Hansen, o caminho sobre os diques não tomava muito tempo. Seguravam seus bonés e inclinavam as cabeças contra o vento forte e úmido que rangia e gemia

nos galhos despidos das árvores. E Hans Hansen falava enquanto Tonio só intercalava um vago “Ah” e “Sim, sim”, sem sentir alegria por lhe ter Hans novamente dado o braço, no arrebatamento da conversa, pois era apenas uma aproximação simulada, sem importância.

Depois, perto da estação ferroviária, abandonaram o caminho dos diques e observaram um trem, que passava bufando como tosca diligência. Contaram os vagões por divertimento e acenaram para o homem que estava sentado no último carro, bem no alto, embrulhado no seu casaco de peles. E rio Largo das Tílias, em frente à vila do atacadista Hansen, pararam e Hans mostrou, com minúcia, como era divertido ficar de pé em cima do portão e balançar-se com o vaivém dos gonzos, que rangiam num ruído infernal. Depois disto Ele se despediu.

– Bem! Agora preciso entrar – disse. – Até logo, Tonio. De outra vez eu levo você para casa, pode estar certo.

– Até logo, Hans – disse Tonio –, foi agradável passear.

Suas mãos, que se apertavam, estavam molhadas e sujas com a ferrugem do portão do jardim. Mas quando Hans olhou os olhos de Tonio, apareceu algo como uma lembrança arrependida no seu rosto bonito.

– Em breve vou ler Dom Carlos! – disse rapidamente. – Aquele trecho do rei no gabinete deve ser formidável!

Depois, pegou sua pasta, colocou-a embaixo do braço e correu pelo jardim. Antes de desaparecer dentro de casa, acenou mais uma vez para trás com a cabeça.

E Tonio Kröger partiu, transfigurado e alado. O vento empurrava-o pelas costas, mas não era só por isso que se movia com tanta facilidade.

Hans lia Dom Carlos e então teriam algo em comum sobre que nem Jimmerthal nem outro qualquer poderia falar! Como se compreendiam bem! Quem sabe – talvez ainda conseguiria que Ele fizesse versos?...

Não, não, isto não queria! Hans não devia ficar como Tonio mas continuar como era, tão claro e forte como todos o amavam e Tonio mais do que os outros! Mas que lesse Dom Carlos, não lhe faria nada mal... E Tonio passou sob o velho e baixo portal, andou pelo porto e subiu a rua íngreme, ventosa e molhada para a casa de seus pais.

Naquela ocasião seu coração vivia; havia saudade nele e uma inveja melancólica e um pouquinho de desprezo e uma felicidade de absoluta pureza.

A loura Inge, Ingeborg Holm, filha do Dr. Holm, que morava na

Praça do Mercado, lá onde se encontrava o poço em estilo gótico, alto e pontudo, era a ela que Tonio Kröger amava quando tinha dezesseis anos.

Como aconteceu isso? Ele a vira mil vezes; porém, uma noite viu-a sob uma certa iluminação; viu como, em animada conversa com uma amiga, jogara a cabeça para o lado, e de um certo modo travesso levava a mão, não muito delgada nem especialmente fina e pequena mão de moça, à nuca, movimento este que fez a manga de gaze branca deslizar do seu cotovelo; ouviu-a acentuar uma palavra, uma palavra indiferente, de um certo modo, tendo sua voz um som quente; e um êxtase dominou seu coração, muito mais forte do que aquele que sentira outrora quando, uma vez por outra, observava Hans Hansen, naquele tempo, quando ainda era um pequeno menino bobo.

Nesta noite levou consigo sua imagem, com a loura e grossa trança, com os olhos azuis, oblíquos e risonhos, com um selim de sardas, delicadamente marcado, sobre o nariz, e não conseguia dormir porque ouvia o som de sua voz, tentava baixinho imitar a entonação com a qual pronunciava a palavra e ao fazê-lo sentia-se arrepiar. A experiência fê-lo saber que era o amor, apesar de ter certeza de que o amor deveria trazer-lhe muita dor, tormentos e humilhações, e que além disso destruía a paz e deixava o coração transbordar com melodias sem que encontrasse sossego para dar forma a alguma coisa e tranqüilamente forjar uma peça inteira. Assim mesmo aceitava-o, entregava-se completamente e zelava por Ele com as forças de sua alma, pois sabia que o amor enriquecia e dava vida e Ele ansiava por ser rico e vivo em vez de na tranqüilidade forjar algo concreto...

O encantamento de Tonio Kröger pela alegre Inge Holm deu-se no salão, esvaziado, da Consulesa Husteede, a quem cabia dar a aula de dança naquela noite, pois era um curso particular no qual só os filhos das primeiras famílias tomavam parte, reunindo-se na casa dos pais a fim de receber lições de dança e boas maneiras. Para isso, todas as semanas, vinha especialmente de Hamburgo o mestre de ballet, Knaak.

Seu nome era François Knaak, e que homem era!

“J’ai l’honneur de me vous représenter”¹, dizia, “mon nom est Knaak...”² E isto não se pronuncia quando se faz a reverência, mas quando se está de novo ereto — baixo, porém compreensível. Não se está diariamente na situação de ter que se apresentar em francês, mas sabendo-se fazê-lo de maneira correta e perfeita neste idioma, não se ter nenhuma dificuldade em fazê-lo em alemão.

Com que elegância o fraque de seda preta se amoldava aos seus

gordos quadris! As pernas das calças caíam em pregas macias sobre os sapatos de verniz enfeitados com largos laços de cetim, e seus olhos castanhos olhavam com uma felicidade cansada em torno de sua própria beleza.

Todos sentiam-se intimidados pelo excesso de sua segurança e boas maneiras. Andava — e ninguém andava como ele, elástico, ondeante, oscilante, regiamente. — “Eu tenho a honra de apresentar-me”, dizia, de encontro à dona da casa, inclinava-se e esperava que lhe estendesse a mão. Se isto acontecia, agradecia com voz baixa, dava um passo flexível para trás, girava sobre o pé esquerdo, lançava o direito, com a ponta para baixo, ido assoalho para o lado, e afastava-se, balouçando as cadeiras.

Ao deixar uma reunião, ia-se de costas para a porta, inclinando-se; não apanhava a cadeira pegando-a por uma perna, arrastando-a pelo assoalho, mas carregava-a, segurando-a ligeiramente pelo encosto, e depositava-a, sem ruído. Não ficava em pé com as mãos cruzadas sobre a barriga, empurrando a língua para um canto da boca. Se fazia isto, o Senhor Knaak tinha uma maneira de imitar o gesto de tal modo que, para o resto da vida, sentia-se aversão a ela...

Isso era tato. Mas no que se referia à dança o Senhor Knaak talvez ainda a dominasse em grau mais alto. No salão vazio ardiavam as luzes de gás no lustre e as velas sobre a lareira, o assoalho estava empoado de talco e os alunos estavam de pé num mudo semicírculo. Mas, além dos reposteiros, na sala contígua, estavam sentadas, sobre cadeiras de pelúcia, as mães e tias, observando por suas lunetas como o Senhor Knaak, em pose inclinada, apanhava e segurava com dois dedos a bainha do seu fraque e, com pernas elásticas, demonstrava as partes isoladas da mazorca. Se, porém, tencionava deixar o seu público completamente estupefato, saltava repentinamente do chão, sem razão alguma, fazendo suas pernas girarem no ar numa velocidade estonteante, por assim dizer, trinando com os mesmos, depois do que voltava a esta terra numa queda abafada que todavia fazia tudo tremer nos seus ângulos...

“Que macaco incompreensível”, pensava Tonio Kröger. Mas via como Inge Holm, a alegre Inge, muitas vezes ficava seguindo os movimentos do Senhor Knaak com um sorriso absorto, e não só por isso, este belo domínio do corpo, no fundo, conseguia infundir-lhe uma certa admiração. Como eram calmos e imperturbáveis os olhos do Senhor Knaak! Não olhavam dentro das coisas, até lá onde ficavam complicados e tristes; nada sabiam, a não ser que eram castanhos e bonitos. Mas por isso seu porte era tão orgulhoso! Sim, era preciso ser tolo para poder andar como Ele; e então se era amado, porque se era amável. Compreendia tão bem que Inge, a loura e doce Inge, olhava para o Senhor Knaak como o fazia. Mas será que nunca uma moça olharia assim para

Ele mesmo?

Oh! sim, isto acontecia. Havia Madalena Vermehren, a filha do advogado Vermehren, com a boca suave e grandes olhos escuros, serenos e sonhadores, Caía muitas vezes durante a dança, mas procurava-o quando era “escolha de damas”; sabia que Ele fazia versos, pedira por duas vezes que lhos mostrasse, e muitas vezes olhava-o de longe com a cabeça inclinada. Mas de que lhe servia isso? Ele, Ele arriava Inge Holm, a loura e alegre Inge, que por certo o desprezava por escrever coisas poéticas... Olhava para ela, via seus olhos azuis e oblíquos cheios de felicidade e ironia, e uma saudade invejosa, uma dor acre, oprimente, sabendo-se excluído e eternamente estranho a ela, se aninhava no seu peito e ardia...

– Primeiro casal en avant³ – dizia o Senhor Knaak, e não há palavras para descrever com que maravilha produzia o som nasal. Ensaíavam a quadrilha, e, para profundo susto de Tonio Kröger, encontrou-se com Inge Holm no mesmo quadrado. Ele evitava-a como podia e mesmo assim se encontrava constantemente em sua proximidade; proibia os seus olhos de se aproximarem dela e mesmo assim seu olhar constantemente caía sobre sua pessoa... Agora ela se aproximava pela mão do ruivo Ferdinand Matthiessen, deslizando e correndo, jogava a cabeça para trás e, respirando aliviada, ficava na sua frente. O Senhor Fleinzelnian, o pianista, tocava no teclado com suas mãos ossudas, o Senhor Knaak comandava, a quadrilha começava.

Ela se movimentava na sua frente para lá e para cá, para a frente e para trás, andando e girando; um aroma, que vinha do seu cabelo ou da delicada fazenda branca de seu vestido, tocava-o de vez em quando, e seus olhos se turvavam mais e mais. “Eu amo você, querida, doce Inge”, dizia intimamente, e punha nestas palavras toda a dor que sentia por ela estar tão zelosa e alegre em dançar e não lhe dar atenção. Um lindo poema de Storm lhe ocorreu: “Queria dormir, mas você precisa dançar”.

Era atormentado pelo paradoxo humilhante que existia no fato de ter que dançar quando amava...

– Primeiro par en avant! – dizia o Senhor Knaak, pois vinha uma nova volta. – Compliment! Moulinet des dames! Tour de main!” – E ninguém descreve de que maneira graciosa Ele engolia o “e” mudo do “de”.

– Segundo par en avant! – Era a vez de Tonio Kröger e sua dama. – Compliment! – E Tonio Kröger curvou-se. – Moulinet des dames! – E Tonio Kröger, de cabeça baixa e cenho cerrado, colocou sua mão sobre as mãos das quatro damas, sobre a de Inge Holm, e dançou

moulinet.

Em volta começaram risos e gargalhadas. O Senhor Knaak fez uma pose de bailado que exprimia um horror estilizado.

— Oh! — exclamou. — Parem, parem! Kröger perdeu-se entre as damas. En arrière, Senhorita Kröger, para trás, fi donc! Todos já compreenderam, só o senhor não. Saia! Para trás com o senhor! — E puxou dum lenço de seda amarela, enxotando com este a Tonio Kröger até o seu lugar.

Cumprimento! Molinete das damas! Habilidade!

Todos riram, rapazes, moças e as senhoras além dos postigos, pois o Senhor Knaak fizera algo extremamente engraçado do incidente e todos se divertiram como num teatro. Só o Senhor Heinzelmann esperava, com expressão seca e comercial, pelo sinal para continuar a tocar, pois já estava calejado contra os efeitos do Senhor Knaak.

Em seguida a quadrilha continuou. E depois veio o intervalo. A copeira entrou pela porta com a bandeja tilintando cheia de copos com geléia de uvas, e a cozinheira seguiu suas pegadas com um carregamento de bolo de passas. Mas Tonio Kröger afastou-se sorrateiro, foi secretamente até o corredor e lá ficou, em pé, com as mãos cruzadas nas costas, defronte a uma janela com a persiana descida, sem refletir que não se podia ver através dessas persianas, sendo portanto ridículo ficar em frente delas e fingir estar olhando para fora.

Mas Ele olhava dentro de si, onde havia tanto amargor e nostalgia. Por que, por que se achava aqui? Por que não estava sentado no seu quarto, na janela, lendo Immensee⁴, de Storin, e olhando de vez em quando para o jardim no crepúsculo, onde a velha nogueira rangia? Este teria sido seu lugar. Dançassem os outros, que eram vivos e hábeis!... Não, não, seu lugar, apesar de tudo, era aqui, onde sabia estar perto de Inge, mesmo estando solitário e afastado, tentando diferenciar, entre o murmúrio, tilintar e risos — dentro, a voz dela, que soava como a vida quente. Seus olhos, oblíquos e azuis, loura Inge! Ser tão bonita como você é só é possível quando não se lê Immensee e nunca se tenta fazer uma obra igual; isto é o trágico!...

Ela deveria vir! Deveria perceber que Ele se ausentara, deveria sentir o que se passava com Ele, deveria segui-lo às escondidas, mesmo que só o fizesse por pena, colocar sua mão sobre seu ombro e dizer: “Entre e junte-se a nós, seja alegre, eu amo você”. E escutava e esperava, numa tensão irracional, que ela viesse. Mas ela não vinha de maneira alguma... Isto não aconteceria neste mundo.

Também ela rira dele como todos os outros? Sim, assim fizera, por muito que quisesse que não fosse verdade, por ela e por Ele. E, no entanto, só dançara moulinet des dames por estar absorto com a presença dela.

E que importância tinha? Talvez um dia parassem de rir! Há pouco tempo uma revista não tinha aceito um poema seu, apesar de o poema não ter sido publicado, porque a revista falira antes? Chegaria o dia em que seria célebre, quando seria impresso tudo o que Ele escrevesse, e daí veriam se impressionaria Inge Holm...

Não impressionaria, não, aí é que estava. Madalena Vermehren, que sempre caía, esta, sim. Mas nunca Inge Holm, nunca a alegre Inge de olhos azuis. E, portanto, não era tudo em vão?...

Tonio Kröger contraiu-se dolorosamente com este pensamento. Sentir como forças maravilhosamente tocantes e melancólicas se movem dentro de você e ao mesmo tempo saber que aqueles por quem você sente atração as confrontam com alegre hostilidade. Mas, apesar de estar isolado, excluído e sem esperanças em frente de uma persiana fechada, e de, na sua mágoa, fazer como se pudesse olhar através delas, assim mesmo era feliz. Pois naquela ocasião seu coração vivia. Quente e triste batia por você, Inge Holm, e a alma dele envolvia sua loura, clara e travessa pequena personalidade vulgar, em ditosa abnegação.

Mais de uma vez ficara, com o rosto afogueado, em lugares isolados onde a música, o perfume das flores e o tinir dos copos só penetravam baixinho, e procurara, no ruído afastado da festa, distinguir o som de sua voz; ficara lá em dores e, no entanto, feliz. Mais de uma vez sentira-se magoado porque podia falar com Madalena Vermehren, que sempre caía, que o compreendia e que com Ele ria e ficava séria, enquanto a loura Inge, mesmo quando estava sentada ao lado dele, sentia a distância que o separava dela, pois seu modo de falar não era o dela. E mesmo assim era feliz, pois a felicidade, dizia para si mesmo, não é ser amado; isto é uma satisfação misturada com asco para a vaidade. A felicidade é amar e talvez colher pequenas aproximações ilusórias da pessoa amada. E interiormente anotou este pensamento, expandiu-o e sentiu-o até o âmago.

“Fidelidade!”, pensava Tonio Kröger. “Quero ser fiel e amá-la, Ingeborg, enquanto eu viva!” Tão sincero era! No entanto, dentro dele, cochichava um leve medo e tristeza de que tinha esquecido por completo Hans Hansen, apesar de vê-lo diariamente. E o feio e miserável era que esta voz, baixa e um pouco pérfida, tinha razão, pois que o tempo passava e dias viriam nos quais Tonio Kröger não mais estaria pronto a morrer, tão incondicionalmente, pela alegre Inge, porque sentia vontade e forças dentro de si para realizar, a seu modo, coisas extraordinárias no

mundo.

E rodeava com cautela o altar de sacrifício onde ardia a casta chama do seu amor, ajoelhava-se em frente e atiçava-a e alimentava-a de todos os modos, porque queria ser fiel. E depois de algum tempo, todavia, imperceptivelmente, sem alarde e ruído, ela se apagou.

Mas Tonio Kröger ainda ficou por algum tempo em frente do altar frio, cheio de espanto e desilusão, porque a fidelidade era algo impossível no mundo.

Depois encolheu os ombros e seguiu o seu caminho.

Ele seguia o caminho que devia seguir, um pouco negligente e sem ritmo, assobiando, com a cabeça inclinada para o lado, olhando para a distância, e, quando errava o caminho, isto acontecia porque para alguns seres não existem caminhos certos. Quando lhe perguntavam o que pensava ser, dava informações contraditórias, pois que costumava dizer (e já tomara nota disto) que trazia em si possibilidades para mil existências, tendo no íntimo o conhecimento de, no fundo, serem tudo coisas impossíveis...

Já antes de deixar a cidade natal, as garras e os laços que a ela o prendiam tinham-se desprendido.

A velha família Kröger, pouco a pouco, caíra em estado de desmoronamento e dissolução, e as pessoas tinham razões para também atribuir aos sinais desta situação o próprio gênio e os modos de Tonio Kröger.

A mãe de seu pai morrera, a cabeça da família, e pouco depois seguiu-lhe seu pai, aquele senhor alto, pensativo, que se vestia com cuidado e usava uma flor campestre na lapela. A grande casa dos Kröger, com sua respeitável história, estava à venda, e a firma extinta. A mãe de Tonio, porém, sua bela e ferosa mãe, que tocava tão maravilhosamente piano e bandolim, e a quem tudo era indiferente, casou-se novamente, depois de um ano, e por sinal com um músico, um virtuose com nome italiano ao qual seguiu para distâncias azuladas. Tonio Kröger achou isso um tanto desregrado; mas teria ele o direito de impedi-la? Ele escrevia versos e nem sequer podia responder o que afinal pensava ser...

E deixou a angulosa cidade natal, onde o vento soprava em volta das esguias cumeeiras, deixou o repuxo e a velha nogueira do jardim, os íntimos de sua infância, deixou também o mar que tanto amava e não sentiu mágoa com isso. Pois tinha crescido e ficara inteligente, compreendera o que se passava com Ele e estava cheio de escárnio pela existência grosseira e baixa que por tanto tempo o segurara no seu meio.

Ele se entregou completamente ao poder que lhe parecia o mais

elevado deste mundo, para os serviços aos quais se sentia destinado e que lhe prometiam grandeza e honra, ao poder do espírito e da palavra, que, sorrindo, reina sobre o mundo instintivo e mudo. Com seu jovem entusiasmo dedicou-se a Ele, e este retribuiu-lhe com tudo o que tinha para presentear, dele tomando em pagamento, implacavelmente, tudo o que costuma exigir.

Aguçou o olhar, fazendo-o compenetrar-se das grandes palavras que enchem o peito do homem, descobriu-lhe as almas dos homens e a sua própria, deu-lhe clarividência e mostrou-lhe o fim que está atrás das palavras e atos. Mas o que Ele via era isto: comicidade e miséria comicidade e miséria.

Então veio a solidão, com o tormento e o orgulho da cognição, porque não se sentia bem no círculo dos inocentes com a alma alegre e obscura e estes, por sua vez, sentiam-se perturbados pelo sinal na sua testa. Mas a alegria na palavra e nas formas se tornou cada vez mais doce para Ele, pois costumava dizer (e já tomara nota disto) que o conhecimento da alma somente nos faria infalivelmente tristonhos, se o contentamento da expressão não nos conservasse acordados e alegres...

Vivia em grandes cidades. no sul, na esperança de que o sol de lá desse um amadurecimento fértil à sua arte; talvez fosse o sangue de sua mãe que o atraísse para já. Mas como seu coração estava morto e sem amor, viu-se envolvido em aventuras carnavais, desceu profundamente na sensualidade e pecado e sofria indescritivelmente com isto. Talvez fosse a herança de seu pai. do senhor comprido, pensador e bem vestido, corri a flor campestre na lapela, que o fizesse sofrer tanto lá embaixo, e às vezes, sentir uma fraca e saudosa lembrança, uma alegria de alma, que outrora fôra dele e que não encontrava mais entre todas as voluptuosidades.

Um nojo e ódio contra os sentidos e uma sede de pureza e paz decente possuíram-no, apesar de respirar o ar da arte, aquele ar morno, doce e perfumado de uma eterna primavera, no qual pulsava, fermentava e brotava o secreto deleite de gerar. Assim, inconstante, um joguete entre fortes extremos, entre a férrea espiritualidade e a consumidora sensualidade, sob remorsos da consciência, foi induzido a levar uma vida extravagante, dissoluta e esquisita, que Ele, Tonio Kröger, no fundo detestava. “Que labirinto!”, pensava às vezes. “Como foi possível envolver-me em todas estas aventuras? Eu não sou um cigano num carro verde, de casa...”

Mas, à medida que sua saúde foi enfraquecendo, sua veia artística foi aguçada, tornou-se difícil de contentar, superior, magnífico, fino, irritado contra a banalidade e altamente sensível em relação ao tato e ao gosto.

Quando foi notado pela primeira vez, fez-se ouvir, entre os que

estavam interessados, muito aplauso e alegria, pois era uma obra ricamente trabalhada que apresentara, cheia de humor e conhecimento dos sofrimentos.

E rapidamente seu nome, aquele mesmo nome pelo qual era chamado com repreensão pelos professores, o mesmo com o qual assinara suas primeiras rimas a noqueira, ao repuxo e ao mar, este som composto do sul e do norte, este nome burguês, com ares exóticos, tornou-se uma fórmula que indicava excelência; pois à dolorosa minúcia de suas experiências se juntava uma rara, tenaz e ambiciosa atividade que, em luta com a irritante dificuldade de contentar o seu gosto, sob fortes tormentos, produziu obras fora do comum.

Não trabalhava como alguém que trabalha para viver, trabalhava como alguém que nada mais quer senão trabalhar, porque como ser vivente não se dava nenhum valor, só desejando ser considerado como criador, vagueando, de resto, em cinza e sem ser notado, como um ator sem sua maquilagem, que nada é enquanto não tem o que representar. Trabalhava silenciosamente, recolhido, invisível e cheio de desprezo pelos pequenos, para os quais o trabalho era um enfeite sociável, os quais, fossem pobres ou ricos, se exibiam selvagens e rotos ou luxavam com gravatas pessoais, que em primeira linha intencionavam ser felizes, gentis e levar uma vida artística, desconhecendo que as boas obras só se formam sob a pressão de uma vida dura; que aquele que vive não trabalha e que é preciso ter morrido para ser um completo criador.

— Incomodo? — perguntou Tonio Kröger, no limiar do atelier. Segurava seu chapéu na mão e até se inclinava um pouco, apesar de Lisavieta Ivanovna ser sua amiga, a quem tudo contava.

— Tenha dó, Tonio Kröger, e entre sem cerimônias! — respondeu ela, com sua entonação saltitante.

— Todos sabem que teve uma boa educação e conhece boas maneiras. — Enquanto falava, enfiou o pincel na mão esquerda, junto à paleta, estendeu-lhe a direita e olhou para o rosto dele, rindo e sacudindo a cabeça.

— Sim, mas está trabalhando — disse. — Deixe-me ver...! Oh! você progrediu. — E observou, alternadamente, os desenhos coloridos que, inclinados sobre cadeiras, se encontravam de ambos os lados do cavalete, e a grande tela de linho coberta por uma teia quadrada de linhas sobre a qual, entre o confuso e espectral esboço de carvão, começavam a aparecer as primeiras manchas coloridas.

Isto se passava em Munique, num prédio de fundos da Rua Reling, a vários lances de escada do rés-do-chão.

Lá fora, atrás da janela com luz vinda do norte, dominava um céu

azul. Um gorjeio de pássaros, raios solares e um doce e novo ar de primavera que entrava por um postigo aberto se misturavam ao cheiro do fixador e das tintas a óleo que enchiam o local de trabalho. — Desimpedida, a luz dourada da tarde clara inundava o extenso desadorno do atelier; iluminava generosamente o assoalho — lho um pouco danificado, a tosca mesa que ficava embaixo da janela, coberta de garrafinhas, tubos e pinceis e os estudos sem molduras nas paredes lisas; iluminado, o biombo de seda fendida que, próximo à porta, limitava um pequeno canto da sala de estar e quarto, mobiliado com gosto; iluminava a obra em andamento no cavalete, a pintora e o poeta na frente do mesmo.

Ela poderia ter a idade dele, isto é, um pouco além dos trinta. No seu avental azul-marinho e manchado, ela estava sentada num banquinho baixo e apoiava o queixo na mão. Seu cabelo, castanho, ligeiramente grisalho dos lados, com um penteado preso, cobria as têmporas em leves ondas, dando uma moldura para o seu rosto moreno, de formato eslavo, intensamente simpático com seu nariz arrebitado, com os ossos das maçãs do rosto bastante salientes e os pequenos olhos negros e brilhantes. Tensa, desconfiada e ao mesmo tempo irritada, ela observava, com um olhar de soslaio e apertado, o seu trabalho...

Ele estava em pé ao seu lado, com a mão direita apoiada na cintura e com a esquerda virando, apressada, o bigode. Suas sobrancelhas oblíquas faziam um movimento esforçado e carregado, enquanto assobiava baixinho, como de costume. Estava vestido com extremo cuidado e sobriedade, num terno cinza de corte discreto. Mas na testa sulcada, sobre a qual o cabelo escuro se partia tão simples e correto, notava-se um estremecimento nervoso, e os traços sulcos de seu rosto já estavam marcados, como que delineados e pronunciados por um lápis duro de lousa, apesar de sua boca apresentar contornos suaves e seu queixo ser delicado...

Depois de algum tempo passou a mão sobre a testa e os olhos, e virou-se.

— Não devia ter vindo — disse.

— Por que não devia, Tonio Kröger?

— Levantei-me há pouco do meu trabalho, Lisavieta, e a minha cabeça está como esta tela: um cavalete, um pálido esboço, sujo de correções e algumas manchas coloridas. Sim, e agora venho e vejo o mesmo. E também encontro de novo o conflito e o contraste que me atormentam em casa — disse Ele, farejando o ar. — É estranho! Quando um pensamento nos domina, nós o encontramos expresso em todos os lugares, nós o cheiramos até no vento. Fixador e aroma de primavera, não é?

Arte e — sim, que é a outra coisa? Não diga “natureza” —, Lisavieta, a “natureza” não é extenuante. Ah! Não!

Teria sido melhor eu dar um passeio, apesar de existir a dúvida de que me sentisse melhor ou não. Há cinco minutos, não longe daqui, encontrei um colega, Adalberto, o novelista. “Que vá para o inferno a primavera!”, disse, no seu modo agressivo. “É e continua a ser a mais horrível estação do ano! O senhor consegue apanhar um pensamento racional, Kröger, o senhor pode aprimorar, tranqüilamente, o melhor chiste e efeito quando seu sangue formiga, de uma maneira indecente, e uma porção de sensações estranhas que o desassossegam, assim que as examina, se revelam como coisas decididamente triviais e completamente inúteis?

Quanto a mim, vou agora ao café. É uma região neutra, incólume à mudança da estação, sabe?, representa, por assim dizer, a esfera distante e elevada da literatura, na qual só se é capaz de idéias nobres...!”

E Ele foi ao café; e eu devia ter ido com Ele, talvez.

— Lisavieta divertiu-se.

— Essa é boa, Tonio Kröger. O dito do “formigar indecente” é bom. E de certo modo Ele tem razão, porque não se consegue realizar nada de extraordinário na primavera. Mas agora preste atenção. Apesar de tudo, ainda vou fazer esta pequena coisa aqui, este pequeno chiste e efeito, como diria Adalberto. Depois vamos ao “salão”, e tomamos chá e você desabafa, pois vejo perfeitamente que hoje está carregado. Até lá, acomode-se em algum lugar, naquele caixote, por exemplo, se não tiver receio pelo seu terno aristocrático...

— Ora, deixe-me em paz com ternos, Lisavieta Ivanovna! Deseja que eu ande com uma jaqueta rasgada de veludo ou use um colete de seda vermelha?

Como artista sempre se é, interiormente, aventureiro suficiente. Exteriormente a gente deve vestir-se bem, diabo! e comportar-se como homem decente... Não, carregado não estou — disse Ele, e observou-a preparar uma mistura na paleta. — Já ouviu que e somente um problema e um contraste que estão no meu pensamento e me perturbam no trabalho... Sim, de que estávamos falando agora mesmo? De Adalberto, o novelista, e que homem orgulhoso e firme Ele é. “A primavera e a mais horrível estação do ano”, disse Ele, e foi para o café. Deve-se saber o que se quer, não é verdade? Veja, também a mim a primavera põe nervoso, também a mim a encantadora trivialidade dos anseios e sentimentos que ela desperta me põe confuso; só que não consigo repreendê-la e desprezá-la por isso; pois acontece que me envergonho dela, envergonho-me de sua pura naturalidade e de sua triunfante mocidade. Não sei se devo

invejar Adalberto ou menos — desprezá-lo, porque não entende nada disso... Trabalha-se mal na primavera, é certo, e por quê? Porque se sente. E porque é um ignorante aquele que acredita que o criador pode sentir. Todo verdadeiro e sincero artista sorri da ingenuidade deste engano charlatão; melancólico, talvez, mas sorri. Pois aquilo que se diz nunca deve ser o essencial, mas tão-somente o material, indiferente em princípio, de que se compõe a criação estética numa leve e serena superioridade. Se der demasiado valor àquilo que tem a dizer, se o seu coração bater com calor demasiado por isso, pode estar certa de um completo fiasco. Você torna-se sentimental, algo de pesado, de sério-desajeitado, sem ironia, desgovernado, sem tempero, monótono, banal se forma sob suas mãos, e o fim é nada mais que indiferença por parte das pessoas, nada mais que desilusão e lamentação de sua parte... Pois, Lisavieta: o sentimento, o cálido e cordial sentimento é sempre banal e sem utilidade; artísticos são somente nossas irritações e os frios êxtases de nosso corrompido e artificioso sistema nervoso. É preciso que se seja algo fora da humanidade ou desumano, que se esteja para a humanidade numa relação estranhamente distante e indiferente, para ser-se capaz de interpretar ou mesmo sentir-se tentado a isso, interpretar para apresentar de modo efetivo e com gosto. O dom para o estilo, forma e expressão já pressupõe esta fria e descontente relação para com a humanidade. Pois o sentimento são e forte — isto está confirmado — não tem gosto. Morre o artista quando se torna homem e começa a sentir. Isto sabia Adalberto e por isso foi ao café, para a “esfera distante”, sim senhora!

— Então, que Deus esteja com Ele, disse Lisavieta, e lavou as mãos numa bacia de folha.

— Afinal, não precisa segui-lo.

— Não, Lisavieta, não o sigo, e unicamente porque, de vez em quando, sou capaz, de envergonhar-me da minha primavera de artista. Veja, de quando em quando, recebo cartas de mãos estranhas, elogios e agradecimentos de um dos meus leitores, mensagens admiráveis de pessoas emocionadas. Leio estas cartas e um enternecimento penetra-me, em face do cálido e acanhado sentimento humano que aqui minha arte despertou, uma espécie de pena apossa-se de mim, encarando o ingênuo entusiasmo que fala das linhas, e coro ao pensar quanto este sincero ser humano ficaria entibiado se desse uma olhadela atrás dos bastidores, quando sua inocência compreendesse um dia que um homem honrado, são e decente de maneira alguma escreve, representa, compõe... tudo isto não impedindo que utilize seu entusiasmo por meu gemo, a fim de enaltecer e estimular-me, que o tome muito a sério e que faça, além disso, a cara de um macaco que representa um grande homem... Ora, não me interrompa, Lisavieta! Eu lhe digo que muitas vezes me sinto cansado para morrer de representar o humano sem tomar parte do humano...

O artista afinal é um homem? Que perguntem “à mulher” por sua opinião! A mim me parece que nós, artistas, todos partilhamos um pouco do destino daqueles meninos cantores... Cantamos com enternecente beleza. Todavia...

– Devia envergonhar-se um pouco, Tonio Kröger.

Venha agora tomar o seu chá. A água já vai ferver, e aqui há cigarros. O senhor parou no canto soprano; continue daí. Mas envergonhe-se. Se eu não soubesse com que paixão orgulhosa se dedica à sua profissão...

– Não fale em “profissão”, Lisavieta Ivanovna! A literatura não é profissão alguma, e sim uma maldição – que saiba disso. Quando é que começa a se fazer sentir esta maldição? Cedo, terrivelmente cedo. Em um tempo quando facilmente ainda se pode viver em paz e harmonia com Deus e o mundo. Você começa a se sentir marcada, num contraste misterioso para com os outros, os comuns, os cordeiros; o abismo da ironia, da descrença, da oposição, da cognição, do sentimento, que a separa dos homens, torna-se mais e mais profundo, está isolada e daí em diante não há mais entendimento. Que destino! Supondo que o coração esteja suficientemente vivo, e continuou suficientemente amoroso, e um sentimento horrível.... Sua consciência incendeia-se porque, entre milhares, sente a marca na sua testa, e percebe que a ninguém escapa. Conheci um ator genial que, como homem, tinha de lutar contra uma doentia timidez e inconstância. Seu sobreexcitado sentimento de personalidade unido à escassez de papéis, de tarefa representativa, causavam isto neste artista completo e homem empobrecido... Um artista, um verdadeiro artista, não um para quem a arte é sua profissão civil, mas um predestinado e amaldiçoado, este você nota com pouca perspicácia entre a multidão. O sentimento de separação e estranheza, de saber-se reconhecido e observado, algo ao mesmo tempo régio e embaraçado, é notado em seu rosto, Nos traços de um duque que, em trajes civis, passa pela multidão, pode-se ver algo semelhante. Mas aqui não ajuda o civil, Lisavieta!. Ponha um disfarce, uma máscara, vista-se como um adido de embaixada ou um tenente da guarda em férias.

Mal precisa levantar os olhos e dizer uma palavra e todos saberão que você não é humana, mas algo estranho, admirável, diferente... Mas que é o artista? Perante nenhuma outra pergunta a comodidade e a preguiça de conhecimento da humanidade patentearam-se tão rígidas. “Isso é dom”, diz com humildade a boa gente que está sob efeitos de um artista, porque efeitos alegres e elevados, na sua opinião benévola, devem ser incondicionalmente também de origem alegre e elevada; ninguém. desconfia de que aqui talvez se trate de algo extremamente ruim, de um “dom” extremamente duvidoso... Sabemos que os artistas se sentem

facilmente ofendidos — bem, também se sabe que com pessoas de boa consciência e de sólida personalidade, isto geralmente não se dá... Veja, Lisavieta, nutro contra o tipo de artista, no fundo de minha alma — em sentido figurado —, a inteira desconfiança que todos os meus honrados antepassados, na acanhada cidade, teriam demonstrado a qualquer saltimbanco e artista aventureiro. Ouça o seguinte. Conheço um banqueiro, um comerciante grisalho, que possui o dom de escrever novelas. Faz uso deste seu dom nas horas de folga e seus trabalhos são, às vezes, excelentes. Apesar — digo “apesar” — desta sublime disposição, este homem não é inteiramente honrado; ao contrario, já cumpriu uma grande sentença e por motivos decisivos. Sim, pode-se dizer que foi na prisão que reconheceu o seu dom e suas experiências como preso formariam a base fundamental de todas as suas produções. Poder-se-ia, com alguma audácia, chegar à conclusão de que é preciso ter estado em alguma prisão para se tornar poeta. Mas não se impõe a suspeita de que suas experiências na prisão estivessem, intimamente, menos ligadas às raízes e origens de seu dom artístico, do que aquilo que o levou para lá? Um banqueiro que escreve novelas é raro, não é? Mas um banqueiro, honrado e respeitado e não-criminoso, que escreve novelas — isso não existe... Sim, está rindo agora. e, no entanto, só falo meio brincando.

Nenhum problema, nenhum neste mundo, é mais angustioso que o do dom artístico e seu efeito humano. Pegue a obra mais admirável do típico e, portanto, mais poderoso artista, pegue uma obra tão mórbida e pro — fundamente ambígua como Tristão e Isolda, e observe o efeito que esta obra tem sobre o homem jovem, são, com sentimentos fortes e normais. Verá elevação, fortificação, cáldo e honesto entusiasmo, talvez o impulso para pessoalmente criar algo “artístico”... O bom amador! Dentro de nós, artistas, a coisa é muito diferente do que Ele, com seu “cáldo coração” e “honesto entusiasmo” possa imaginar. Vi artistas adorados e aplaudidos freneticamente por mulheres e rapazes, enquanto eu os conhecia... A gente faz, ao que se refere à origem, aos aspectos e às condições artísticas, sempre de novo, as mais estranhas descobertas...

— Nos outros, Tonio Kröger — desculpe —, ou não somente nos outros?

Ele calou-se. Franziu suas sobrancelhas oblíquas e assobiou.

— Peço que me dê sua xícara, Tonio. Não está forte.

E tome um novo cigarro. De mais a mais, sabe muito bem que encara estas coisas como não precisam, necessariamente, ser encaradas...

— Esta é a resposta de Horácio, querida Lisavieta.

“Olhar assim as coisas, quer dizer, olhá-las com demasiada minúcia”, não é verdade?

– Eu digo que podem ser olhadas do mesmo modo de um outro prisma, Tonio Kröger. Sou apenas uma mulher boba que pinta, e se, ainda assim, sei replicar, se posso proteger um pouco a sua própria profissão, por certo não é nada de novo o que apresento, mas somente uma lembrança para o que você mesmo sabe muito bem... Bem: o efeito purificante e sanador da literatura, a destruição das paixões pela inteligência e pela palavra, a literatura como caminho para a compreensão.

Para o perdão e o amor, o poder libertador da linguagem, o espírito literário como fator mais nobre do espírito humano, o literato como homem perfeito, como santo – encarar as coisas assim seria dizer não as encarar com suficiente precisão?

– Tem razão de falar assim, Lisavieta Ivanovna, em consideração, sem dúvida, às obras dos seus poetas, a adorável literatura russa, que de fato representa a santa literatura da qual você fala. Mas não deixei de prestar atenção às suas objeções, elas fazem parte do que está hoje no meu pensamento... Olhe para mim. Não estou com bom aspecto, não lhe parece? Um pouco velho, as linhas do rosto marcadas, um pouco cansado, não é verdade? Então, para voltar ao “reconhecimento”, assim se poderia imaginar um homem que, de nascença crente, meigo, benévolo e um pouco sentimental, seria simplesmente aniquilado pela clarividência psicológica. Não se deixar vencer pela tristeza do mundo; observar, perceber, mesmo a maior angústia, e estar de bom humor, sentindo-se absolutamente elevado sobre a abominável invenção do ser – sim., certamente! No entanto, apesar de todos os regozijos da expressão, a coisa toma conta de você. Tudo compreender quer dizer tudo perdoar? Não sei ao certo. Existe algo que eu chamo de nojo do conhecimento, Lisavieta. O estado no qual basta a um homem penetrar uma coisa para se sentir enojado a ponto de querer morrer (e sem nenhuma disposição para perdoar) é o caso de Hamlet, do dinamarquês, desse literato típico. Ele sabia o que era isto: ser destinado ao conhecimento sem ter nascido para isso. Divisar, ainda através do véu de lágrimas do sentimento, reconhecer, perceber, observar e, sorrindo, ter que pôr de lado o que observou, ainda no momento em que as mãos se entrelaçam, os lábios se encontram, onde o olhar humano, cego pela sensação, se quebra – é infame, Lisavieta, é vil, é revoltante... mas de que adianta revoltar-se? Um outro lado da coisa, não menos delicado, é certamente o fastio, a indiferença e o cansaço irônico contra toda a verdade; é um fato que em nenhuma parte do mundo sucede ser tão calado e sem esperança quanto no círculo de gente de espírito que já está calejado. Todo o conhecimento é velho e monótono. Diga uma verdade, pela conquista e posse da qual você sente uma espécie de alegria juvenil, e sua ilustração ordinária será respondida por um curtíssimo desprendimento de ar pelo nariz... Ah! sim, a literatura cansa,

Lisavieta! Numa sociedade humana pode acontecer que — isto lhe garanto —, de tanto ceticismo e abstinência de opinião, se seja considerado tolo, quando se é nada mais que orgulhoso e sem coragem... Isto, quanto ao “reconhecimento”. Porém, quanto à “palavra”, talvez aí se trate menos de uma libertação do que de uma conservação e congelação do sentimento. Falando sério, há uma circunstância gélida e revoltantemente presumida com esta conclusão rápida e supérflua do sentimento. Se o seu coração está cheio, se se sente demasiadamente emocionada com um acontecimento doce e elevado, nada mais simples! Vá a um literato e tudo será resolvido no menor espaço de tempo. Ele analisará e formulará o seu assunto, dar-lhe-á um nome, expressá-lo-á e fará com que lhe diga algo.

Vai resolver e tornar tudo indiferente para você, por todo o tempo, e não aceitará agradecimentos. Você, porém, vai para casa aliviada, refrescada e esclarecida, e vai cismar o que havia no assunto, ainda há pouco, que podia, num tão doce tumulto, perturbá-la. E quer defender seriamente este frio charlatão? O que é expresso, assim reza o seu credo, está acabado. Se o mundo todo for expressado, então está acabado, libertado, posto de lado... Muito bem. Porém, eu não sou niilista...

— Você não é... — disse Lisavieta. Estava justamente segurando sua colherzinha com chá perto da boca e ficou paralisada nessa atitude.

— Pois bem... pois bem... volte a si, Lisavieta! Eu não o sou, digo-lhe em relação ao sentimento vivo. Veja, o literato, no fundo, não compreende que a vida pode continuar a viver, que não se envergonha disto, depois de, afinal, ter sido expressada e “terminada”. Mas veja só, apesar de toda libertação, continua pecando sem parar, através da literatura; pois toda ação é pecado aos olhos do espírito. Cheguei ao termo, Lisavieta. Ouça-me. Amo a vida — isto é uma confissão. Aceite-a e guarde-a — eu nunca a fiz a ninguém. Disseram, escreveram mesmo e fizeram imprimir que odeio, ou temo, ou desprezo, ou detesto a vida. Gostei de ouvi-lo, lisonjeou-me; mas nem por isso é menos falso. Amo a vida...

Você sorri, Lisavieta, e sei a respeito de quê. Mas eu lhe imploro, não tome por literatura o que diz aí! Não pense em César Bórgia ou alguma filosofia ébria, que o ergueu sobre um pedestal! Nada significa para mim, a este César Bórgia não lhe dou o mínimo valor e jamais compreenderei como se pode venerar como ideal o extraordinário e o demoníaco. Não, a “vida”, como se apresenta em eterno contraste ao espírito e à arte — não como visão de grandeza sangrenta e beleza selvagem, não como o extraordinário se apresenta a nós, extra-ordinários; porém, a normalidade, o decoro, a amabilidade é o reino de nossas saudades, é a vida na sua tentadora banalidade! Longe está de ser um

artista, minha querida, cuja última e mais profunda exaltação é o requinte, o excêntrico, o satânico, que não conhece a saudade pelo inofensivo, simples e vivo, por um pouco de amizade, dedicação, intimidade e felicidade humana — a saudade secreta e consumidora, Lisavieta, pelas delícias do trivial!... Um amigo humano! Acredita que me tornaria orgulhoso e feliz de possuir um amigo entre os homens? Mas até então só tive amigos entre demônios, espíritos baixos e espectros mudos na sua ignorância, isto quer dizer: entre literatos. Às vezes me vejo num púlpito, encontro-me numa sala em frente de pessoas que vieram para ouvir-me. Veja, então acontece que me observo olhando em redor do público, descubro como secretamente passo os olhos no auditório, com a pergunta no coração: quem veio a mim, qual aplauso e agradecimento chega até a mim, com quem minha arte cria aqui uma união ideal... Não encontro o que procuro, Lisavieta. Encontro o rebanho e a congregação que conheço bem, uma reunião de primeiros cristãos, mais ou menos: pessoas com corpos desajeitados e almas finas, pessoas que sempre caem, por assim dizer, compreende? e para as quais a poesia é uma suave vingança contra a vida — sempre só sofredores e ansiosos, e pobres; nunca alguém dos outros, dos de olhos azuis, Lisavieta, que não necessitam do espírito! E, afinal, não seria uma triste falta de lógica alegrar-se, se fosse de outra maneira? É absurdo amar-se a vida e no entanto empenhar todos os artifícios em puxá-la para o nosso lado, conquistá-la para as sutilezas e melancolias e toda a doentia nobreza da literatura. O reino da arte cresce e o da saúde e inocência decresce sobre a terra. O que ainda sobra disto devia ser conservado com o maior zelo, e não se deve seduzir para a poesia aqueles que preferem ler livros sobre cavalos, com ilustrações! Por que afinal — que espetáculo seria mais lastimável do que o da vida quando tenta a arte? Nós, artistas, não desprezamos ninguém tão profundamente como o amador, o vivo, aquele que por uma vez, ocasionalmente, pensa poder ser artista. Afianço-lhe, esta espécie de desprezo pertence às minhas pessoalíssimas experiências. Encontro-me numa reunião em casa de gente fina; come-se, bebe-se, conversa-se; há um entendimento perfeito; sinto-me alegre e ato de poder, por alguns momentos, desaparecer, como que fazendo parte deles, entre estas ingênuas e verdadeiras pessoas. Repentinamente (isto me aconteceu) ergue-se um oficial, um tenente, um homem belo e forte, o qual eu nunca julgaria capaz de um ato indigno de sua farda de honra, e pede, com palavras que não deixam dúvida, licença para nos apresentar uns versos que tinha composto. Dá-se, com um sorriso consternado, esta licença, e Ele executa sua intenção, lendo de um pedaço de papel, que até então conservara escondi — do no seu paletó; era algo à música e ao amor, para encurtar, com tanto sentimento como sem efeito. Agora peço-lhe: um tenente! Um homem do mundo! Ele de fato não teria necessidade... Bem, segue o que tem que seguir: rostos compridos, silêncio, uns poucos

aplausos artificiais e profundo mal estar, em volta. O primeiro fato psíquico do qual me dou conta é o de que me sinto co-culpado na perturbação que este jovem irrefletido ocasionou à reunião; e não há dúvida: também a mim, no ofício de quem Ele se havia metido, chegam olhares irônicos e surpresos. O segundo fato consiste em que este homem, perante o ser e a natureza do qual ainda há pouco tinha sentido o mais sincero respeito, repentinamente, desce aos meus olhos, desce, desce...

Possui-me uma benevolente compaixão. Acerco-me dele, como alguns outros senhores alentados e bondosos, e lhe dou boas palavras. “Meus parabéns”, digo, “senhor tenente! Que belo dom! Foi muito gracioso!” E pouco falta para eu dar-lhe uns tapinhas nas costas. Mas é benevolência o sentimento que se deve oferecer a um tenente?... Sua culpa! Ali estava Ele, e penitenciava-se, com grande embaraço, pelo erro de pensar que se podia apanhar uma folhinha, uma única, do loureiro da arte, sem ter que pagar com sua vida. Não, neste caso prefiro o meu colega, o banqueiro criminoso... Mas não acha, Lisavieta, que hoje estou com uma loquacidade hamletiana?

– Terminou agora, Tonio Kröger?

– Não, mas não digo mais nada.

– Também, basta. Espera uma resposta?

– Tem alguma?

– Penso que sim. Dei-lhe bastante atenção, atrás, desde o começo até o fim, e quero dar-lhe a resposta que serve para tudo o que disse hoje de tarde, e que é a solução para o problema que o desassossega tanto. Bem! A solução é que você, assim como está sentado aí, é simplesmente um burguês.

– Sou? – perguntou Ele, e afundou um pouco dentro de si mesmo...

– Não é? isto o atinge severamente, e assim deve ser. E por isso quero suavizar um pouco a sentença, pois isto posso fazer. Você é um burguês em caminhos errados, Tonio Kröger – um burguês errante.

Silêncio. Depois Ele levantou-se decidido e apanhou o chapéu e a bengala.

– Eu lhe agradeço, Lisavieta Ivanovna, agora posso ir consoladamente para casa. Estou liquidado.

Lá pelo outono, Tonio Kröger disse para Lisavieta Ivanovna:

– Bem, eu agora vou viajar, Lisavieta; tenho de arejar-me, vou embora, vou procurar a distância.

– Como assim, paizinho, pretende ir novamente à Itália?

– Meu Deus! deixe-me em paz com a Itália, Lisavieta! A minha indiferença pela Itália chega ao desprezo! Faz muito tempo que imaginei pertencer àquele lugar. Arte, não é? Céu azul veludoso, vinho quente e doce sensualidade... Em resumo, não gosto disso.

Renuncio. Toda aquela beleza me põe nervoso. Também não gosto daquela gente lá de baixo, terrivelmente animada, com o escuro olhar de animal. Estes romanos não têm consciência no olhar... Não, vou agora um pouco para a Dinamarca.

– Para a Dinamarca?

– Sim. Espero boas coisas de lá. Por coincidência, nunca cheguei até lá em cima, apesar de, na minha juventude, estar tão perto da fronteira; no entanto, sempre conheci e amei aquele país. Esta inclinação nórdica deve vir do meu pai, pois minha mãe era mais pela beleza, até um certo ponto, pois de resto tudo lhe era indiferente. Mas veja os livros que lá são escritos, estes livros profundos, puros e humorísticos, Lisavieta – nada me diz mais, eu os amo. Veja as refeições escandinavas, estas refeições incomparáveis, que só suportamos num forte ar salino (nem sei se ainda as suporto) e que conheço um pouco de casa, pois se come assim na minha cidade natal. Veja também os nomes. Os nomes de batismo, com os quais a gente de lá é enfeitada, estes que também já existem muito, na minha cidade, um som como Irigeborg –, um toque de harpa de impecável poesia. E depois o mar – tem o mar Báltico – em cima... Em poucas palavras, sigo para lá, Lisavieta. Quero ver de novo o mar Báltico, quero ouvir outra vez esses nomes de batismo, ler aqueles livros no local; quero ficar no terraço de Kronberg, onde o espírito veio ter com Hamlet e trouxe miséria e morte sobre o pobre e nobre jovem...

– Como viajará, Tonio, se permite que indague?

Qual o itinerário?

– O comum – disse Ele encolhendo os ombros e enrubescendo visivelmente. – Sim, eu toco meu ponto de partida, Lisavieta, depois de treze anos, e isto pode ficar muito engraçado.

Ela sorriu.

– Era isto, o que eu queria ouvir, Tonio Kröger.

Viaje com Deus. Não se esqueça de me escrever, ouviu? Prometo a mim mesma uma carta cheia de aventuras desta sua viagem para a Dinamarca...

E Tonio Kröger foi para o norte. Viajou com conforto (pois costumava dizer: “Alguém que interiormente tem uma vida tão mais difícil que outros tem direito de reivindicar um pouco de conforto

exterior”) e não descansou enquanto não viu as torres da acanhada cidade de onde saíra erguerem-se no ar cinzento, à sua frente.

Ali teve uma curta e estranha estada...

Era uma tarde nebulosa, já caindo a noite, quando o trem entrou na estação estreita, enfumaçada e tão singularmente familiar; a fumaça continuava aglomerando-se embaixo do sujo teto de vidro e escoava em pedaços alongados para um e outro lado, como na ocasião em que Tonio Kröger, nada mais tendo no coração que ironia, saíra dali. Cuidou de sua bagagem, deu ordens para que fosse levada para o hotel e deixou a estação.

Estas eram as carruagens da cidade, a dois cavalos, largas, pretas e excessivamente altas, enfileiradas — fora! Não tomou nenhuma; somente as olhou, como olhava tudo, as esguias cumeeiras e torres agudas que saudavam sobre os telhados mais próximos; a gente loura e descuidadamente desajeitada, com seu modo de falar largo e no entanto rápido, em volta dele; um riso nervoso, que tinha um secreto parentesco com soluço, começou a dominá-lo. Andou a pé, andou devagar, a pressão constante do vento úmido no rosto; passou a ponte, no parapeito da qual havia estátuas mitológicas, e seguiu por um trecho do porto.

Deus, como parecia tudo pequeno e anguloso! As ruas com as casas de cumeeiras esguias sempre tinham subido tão ridiculamente para a cidade? As chaminés e os mastros dos navios, sobre o rio turvo, balançavam levemente, ao vento e no crepúsculo. Devia subir aquela rua, a rua onde ficava a casa que estava em seu pensamento? Não, amanhã. Agora estava tão sonolento. Sua cabeça estava pesada da viagem e pensamentos lentos e vagos passavam por sua mente.

De vez em quando, durante estes treze anos, quando passava mal do estômago, sonhava que estava de novo em casa, naquela casa velha, ecoante, da rua inclinada; que seu pai também estava e ralhava com Ele por causa do seu modo degenerado de vida, o que sempre achara muito justo. E o presente não se diferenciava em nada das visões enganadoras e ilaceráveis do sonho, no qual nos perguntamos se isto é ilusão ou realidade, e, forçados pela convicção, nos decidimos pelo último, para, no fim de tudo, acordar... Andou pelas ruas pouco movimentadas, a cabeça inclinada contra o vento, e dirigiu-se como um sonâmbulo para o hotel, o primeiro da cidade, onde queria pernoitar. Um homem de pernas tortas, levando uma vara, com uma chama ardendo na ponta, andava num passo ondulante de marinheiro na frente dele e acendia os lampiões de gás.

Que havia com Ele? Que era tudo isso que, embaixo da cinza do seu cansaço, sem tornar-se uma chama clara, abrasava tão obscuro e dolorido? Quietos, quietos, e nenhuma palavra! Nenhuma palavra! Teria

gostado de andar assim por mais tempo, no vento, pelas ruas em crepúsculo quiméricas e familiares. Mas tudo era tão estreito e perto. Logo se chegava ao destino.

Na cidade alta havia lampiões em arcos e justamente começavam a acender-se. Ali estava o hotel e, deitados na sua frente, os dois leões pretos, dos quais sentira medo quando criança. Continuavam olhando um para o outro como querendo espirrar, mas pareciam ter diminuído desde aquele tempo. Tonio Kröger passou entre Eles.

Como vinha a pé, foi recebido sem muitas cerimônias.

O porteiro e um senhor muito fino, vestido de preto, que fazia as honras da casa e que constantemente empurrava, com o dedo mínimo, os punhos de sua camisa para dentro da manga, observaram-no, atentos e especulando, dos pés à cabeça, visivelmente esforçados em qualificá-lo socialmente, acomodá-lo hierárquica e civilmente, e indicar-lhe um lugar no seu respeito, sem todavia chegarem a um resultado satisfatório, e por isso decidiram-se por uma cortesia moderada. Um garçom, homem suave de suíças ruivas, um fraque lustroso de velho e rosetas sobre os sapatos silenciosos, levou-o duas escadas acima para um quarto limpo e mobiliado à antiga, atrás de cuja janela se descortinava, no crepúsculo, uma vista pitoresca e medieval, sobre quintais, cumeeiras e os bizarros volumes das igrejas, nas proximidades da localização do hotel. Tonio Kröger ficou durante algum tempo em frente dessa janela; depois sentou-se, de braços cruzados, no largo sofá, franziu as sobrancelhas e assobiou.

Trouxeram luz e sua bagagem chegou. Ao mesmo tempo o humilde garçom colocou uma ficha na mesa e Tonio Kröger desenhou nela, de cabeça inclinada para o lado, algo que se parecia com nome, estado civil e procedência. Após isso pediu um pequeno jantar e continuou, do canto do sofá, a olhar para o nada. Não tocou na refeição depois de ela estar na sua frente por muito tempo; finalmente, comeu alguns bocados e andou no quarto, de um lado para o outro, parando de vez em quando e fechando os olhos. Depois despiu-se com movimentos lentos e foi para a cama.

Dormiu longamente e teve sonhos emaranhados e estranhamente saudosos.

Quando acordou, viu seu quarto iluminado pelo dia claro. Confuso e rápido, refletiu sobre onde estava e levantou-se para abrir as cortinas. O céu, já de um azul-pálido de fim de verão, estava coberto por farrapos de nuvens, desfeitas pelo vento, mas o sol batia sobre sua cidade natal.

Lavou-se e fez a barba com todo o cuidado, vestiu-se com mais

apuro que habitualmente e preparou-se com tanto esmero como se estivesse para fazer uma visita cerimoniosa, onde seria necessário fazer uma impressão boa e irrepreensível; e, durante os movimentos de arrumar-se, escutava as angustiosas batidas do seu coração.

Como estava claro lá fora! Se, como ontem, o crepúsculo estivesse sobre as ruas, ter-se-ia sentido melhor; agora deveria ir, sob os olhares das pessoas, pelo claro brilho do sol. Encontraria conhecidos, fa-lo-iam parar, perguntariam como passara estes treze anos e teria que responder-lhes? Não, graças a Deus! Ninguém mais o conhecia e quem se lembrasse dele não o reconheceria, pois, de fato, mudara um pouco nesse meio tempo. Observou-se atentamente no espelho e, de repente, sentiu-se mais seguro atrás de sua máscara, atrás de um rosto marcado antes do tempo, que era mais velho que sua idade... Mandou vir o café e depois saiu, e, sob os olhares apreciativos do porteiro e do elegante homem de preto, passou pelo vestíbulo e entre os dois leões para a rua.

Para onde ia? Não o sabia. Era como ontem. Assim que se via próximo à mágica dignidade das cumeeiras, torrinhas, arcadas e poços, sentia de novo no rosto a pressão do vento, do vento forte que trazia um aroma delicado e acre de longínquos sonhos; então, como que um véu, uma teia de névoa se deitava sobre os seus sentidos... Os músculos de seu rosto distendiam-se; e com o olhar, que ficara calmo, observou a gente e as coisas. Talvez, naquela esquina da rua, ainda acordasse.

Para onde ia? Parecia-lhe que a direção que tomara tinha alguma relação com os sonhos tristes e estranhos durante a noite... Passando sob as abóbadas da câmara, foi para o mercado, onde os açougueiros, com as mãos ensangüentadas, pesavam suas mercadorias, na Praça do Mercado, com o poço gótico alto e de pontas agudas. Lá, parou em frente de uma casa estreita e simples como muitas outras, com uma cumeeira arqueada e rendilhada, e perdeu-se em devaneios. Leu o nome na placa da porta e deixou seus olhos descansarem um pouco em cada janela. Depois virou-se vagarosamente para afastar-se.

Para onde ia? Para casa. Mas tomou um caminho indireto, fez um passeio pelo portal da cidade, porque tinha tempo. Foi pelo Muehlenwall e Hollstenwall e segurou com força o seu chapéu contra o vento que soprava e rangia nas árvores. Depois deixou os diques na proximidade da estação, observou um trem que passava bufando como tosca diligência, contou os vagões por divertimento e acenou para o homem que estava sentado no último carro, bem no alto. Mas no Largo das Tílias parou em frente de um dos bonitos palacetes que lá se encontravam, espiou o jardim e as janelas e, finalmente, acabou gingando o portão do jardim nos gonzos, fazendo-o ranger. Depois olhou por algum tempo a sua mão, que ficara fria e suja de ferrugem, e continuou seu caminho; andou pelo velho

e baixo portal e pelo porto e subiu a íngreme e ventosa rua para a casa de seus pais.

Ela ficava metida entre as casas vizinhas, sua cumeeira dominando as outras, cinza e séria como há trezentos anos, e Tonio Kröger leu o aforismo religioso que estava, em letras quase apagadas, sobre a entrada.

Depois, tomando fôlego, entrou.

Seu coração batia angustiada, pois esperava ver seu pai sair de uma das portas do andar térreo, por onde passava; com o paletó que usava no escritório e a caneta atrás da orelha, esperava fazê-lo parar e interpelar com severidade o seu modo extravagante de viver, o que teria achado muito justo. Mas passou sem ser importunado. A porta de vaivém não estava fechada, somente encostada, o que lhe pareceu repreensível; sentiu-se, ao mesmo tempo, como nos sonhos mais leves quando os obstáculos se afastam por si e, protegidos por uma sorte milagrosa, conseguimos prosseguir sem dificuldade...

O largo vestíbulo, coberto com grandes azulejos quadrados, ecoava com os seus passos. Em frente à cozinha, onde havia silêncio, projetavam-se da parede, como antigamente, em apreciável altura, as estranhas e toscas porém limpas e laqueadas portas de madeira dos quartos de empregadas, que só podiam ser alcançadas do vestíbulo, por uma espécie de escada livre. Mas os grandes armários e os baús esculpidos não estavam mais nos seus lugares... O filho da casa subiu a imponente escada e apoiou sua mão no branco corrimão de madeira trabalhada, levantando-a a cada passo, recolocando-a de manso, no passo seguinte, como que tentando, timidamente, ver se lhe era possível restabelecer a antiga familiaridade com o velho e sólido corrimão... Mas no patamar parou em frente à entrada do primeiro andar. Presa à porta havia uma placa branca, na qual se lia em letras pretas: BIBLIOTECA PÚBLICA.

“Biblioteca Pública?”, pensou Tonio Kröger, pois achou que nem o público nem a literatura tinha algum direito de estar ali. Bateu na porta... Ouviu-se um “entre” e ele seguiu o convite. Curioso e aborrecido, observou uma modificação extremamente irreverente.

O andar consistia de três quartos comunicantes, cujas portas se achavam abertas. As paredes estavam cobertas, quase em toda a sua altura, com livros de encadernação igual, enfileirados sobre estantes escuras. Em cada sala, sentado atrás de uma espécie de balcão, encontrava-se um homem modesto, escrevendo. Dois deles apenas viraram a cabeça na direção de Tonio Kröger, mas o primeiro levantou-se apressado e, apoiando-se com as duas mãos sobre o tampo da mesa, inclinou a cabeça para a frente, fez um bico com os lábios e levantou as

sobrancelhas, encarando o visitante com os olhos piscando...

Desculpe – disse Tonio Kröger, sem tirar os olhos de todos aqueles livros –, sou estranho aqui, estou visitando a cidade. Esta então é a Biblioteca Pública? Daria licença para que eu desse uma olhada na coleção?

– Pois não! – disse o funcionário, e piscou com mais intensidade... – Certamente qualquer pessoa pode fazê-lo. O senhor apenas quer olhar... Deseja um catálogo?

– Obrigado – respondeu Tonio Kröger. – Eu me oriento com facilidade. – E com isto principiou a andar vagarosamente ao longo das paredes. Finalmente tirou um volume, abriu-o e ficou parado numa janela.

Aqui tinha sido a sala de almoço. Nesta sala tomavam a refeição matinal e não lá em cima, na grande sala de jantar, onde sobressaíam, da colgadura azul, brancas estátuas de deuses... Aquele ali tinha servido de dormitório. A mãe de seu pai morrera ali, sob lutas tremendas, apesar de sua idade, pois tinha sido uma dama da sociedade, ávida de prazeres, e tivera apego à vida. Mais tarde seu pai também dera ali o último suspiro, aquele senhor esguio, correto, um pouco melancólico e pensativo, com a flor do campo na lapela...

Tonio ficara sentado aos pés da cama mortuária, os olhos quentes, sincero e em completo abandono a um sentimento forte e mudo, ao amor e à dor. Também sua mãe estivera ajoelhada perto da cama, sua bela e ferosa mãe, totalmente desfeita em lágrimas ardentes; seguindo depois para distâncias azuis com o artista sulino... Mas lá atrás, o menor, o terceiro quarto, agora também cheio de livros vigiados por um modesto homem, durante muitos anos tinha sido seu. Para lá se dirigira quando voltava da escola, depois de fazer um passeio, como agora fizera: naquela parede estivera sua mesa., em cuja gaveta Guardara seus primeiros versos sentimentais e desamparados... A noqueira... Uma melancolia pungente fê-lo estremecer. Olhou de lado pela janela. O jardim estava em abandono, mas a velha noqueira estava no seu lugar, rangendo pesadamente e murmurando ao vento. E Tonio Kröger deixou seus olhos deslizarem de novo sobre o livro que tinha na mão, uma obra eminente muito conhecida por Ele.

Olhou para as linhas pretas dos grupos de composição, seguiu uma parte do discurso artístico, como na formação da paisagem subia, para um chiste e uma ação e terminava com grande efeito...

– Sim, isto é bem feito – disse, colocou o livro no lugar e virou-se. Então viu que o funcionário, de pé e com uma expressão mista de diligência em servir e pensativa desconfiança, deixava seus olhos piscarem.

– Uma coleção excelente, como vejo – disse Tonio Kröger. – Já consegui formar um conceito. Eu sou-lhe muito grato. Adeus. – E com estas palavras saiu pela porta; mas era uma saída duvidosa, e sentiu nitidamente que o funcionário, cheio de preocupação sobre esta visita, ainda ficaria durante minutos em pé, piscando com os olhos.

Não sentiu nenhuma inclinação para ir além. Estivera em casa. Lá em cima, nos quartos grandes, atrás da colunata, moravam estranhos, isto via; pois o fim da escada estava fechado por uma porta de vidro, que não existira antes, e na qual havia uma placa com um nome qualquer. Saiu, descendo as escadas, passou pelo vestíbulo e deixou a casa paterna. Num canto de um restaurante, absorto, fez uma refeição substancial e depois voltou para o hotel.

– Terminei tudo – disse ao elegante senhor de preto. – Sigo hoje à tarde. – Pediu sua conta e um carro que devia levá-lo ao porto, onde tomaria o navio para Copenhague. Depois subiu para o quarto, sentou-se em frente à mesa, silencioso e ereto, apoiando a face na mão. olhando, com olhos que nada viam, para o tampo da mesa. Mais tarde pagou a conta e preparou suas coisas. Na hora marcada o carro foi anunciado e Tonio Kröger desceu, pronto para viajar.

Embaixo, ao pé da escada, o elegante senhor de preto esperava por Ele.

– Desculpe! – disse, e empurrou com o dedo mínimo o punho da camisa para dentro da manga...

Peço desculpas, meu senhor, por ter que incomodá-lo por um minuto. O senhor Seehase – o proprietário do hotel – pede uma conferência de apenas duas palavras. Uma formalidade... Encontra-se lá atrás...

Quer ter a bondade de seguir-me?... É somente o Senhor Seehase, o proprietário do hotel.

E conduziu Tonio Kröger, com gestos convidativos, para o fundo do vestíbulo. Ali de fato se encontrava o Senhor Seehase. Tonio Kröger conhecia-o de vista, de velhos tempos. Era baixo, gordo, dê pernas tortas. Suas suíças aparadas tinham ficado brancas; mas continuava usando um colete de casaca, bem decotado, e um barrete bordado, de veludo verde.

Aliás, não estava só. Com Ele, perto de uma pequena prateleira para escrever, presa na parede, estava um policial com o capacete na cabeça; sua mão direita, enluvada, descansava sobre um papel que estava na prateleira, encarando Tonio Kröger com seu rosto honesto de soldado, como se esperasse que este, ao dar com sua presença, desaparecesse no

assoalho.

Tonio Kröger olhou de um para outro e ficou esperando.

– O senhor vem de Munique? – perguntou finalmente o policial com voz bondosa e pesada.

Tonio Kröger confirmou.

– Viaja para Copenhague?

– Sim, estou de viagem para o balneário dinamarquês.

– Balneário? Bem, o senhor tem que mostrar os seus documentos – disse o policial, pronunciando a última palavra com especial satisfação.

Documentos... Não tinha documentos. Tirou sua carteira e olhou; mas, afora algumas notas de dinheiro, só havia a correção de uma novela, que pensara terminar no local do seu destino. Não gostava de lidar com funcionários e nunca tirara um passaporte...

– Sinto muito – disse Ele –, mas não trago documentos comigo.

– Como? – disse o policial... – Nenhum? Como é seu nome?

Tonio Kröger deu a resposta.

– Isto é verdade? – perguntou o policial, esticando-se e abrindo, de repente, suas narinas o quanto pôde...

– Inteiramente verdade – respondeu Tonio Kroger.

– Qual é sua profissão?

Tonio Kröger engoliu em seco e disse sua profissão com voz firme. O Senhor Seehase ergueu a cabeça e, e olhou para o rosto dele com curiosidade.

– Hum! – disse o policial. – E o senhor declara não ter identidade com um indivíduo chamado... – Disse “indivíduo” e soletrou depois no papel rabiscado um nome complicado e romântico que parecia uma mistura aventureira de varias raças e o qual Tonio Kröger, no momento seguinte, já esquecerá. – O qual – continuou o policial –, de pais desconhecidos e de nacionalidade incerta, é procurado pela polícia de Munique, devido a varias fraudes e outros deslizes, e se encontra, provàvelmente, em fuga para a Dinamarca?

– Não, só declaro isto – disse Tonio, fazendo um movimento nervoso com os ombros. Isto fez uma certa impressão.

– Como? Ah! sim, pois bem! – disse o policial.

Mas o senhor não pode apresentar nada!

Também o Senhor Seehase intercedeu.

– Isto tudo é uma formalidade – disse Ele –, nada mais! Deve levar em consideração que o funcionário só cumpre com sua obrigação. Se o senhor pudesse identificar-se de alguma maneira... Um papel...

Todos silenciaram. Deveria acabar com tudo, dando-se a conhecer, dizendo ao Senhor Seehase que Ele não era um aventureiro de nacionalidade incerta, não era de nascença um cigano num carro verde, e sim o filho do Cônsul Kröger, da família Kröger? Não, não tinha vontade para isso. E estes homens da ordem pública não tinham um pouco de razão? De certo modo estava bem de acordo com Eles... Encolheu – os ombros e continuou calado.

– Que tem aí? – perguntou o policial. – Aí, na carteira?

– Aqui? Nada. É uma prova – respondeu Tonio Kröger.

– Prova? Como assim? Deixe ver.

E Tonio Kröger entregou-lhe seu trabalho. O policial estendeu-o na prateleira e começou a ler. Também o Senhor Seehase chegou mais perto e tomou parte na leitura. Tonio Kröger olhou sobre os ombros deles e observou em que trecho estavam. Era uma parte boa, um chiste e uma ação, que tinha conseguido produzir com excelência. Estava satisfeito.

– Veja! – disse Ele. – Aí está o meu nome. Eu escrevi isto e agora será publicado, compreende?

– Bem, isto basta! – disse o Senhor Seehase com firmeza. Juntou os papéis, dobrou-os e devolveu-os a Ele. – Isto tem que bastar, Petersen! – repetiu conciso, fechando furtivamente os olhos e sacudindo a cabeça. – Não podemos atrasar mais este senhor. O carro está esperando. Peço que desculpe o pequeno incômodo, meu senhor. O funcionário só cumpria com seu dever, mas eu lhe disse logo que estava na pista errada.

“É?”, pensou Tonio Kröger.

O policial não parecia estar bem de acordo; ainda disse qualquer coisa de “indivíduo” e “apresentar...”

Mas o Senhor Seehase levou o seu hóspede de volta pelo vestíbulo, sob repetidas expressões de pesar, acompanhou-o, passando entre os dois leões, até o carro, e fechou Ele mesmo a portinhola, demonstrando seu respeito. E depois, a ridiculamente alta e larga carruagem rolou aos solavancos, tilitante e barulhenta, pelas estreitas ruas abaixo até o porto...

Esta foi a estranha estada de Tonio Kröger em sua cidade natal.

O vil A noite caíra e a lua já subia num flutuante brilho prateado,

quando o navio de Tonio Kröger ganhou o mar. Envolvido no seu casaco contra o vento que aumentava mais, estava parado no gurupés e olhava para o escuro flutuar e para o movimento dos fortes e lisos corpos de ondas, lá embaixo, que cambaleavam uma ao redor da outra, e, encontrando-se, estalavam e dispersavam-se em direções inesperadas, para, repentinamente, espumando, relampejarem...

Um sentimento de silencioso encantamento possuiu-o. Estivera um pouco abatido, por quererem prendê-lo como aventureiro em sua cidade, sim — apesar de ter achado justo, de um certo modo. Mas depois, tendo embarcado no navio, tinha observado, como fizera as vezes em criança em companhia de seu pai, o embarque das mercadorias com as quais enchiam a funda barriga do navio, sob gritos que eram uma mistura de dinamarquês e dialeto alemão; tinha visto como além dos fardos e caixotes também desceram um urso polar e um tigre-real, em gaiolas com grades fortes, que por certo vinham de Hamburgo e destinavam-se ao jardim zoológico dinamarquês; e isto o distraía.

Depois, enquanto o navio desceu entre as margens rasas do rio, esquecera por completo o interrogatório do policial Petersen, e tudo o que fôra antes, seus doces e penitentes sonhos da noite, o passeio que fizera, o espetáculo da noqueira, tudo reavivou-se em sua alma. E, agora que o mar se abria, via de longe a praia na qual, quando menino, lhe fôra permitido devanear os sonhos veranis do mar, via a incandescência do farol e as luzes do hotel balneário onde se hospedara com seus pais... O mar Báltico! Inclinou a cabeça contra o forte vento salino que vinha imperioso e livre, envolvia-lhe as orelhas e produzia-lhe uma leve tonteira, um surdo atordoamento no qual a lembrança de tudo o que era mau, de todos os tormentos e erros, de vontades e esforços, afundavam indolentes e felizes. E, neste zunir, estalar, espumar e gemer em volta dele, acreditou ouvir o ranger da velha noqueira, o guinchar de um portão de jardim... Escurecia mais e mais.

— As estrelas, meu Deus! Olhe só para estas estrelas — disse repentinamente, com entonação pesada e cantante, uma voz que parecia vir de dentro de um tonel. Já a conhecia. Pertencia a um homem ruivo, vestido com simplicidade, de pálpebras vermelhas e um aspecto úmido e frio, como se acabasse de tomar banho. Fôra o vizinho de Tonio Kröger, durante o jantar na cabina, e havia consumido, com hesitação e movimentos modestos, porções espantosas de omelete de lagosta. Agora encostava-se ao lado dele na amurada e olhava para o céu segurando o queixo com o polegar e o indicador. Sem dúvida encontrava-se numa dessas disposições extraordinárias e festivas, nas quais as barreiras entre os homens caem, nas quais o coração também se abre para estranhos e a boca diz coisas que em outra ocasião, envergonhada, guardaria para si...

– Veja, senhor, aquelas estrelas. Ali estão elas brilhando; por Deus, o céu está repleto delas. Agora peço-lhe, quando se olha para cima e se pensa que muitas delas dizem ser cem vezes maiores que o mundo, como é que a gente se sente? Nós, homens, inventamos o telégrafo e o telefone e tantas outras aquisições da era moderna; sim, isto fizemos. Mas quando olhamos para cima é preciso reconhecer e compreender que, no fundo, somos uns vermes, vermes miseráveis e nada mais – tenho razão ou não, senhor? Sim, somos uns vermes! – respondeu a si mesmo, e acenou com a cabeça, humilde e abatido, para o firmamento.

“Ai!... não, este não tem a literatura no corpo!”, pensou Tonio Kröger. E daí a pouco lembrou-se de algo que tinha lido, a composição de um famoso escritor francês, sobre a cosmológica e psicológica maneira de encarar o mundo; tinha sido um palavreado muito fino.

Deu ao jovem uma resposta qualquer sobre sua observação profundamente sentida, e depois continuaram a falar enquanto olhavam a noite agitada, clara e movimentada, debruçados na amurada. Evidenciou-se ser o companheiro de viagem um jovem comerciante de Hamburgo, que aproveitava suas férias para esta viagem de recreio...

– Devia viajar um pouco de navio até Copenhague, pensei, e aqui estou, e até certo ponto tudo é bem bonito. Mas aquela omelete de lagosta não foi sensato, o senhor vai ver, pois a noite vai ser tempestuosa como o próprio comandante afirmou, e com uma comida tão pesada no estômago isto não é divertido...

Tonio Kröger ouviu toda esta afável tolice com um sentimento plácido e amigável.

– Sim – disse Ele –, come-se pesado demais aqui em cima. Isto faz a gente preguiçosa e melancólica.

– Melancólico? – repetiu o jovem, e olhou-o espantado... – O senhor é estranho aqui? – perguntou repentinamente...

– Ah! sim, venho de longe! – respondeu Tonio Kröger, fazendo um gesto vago com o braço, encerrando o assunto.

– Mas o senhor tem razão – disse o jovem.

Deus sabe que o senhor tem razão, no que disse da melancolia! Eu sou quase sempre melancólico, mas especialmente em noites como esta, quando as estrelas estão no céu. – E apoiou de novo o seu queixo com o polegar e o indicador.

“Na certa escreve versos”, pensou Tonio Kröger, profundos, honestos, versos de comerciante...”

A noite adiantou-se e o vento ficara agora tão forte que impedia a palestra. Assim, resolveram dormir um pouco e desejaram-se uma boa

noite.

Tonio Kröger estendeu-se no estreito beliche de sua cabina, mas não encontrou sossego. O vento rígido, com seu aroma acre, tinha-o agitado estranhamente, e seu coração estava inquieto como se em angustiada expectativa de algo doce. Também o estremecer, que se dava quando o navio descia uma montanha de onda e a hélice, como em câibra, trabalhava fora da água, lhe causava mal-estar. Vestiu-se de novo e subiu para o ar livre.

Nuvens corriam em frente da lua. O mar dançava.

As vagas não vinham redondas nem uniformes, nem tampouco em ordem seguida, mas lá ao longe, numa luz pálida e faiscante, o mar era rompido, açotado, lambia e pulava com pontas de línguas gigantes e chamejantes, jogava, ao lado de abismos repletos de espuma, formas dentadas e inverossímeis, e parecia atirar em louco folgado, com a força de braços monstruosos, as escumas pelo ar, em todas as direções.

O navio fazia uma viagem difícil; pateando, sacudindo e gemendo, forçava seu caminho pelo tumulto; e, às vezes, ouvia-se o urso polar e o tigre, que sofriam com o mar agitado, gritarem no seu interior. Um homem com um impermeável, um capuz sobre a cabeça e uma lanterna amarrada na cintura passava com as pernas abertas, equilibrando-se com dificuldade, para lá e para cá, no convés. Mas, lá atrás, muito inclinado sobre a amurada, estava o jovem de Hamburgo, e passava mal. — Deus! — disse com voz oca e instável, quando percebeu Tonio Kröger —, veja só a rebelião dos elementos, senhor! — Mas aí foi interrompido e, com rapidez, virou-se.

Tonio Kröger segurou-se numa corda esticada e olhou para toda aquela travessura indomável. Sentiu um júbilo dentro de si e pareceu-lhe ser suficientemente poderoso para ser ouvido através da tempestade e do dilúvio. Um canto ao mar, inspirado de amor, soava dentro dele. “Amigo selvagem de minha infância, mais uma vez estamos reunidos...” Mas aí terminava o poema. Não tinha um fim, não tinha formas e não fôra forjado em tranqüilidade. Seu coração vivia...

Ficou longo tempo assim parado; depois estirou-se sobre um banco na frente das cabinas e olhou para o céu, no qual cintilavam as estrelas. Chegou mesmo a cochilar. E quando a espuma fria salpicava o seu rosto parecia-lhe, na sonolência, uma carícia.

Rochas de greda, fantásticas no luar, apareceram e se aproximaram, isto era a ilha Moen. E de novo o sono interveio, interrompido por chuviscos de espuma que lhe espetavam o rosto e lhe deixavam os traços fisionômicos entesados...

Quando acordou completamente já era dia, um dia cinza-claro, fresco, e o mar verde estava mais calmo.

Na hora da primeira refeição, viu novamente o jovem comerciante, que corou violentamente, com certeza de vergonha por ter dito, na escuridão, coisas tão poéticas e comprometedoras; alisou, com todos os cinco dedos, seu pequeno bigode avermelhado, e gritou-lhe um bom dia militar e curto, evitando-o, depois, assustado.

E Tonio Kröger desembarcou na Dinamarca. Chegou a Copenhague, deu gorjeta a todos os que insinuavam ter direito a ela, passeou durante três dias na cidade, tendo como ponto de partida o seu hotel, segurando na mão seu guia turístico aberto em sua frente; conduziu-se como um estrangeiro distinto que deseja aumentar seus conhecimentos. Observou o Neumarkt do rei com o “cavalo” no centro, olhou com respeito para os pilares da Frauenkirche, parou longo tempo em frente das nobres e graciosas esculturas de Thorwaldsen, subiu à Torre Redonda, visitou castelos, divertiu-se duas noites no Tívoli. Mas, realmente, não era bem tudo isso o que via.

Nas casas, que muitas vezes tinham exatamente a aparência das velhas casas de sua cidade natal, com cumeeiras arqueadas e rendilhadas, via nomes que lhe eram familiares de velhos tempos, que lhe pareciam indicar algo delicado e, precioso e ao mesmo tempo uma espécie de repreensão, encerrando queixas e saudades.

E por toda parte, enquanto respirava, vagaroso e pensativo, o úmido ar marinho, via olhos tão azuis, cabelos tão louros, rostos precisamente daquele tipo que vira nos seus sonhos estranhamente dolorosos e penitentes, os quais tivera na noite que passara em sua cidade natal. Acontecia que, em plena rua, um olhar, o som de uma palavra, um riso, o atingiam profundamente...

Não tolerou ficar por muito tempo na alegre cidade.

Sentia uma inquietação, doce e tola, meio lembrança e meio expectativa, unida ao desejo de estender-se nalguma praia silenciosa e não precisar fingir-se de turista interessado. Assim, embarcou de novo e seguiu num dia triste (o mar estava negro) para o norte, ao longe da costa da Zelândia, para Helsingör. De lá continuou sua viagem, sem demora, por carro e pela estrada, durante mais três quartos de hora, sempre um pouco acima do mar, parando por fim no seu destino propriamente, no pequeno hotel balneário com venezianas verdes que ficava no meio de uma vila de casinhas baixas, o qual olhava, com sua torre coberta de madeira, sobre o estreito e a costa sueca. Aqui desceu, tomou posse do quarto claro, que tinham reservado para Ele, encheu a cômoda e o armário com coisas que trouxera e preparou-se para viver durante algum tempo neste lugar.

Já o mês de setembro se aproximava, não havia mais muitos hóspedes em Aalsgaard. Na grande sala de jantar com o vigamento à vista, no rés-do-chão, cujas janelas altas davam para a varanda envidraçada e o mar, a dona do hotel, uma solteirona com cabelos brancos, olhos incolores, faces delicadamente rosadas e uma voz chilreante, presidia às refeições, sempre procurando colocar, de modo vantajoso, suas mãos vermelhas sobre a toalha. Um senhor de idade, de pescoço curto, com uma barba encanecida e o rosto azulado, estava presente, um peixeiro da capital que dominava a língua alemã. Parecia totalmente entupido e com tendência para a apoplexia, pois sua respiração era curta e aos arrancos e, de vez em quando, levava o dedo indicador, no qual usava um anel, a uma das narinas, a fim de apertá-la, e, com um sopro forte, dar um pouco de ar a outra. Mesmo assim, era muito dado à garrafa de Aquavit, tanto na primeira refeição como no almoço e no jantar. Além dele só estavam presentes três altos rapazes americanos com seu governante ou preceptor, que em silêncio ficava ajustando seus óculos e durante o dia jogava futebol com Eles. Traziam o cabelo, vermelho-amarelado, repartido ao meio, e possuíam rostos compridos e parados. — Please, give me the wurst things there! ⁵ — dizia um deles. — That's not wurst, thos schinken! ⁶ — dizia o outro, e isto era tudo o que eles ou o preceptor traziam como contribuição para a palestra; de resto, ficavam calados e bebiam água quente.

Tonio Kröger não desejara outra espécie de companheiros na mesa. Desfrutava sua paz, escutava os sons guturais e as vogais claras e turvas vogais da língua dinamarquesa, na qual, às vezes, conversavam o peixeiro e a hoteleira. De vez em quando trocava umas palavras com o peixeiro sobre o barômetro e depois se levantava para, pela varanda, ir de novo à praia, onde já passara longas horas de manhã.

Lá, às vezes, era quieto e veranil. O mar descansava preguiçoso e liso, com listras azuis, verdes e avermelhadas, cobertas de reflexos argênteos de luz cintilante; a sargaça se tornava feno ao calor do sol e os moluscos, deitados ali, evaporavam. Cheirava um pouco a podre e um pouco a alcatrão, do barco de pesca, onde Tonio Kröger, sentado na areia, encostava-se, sentado de tal maneira que via o horizonte livre e não a costa sueca; mas o silencioso sopro do mar passava por tudo, limpo e fresco.

E vieram dias tristes e tempestuosos. As ondas inclinavam a crista como touros que colocam os chifres para o ataque, e corriam enraivecidas contra a praia, que ficava inundada até bem em cima e coberta com algas brilhantes de umidade, conchas e pedaços de madeira trazidos pelo mar.

Entre as extensas colinas de ondas, alastravam-se vales de um verde-pálido espumante, sob o céu coberto; mas lá, onde o sol brilhava atrás das nuvens, a água ostentava um brilho de veludo branco.

Tonio Kröger estava parado, envolvido pelo vento e pelo bramido, mergulhado nesse eterno, pesado e atordoante ruído que Ele tanto amava. Se se voltava e ia embora, parecia-lhe repentinamente tudo calmo e cálido em volta dele. Mas, sabia, nas costas havia o mar que chamava, negaceando e cumprimentando.

E Ele sorria.

Andou pelo campo, sobre prados, pela solidão, e logo o faial, estendendo-se pelas colinas da vizinhança, envolvia-o. Sentava-se no musgo, encostado a uma árvore, de maneira a divisar, entre os troncos, uma faixa do mar que soava como se, ao longe, tábuas caíssem umas sobre as outras. Gritos de gralhas nas copas das árvores, roucos, solitários e perdidos... Segurava um livro sobre os joelhos, mas não lia uma linha. Desfrutava um esquecimento profundo, um flutuar desprendido sobre o espaço e o tempo, e só de vez em quando era como se o seu coração fosse traspasado por uma dor, um pesar curto, agudo, de saudade ou arrependimento, sobre cuja designação e procedência Ele se sentia demasiado indolente e absorto para indagar.

Assim passaram-se muitos dias; não seria capaz de dizer quantos, nem o desejava saber. Mas então veio um, no qual algo aconteceu; aconteceu enquanto o sol estava no céu e gente ao redor, e Tonio Kröger nem sequer ficou muito admirado.

Já o princípio desse dia fôra festivo e encantador.

Tonio Kröger acordou muito cedo e repentinamente, despertou com um susto indefinido do sono e acreditou olhar para um milagre, um feérico encantamento de iluminação. Seu quarto, com uma porta de vidro para o balcão que dava para o estreito, separado por uma fina e branca cortina de gaze em quarto de dormir e estar, era forrado com uma tapeçaria de cores delicadas e guarnecido de móveis leves e claros, de maneira a dar sempre um aspecto límpido e alegre. Agora, porém, seus olhos, carregados de sono, viam-no em uma transfiguração e iluminação sobrenatural, imerso num indizível tom róseo, gracioso e perfumado, que dourava as paredes e os móveis e transformava a cortina de gaze em brasa vermelha... Tonio Kröger por muito tempo não compreendeu o que se passava. Mas, quando ficou em frente à porta de vidro e olhou para fora, viu que era o sol que nascia.

Durante vários dias o tempo estivera coberto e chuvoso; agora, o céu estendia-se brilhante sobre o mar e a terra, como feito de uma seda encorpada, azul-pálido e atravessado e rodeado por nuvens translúcidas

de vermelho e ouro; o disco solar levantava-se solene sobre o mar cintilante e crespo, que parecia estremecer e inflamar-se embaixo dele... Assim começou o dia e Tonio Kröger vestiu-se com rapidez, perturbado e feliz; tomou sua primeira refeição antes dos outros, na varanda do andar térreo; nadou depois um trecho, da pequena casa de banho de madeira para o estreito, e fez um passeio de uma hora pela praia. Quando voltou, estavam parados na frente do hotel vários carros de turistas, e viu, da sala de jantar, que tanto na sala de reuniões, onde ficava o piano, como na varanda envidraçada e no terraço que ficava em frente, havia um grande número de pessoas que, trajando como gente da classe média e sentadas em volta das mesas redondas em palestras animadas, deleitavam-se com cerveja e sanduíches. Eram famílias inteiras, gente velha e moça e até algumas crianças.

Durante a segunda refeição (a mesa estava carregada de frios, defumados, salgados e assados), Tonio Kröger informou-se do que se passava.

– Hóspedes – disse o peixeiro. – Visitantes de Helsingör! Sim, Deus nos proteja! não conseguiremos dormir esta noite! Haverá baile, baile e música, e devemos temer que isto dure até tarde. É uma reunião de famílias, reunião e um passeio por terra, em poucas palavras: uma subscrição ou coisa parecida, e estão aproveitando o belo dia. Vieram em barcos e carros e agora estão fazendo uma refeição. Mais tarde darão um passeio mais longe por terra, mas voltarão à noite e então haverá diversões aqui no salão. Sim, maldição, não fecharemos um olho...

– Isto é uma bonita variação – disse Tonio Kröger. Após o que, por longo tempo, nada foi dito. A hoteleira arrumava seus dedos vermelhos, o peixeiro soprava pela narina direita para obter um pouco de ar e os americanos tomavam água quente e faziam caras compridas.

Foi então que, de repente, isto aconteceu: Hans Hansen e Ingeborg Holm atravessaram a sala.

Tonio Kröger, encostado em sua cadeira, num cansaço agradável depois do banho e do célere passeio, comia salmão sobre torradas; sentava virado para a varanda e o mar. Repentinamente abriu-se a porta e os dois entraram de mãos dadas, com passos lentos e sem pressa. Ingeborg, a loura Inge, estava vestida de claro, como costumava estar nas aulas de dança do Senhor Knaak. O vestido leve, estampado, só atingia os tornozelos, e sobre os ombros usava um enfeite de tule branco, largo, com decote em “V” que deixava livre seu pescoço macio e flexível. O chapéu pendia, amarrado pelos laços, do seu braço. Ela talvez estivesse mais crescida que antes e usava sua bela trança em volta da cabeça; mas Hans continuava o mesmo.

Usava seu paletó de marinheiro com botões dourados, sobre o

qual ficava, por cima dos ombros e das costas, o largo colarinho azul; o chapéu de marinheiro, com fitas curtas, Ele segurava-o na mão pendente, gíngando-o, despreocupado, de um lado para outro, Ingeborg mantinha seus olhos oblíquos desviados, talvez um pouco encabulada com os hóspedes que a olhavam.

Mas Hans Hansen, justamente por isso e a despeito do mundo, virou a cabeça para a mesa de refeições e observou, com seus olhos azul-ferrête, um após outro com desafio e, de certo modo, com desprezo; até largou a mão de Ingeborg e gíngou mais ainda o seu chapéu, para mostrar que homem era. Assim passaram, o calmo mar azulado como fundo, pelos olhos de Tonio Kröger, atravessaram a sala em toda a sua extensão e desapareceram pela porta oposta, na sala do piano.

Isto se deu às 11 e meia da manhã, e, enquanto os banhistas ainda estavam fazendo suas refeições, o grupo na sala ao lado e na varanda, puseram-se a caminho, sem que ninguém tivesse voltado à sala de jantar, pela saída lateral existente no hotel. Ouviu-se como, sob gracejos e risos, eram ocupados os carros, como um veículo atrás do outro se pôs em movimento, rangendo na estrada e afastando-se...

– Quer dizer que voltam? – perguntou Tonio Kröger...

– Isso farão! – disse o peixeiro. – E que Deus nos proteja! Encomendaram música, sabe, e eu durmo aqui em cima do salão.

– Isto é uma bonita variação – repetiu Tonio Kröger. Depois levantou-se e saiu.

Passou o dia como passara os outros, na praia e no bosque, segurava um livro sobre os joelhos e pestanejava para o sol. Só tinha um pensamento: este que voltariam e realizariam um baile no salão, como prometera o peixeiro; e nada fazia senão alegrar-se com isso, com uma alegria tão temerosa e doce como durante longos e mortos anos não experimentara, Uma vez, por uma ligação qualquer de imaginações, lembrou-se de um conhecido distante, Adalberto, o novelista, que sabia o que queria e que fôra ao café para fugir ao ar da primavera. E encolheu os ombros sobre Ele...

Almoçaram mais cedo que habitualmente e o jantar também foi servido antes e na sala do piano, porque na sala de jantar já estavam fazendo os preparativos para o baile: de uma maneira tão festiva, foi tudo posto em desordem. Depois, quando já escurecera e Tonio Kröger estava sentado no seu quarto, houve de novo movimento na estrada e na casa. Os excursionistas voltavam; sim, da direção de Helsingör vieram novos hóspedes, de bicicletas e de carro, e já se ouvia, no andar térreo da casa, o afinar de um violino e o treino nasal de um clarinete... Tudo prometia que seria um brilhante baile.

Agora a pequena orquestra principiava com uma marcha: abafado e em compasso firme, o som subia até Ele. Tonio Kröger continuou por algum tempo sentado, quieto, escutando. Mas, quando ouviu que a marcha passara para uma valsa, levantou-se e saiu sorrateiramente de seu quarto.

Do corredor, onde aquele estava situado, indo por uma escada de serviço, chegava-se à entrada lateral do hotel e, de lá, sem passar por nenhum cômodo, para a varanda envidraçada. Tomou este caminho, silencioso e sorrateiro, como se estivesse em caminhos proibidos; tateou com cuidado pela escuridão, irresistivelmente atraído por essa tola e encantadora música cujos sons agora já o alcançavam, claros e altos.

A varanda estava vazia e escura, mas a porta de vidro da sala, onde as duas grandes lâmpadas de petróleo, guarnecidas de lustrosos refletores, resplandeciam.

Estava aberta. Para lá se dirigiu sem fazer ruído e o gosto ladino de ficar no escuro sem ser visto, poder observar os que dançavam à luz, produziu-lhe um arrepiar da pele. Rápido e ávido, dirigiu seu olhar para os dois que procurava...

A alegria da festa já parecia desenrolar-se livremente, apesar de ter começado há menos de uma hora, mas todos já haviam chegado aquecidos e emotivos, depois de passarem o dia juntos, despreocupados e felizes na coletividade. Na sala do piano, que Tonio Kröger podia abranger com os olhos quando ousava avançar um pouco, vários cavalheiros idosos se haviam reunido, fumando e bebendo, para jogar cartas; outros sentavam-se com suas esposas na parte anterior da sala, em cadeiras de pelúcia enfileiradas ao longo da parede, e apreciavam o baile. Mantinham as mãos sobre os joelhos escarranchados e enchiam as bochechas com uma expressão de opulência, enquanto as mães, de chapeuzinho na cabeça, cruzavam as mãos embaixo do seio, e olhavam, de cabeça inclinada, a algazarra dos jovens. Tinham armado um estrado ao longo de uma das paredes e lá os músicos davam o que tinham de melhor.

Até uma corneta estava lá, e soprava com certa cautela, como se temesse sua própria voz; mesmo assim, ela constantemente quebrava e tropeçava... Flutuando e girando, os pares moviam-se, enquanto os outros passeavam pela sala de braço dado. Não estavam vestidos a rigor, mas somente como para um domingo veranil que se passa ao ar livre: os cavalheiros, em ternos de corte provinciano, que denotavam serem poupados durante a semana, as moças em vestidos claros e leves, com apanhados de flores campestres na blusa.

Também algumas crianças estavam na sala, dançando a seu modo, mesmo quando a música descansava. Um homem pernilongo, com

paletó parecendo um rabo de andorinha, um Dom Juan provinciano de monóculo e cabelos encrespados a ferro, um assistente do correio ou coisa parecida, e como a encarnação de uma figura cômica de um romance dinamarquês, parecia ser o organizador e dirigente do baile. Solícito, transpirando e entregue de corpo e alma à sua tarefa, estava em todos os lugares ao mesmo tempo, saracoteava pela sala, superativo, pisando artisticamente com as pontas dos dedos, colocando os pés, metidos em bicudas e lisas botinas militares, de uma maneira intrincada, cruzando-os um sobre o outro; atirava os braços para o ar, dava ordens, chamava pela música, batia palmas, e, com tudo isto, as fitas do grande laço colorido, que, em sinal de sua dignidade, estava preso ao seu ombro, e para onde de vez em quando virava carinhosamente a cabeça, voavam atrás dele.

Sim, ali estavam os dois, que hoje na luz do sol passaram por Tonio Kröger, e Ele os viu novamente, assustando-se de alegria quando viu ambos quase ao mesmo tempo. Aqui estava Hans Hansen, que, bem perto dele, próximo à porta, as pernas afastadas e ligeiramente inclinado para a frente, comia, circunspecto, um grande pedaço de torta, mantendo a mão em concha por baixo do queixo para apanhar as migalhas. E lá na parede sentava-se Ingeborg Holm, a loura Inge, e neste instante o assistente saracoteava em sua direção, a fim de convidá-la para dançar, fazendo uma excelente medida, colocando uma mão nas costas e impelindo a outra graciosamente no peito. Mas ela sacudiu a cabeça e fê-lo ver que estava sem fôlego e precisava descansar, após o que o assistente sentou-se ao lado dela.

Tonio Kröger observou os dois pelos quais sofrera as penas de amor: Hans e Ingeborg. Não eram Eles, tanto devido a sinais particulares e à semelhança das roupas, mas por força da igualdade de raça e tipo, este espécime claro, de olhos azul-ferrête e louros, que evocava uma idéia de pureza, serenidade, jovialidade e uma reserva intocável, ao mesmo tempo orgulhosa e simples... Observou-os, viu Hans Hansen, tão audacioso e belo como outrora, largo nos ombros e fino na cintura, em pé no seu terno de marinheiro; viu como Ingeborg, de uma certa maneira travessa, virou a cabeça de lado, de um certo modo levou a mão, não muito delgada nem especialmente fina e pequena mão de moça, à nuca, movimento este que fez a manga leve deslizar pelo cotovelo — e de repente uma saudade abalou seu peito com tal dor que involuntariamente retrocedeu mais para a escuridão, a fim de que ninguém visse o estremecimento de seu rosto, “Eu esquecera vocês?”, perguntou. “Não, nunca!

Não a você, Hans, nem a você, loura Inge! Foi para vocês que trabalhei, e, quando ouvia aplausos, olhava sorrateiro ao redor de mim, a ver se vocês faziam parte deles... Você agora leu Dom Carlos, Hans Hansen, como prometera no portão do jardim de sua casa? Não o faça!

Não o exijo mais de você. Que lhe importa o rei que chora porque está só? Você não deve fazer com que os seus olhos fiquem tristes e tolos de sonhos, por fixá-los nos versos e na melancolia... Ser como você!

Recomeçar, crescer, igual a você, honrado, alegre e simples, metódico e ordenado e em concordância com Deus e o mundo, ser amado pelos inofensivos e felizes, tomar você por esposa, Ingeborg Holm, e ter um filho como você, Hans Hansen, viver livre da maldição do conhecimento e do suplício criador, amar e louvar em bem-aventurada trivialidade!... Começar mais uma vez? Mas não adiantaria. Tornaria a ser o mesmo, tudo viria de novo como viera. Pois alguns, por necessidade, seguem caminhos errados, porque para Eles não existe, de maneira alguma, um caminho certo.”

Agora a música silenciara; era um intervalo e foram servidos refrescos. O assistente apressou-se pessoalmente com uma bandeja repleta de salada de arenques e serviu as damas. Mas em frente de Ingeborg Holm chegou mesmo a curvar um joelho ao estender-lhe uma tigelinha, e ela corou de alegria.

Na sala começaram, todavia, a dar atenção ao espectador sob o umbral da porta de vidro, e, de rostos bonitos e corados, atingiram-no olhares estranhos e perscrutadores; mas Ele ficou firme no seu lugar. Também Ingeborg e Hans passaram os olhos sobre Ele, quase que ao mesmo tempo, com aquela completa indiferença que chega a assemelhar-se ao desprezo. Repentinamente, no entanto, teve consciência de que de alguma parte um olhar se dirigia para Ele. e pousava nEle...

Virou a cabeça e imediatamente seus olhos encontraram aqueles cujo tato sentira. Uma moça em pé, não longe dele, com um pálido, fino e delicado rosto, que já notara antes. Não dançara muito, os cavalheiros não se tinham esforçado singularmente por ela, e Ele a vira, isolada, com os severos lábios fechados, sentada perto da parede. Também agora se achava só. Estava com um vestido claro e vaporoso, como as outras, mas por baixo da fazenda transparente apareciam seus ombros nus, agudos e pobres, e o pescoço magro ficava tão fundo entre esses míseros ombros que a moça silenciosa quase parecia um pouco aleijada. Segurava suas mãos, cobertas por luvas tênues, em frente ao peito, de modo que as pontas dos dedos se tocavam de leve. De cabeça inclinada, olhava para Tonio Kröger de baixo para cima com olhos negros e úmidos. Ele desviou os olhos...

Ali, bem perto dele, sentavam Hans e Ingeborg.

Hans sentara-se ao lado dela; talvez fosse sua irmã.

Rodeados por outros seres humanos de faces coradas, comiam e bebiam, palravam e se divertiam, gritavam com vozes sonoras

provações e riam alto para o ar. Não poderia aproximar-se um pouco deles? Dirigir a Ele ou a ela um gracejo que lhe ocorreu e a que deveriam responder ao menos com um sorriso? Torná-lo-ia feliz, ansiava por isso; voltaria depois satisfeito para o seu quarto, com a certeza de ter estabelecido uma pequena afinidade com os dois. Imaginou o que poderia dizer; mas não encontrou coragem de dizê-lo.

E seria como sempre: Eles não o compreenderiam, escutariam estranhando o que conseguiria dizer. Pois a língua que falava não era a deles.

As danças pareciam recomeçar. O assistente desdobrou uma atividade envolvente. Ia de um lado ao outro e convidava todos a escolherem seus pares; tirou, auxiliado pelo garçom, cadeiras e copos do caminho, deu ordens aos músicos; guiou alguns mais acanhados que não sabiam para onde ir. Que pretendia? Cada quatro pares formavam uma quadra... uma terrível lembrança fez Tonio Kröger corar. Dançariam uma quadrilha.

A música começou e os pares, cumprimentando-se, cruzavam-se. O assistente comandava, e comandava – por Deus! – em francês, pronunciando os sons nasais de um modo incomparavelmente distinto. Ingeborg Holm dançava bem junto a Tonio Kröger, na quadra que se encontrava perto da porta de vidro. Ela inovava-se em sua frente para lá e para cá, para a frente e para trás, andando e girando; um aroma, que vinha do seu cabelo ou da delicada fazenda de seu vestido, tocava-o de vez em quando, e Ele fechou os olhos, numa emoção que lhe era tão familiar de outros tempos, cujo aroma e encanto acre-doce Ele sentira nestes últimos dias e que agora nele penetrava de novo com todo seu doce tormento. Que era? Saudade, carinho? Inveja? Desprezo por si mesmo?... Moulinet des dames! “Você ria, loura Inge, ria de mim quando dancei moulinet e fiz uma figura tão triste? E será que você ainda havia de rir hoje, agora que afinal tornei-me algo como um homem célebre? Sim, isto você faria e teria três vezes razão! E se eu, eu sozinho, tivesse consumado as Nove Sinfonias ⁷, O Mundo Como Vontade e Representação ⁸ e o Juízo Final ⁹, você teria eternamente razão de rir...” Olhou para ela e lembrou-se de uma linha de um verso do qual não se recordava há tanto tempo e que, no entanto, lhe era tão íntimo e ligado: “Eu quero dormir e você precisa dançar”. Ele a conhecia tão bem, a nórdica e melancólica, afetiva e inábil lentidão do sentimento, que interpretava. Dormir...

Ansiar por isso, poder viver simples e completamente entregue

ao sentimento, que, sem o dever de tornar-se ação e dança, doce e indolente, descansa em si mesmo, e, apesar disso, dançar, ágil e de espírito presente, desempenhar a difícil, difícil e perigosa dança da faca da art, sem nunca esquecer por completo o humilhante paradoxo que Ele continha, ter que dançar, amando...

De repente tudo virou em movimento louco e em alegria desenfreada. As quadras se dissolveram e, pulando e deslizando, dispersavam para todos os lados: terminavam a quadrilha com um galope. Os pares passaram voando, ao delirante e ligeiro compasso da música, por Tonio Kröger, pegando, correndo, ultrapassando-se, com gargalhadas curtas e sem fôlego. Um par aproximou-se, arrastado pela corrida geral, rodopiando e avançando em doida rapidez. A moça tinha um rosto fino e pálido e ombros magros, demasiado altos. Subitamente, bem em sua frente, começaram a tropeçar, escorregar e cair... A pálida moça caiu.

Caiu com tanta força que isso se afigurava perigoso, e com ela caíra o cavalheiro. Este devia ter-se machucado tanto que esqueceu, por completo, a sua parceira, pois, ao tentar levantar-se, começou, fazendo caretas, a esfregar os joelhos com as mãos, e a moça, parecendo inteiramente atordoada pela queda, continuava deitada no chão. Então Tonio Kröger adiantou-se, pegou-a delicadamente pelos braços e ergueu-a. Esfalfada, confusa e infeliz, levantou os olhos para Ele e de repente seu delicado rosto corou com um pálido vermelho.

– Tak! O mange Tak!¹⁰ – disse ela, levantando para Ele seus olhos escuros e úmidos.

– Não devia dançar mais, senhorita – disse, suave.

Depois procurou-os mais uma vez com o olhar, Hans e Ingeborg; foi embora, deixou a varanda e o baile e subiu para o seu quarto.

Estava embriagado pela festa em que não tomara parte. Como outrora, fôra bem como outrora! Com o rosto afogueado, ficara em pé num lugar escuro, em tormentos por vocês, louros, vivos, felizes, e depois, solitário, afastara-se. Alguém deveria vir! Ingeborg deveria vir, deveria perceber que Ele se ausentara, deveria segui-lo às escondidas, colocar a mão sobre seu ombro e dizer: “Entre e junte-se a nós! Seja alegre!

Eu amo você!...” Mas ela não vinha, de maneira alguma. Estas coisas não aconteciam. Sim, era como naquele tempo e era feliz como naquele tempo. Pois seu coração vivia. Mas o que se passara durante o tempo no qual se tornara o que era hoje? Torpor, solidão, gelo; e espírito! e arte!...

Despiu-se, deitou-se e apagou a luz. Murmurou dois nomes dentro do travesseiro, estas poucas, castas, nórdicas sílabas, que designavam sua verdadeira e primor – dial espécie de amor, sofrimento e felicidade, a vida, o sentimento simples e terno, a p-tria. Olhou para trás, para os anos que haviam passado até aquele momento.

Pensou nas dissolutas aventuras sensuais, dos nervos e dos pensamentos que tinha vivido, viu-se corroído pela ironia e pelo espírito, isolado e tolhido pelo reconhecimento, meio destruído por febres e calafrios de criação, indeciso e em luta com a consciência, entre fortes extremos, atirado de um lado para outro, entre a santidade e o cio, finório, empobrecido, esgotado por frias e artificiais exaltações, perdido, consumido, atormentado, doente... – e soluçou de arrependimento e saudade.

Em seu redor, tudo estava silencioso. Mas, lá de baixo, soava, abafado e embalante, o doce e trivial companheiro da vida.

Tonio Kröger estava sentado, escrevendo do norte para Lisavieta Ivanovna, sua amiga, conforme prometera:

“Querida Lisavieta, lá embaixo, em Arcádia, para onde em breve voltarei. escrevia. “Aqui está então algo parecido com uma carta, mas talvez a decepcione, pois penso escrever em termos gerais. Não que eu não tivesse alguma coisa para contar, ou, a meu modo, não passasse por uma outra experiência. Lá em casa, em minha cidade natal, até quiseram prender-me... mas isto ouvirá pessoalmente. Há dias em que eu prefiro dizer, de uma maneira boa, generalidades, em vez de contar histórias.

Lembra-se ainda, Lisavieta, de que um dia me chamou de burguês, um burguês errante? Assim me chamou numa hora na qual, persuadido por outras confidências que deixara escapar antes, confessei-lhe meu amor para o que eu chamo de vida; e pergunto-me se você sabia quão perto atingira a verdade, e quanto minha burguesia e meu amor pela ‘vida’ são idênticos.

Esta viagem me deu o ensejo de pensar sobre isso...

Meu pai, sabe, era de um temperamento nórdico: considerado, minucioso, correto, por puritanismo inclinado à melancolia; minha mãe, de indistinto sangue exótico, bonita, sensual, ingênua, ao mesmo tempo displicente e apaixonada e de um desmazelo impulsivo.

Sem duvida alguma, foi esta uma mistura que encerrava extraordinárias possibilidades e extraordinários perigos.

O resultado foi este: um burguês que se perdeu na arte, um boêmio que sentia saudades da boa educação, um com a consciência pesada. Pois a minha consciência burguesa é que me faz ver em toda arte,

todo extraordinário e todo gênio algo profundamente ambíguo, profundamente difamado, profundamente duvidoso, o que me enche desta amorosa fraqueza para o simples, singelo e agradável anormal, o não-genial e decente.

“Estou entre dois mundos; não me sinto à vontade em nenhum dos dois e por isso tenho um pouco de dificuldade. Vocês, artistas, me chamam de burguês, e os burgueses sentem-se tentados a prender-me... não sei qual dos dois me magoa mais. Os burgueses são bobos. Vocês, adoradores da beleza, porém, que me dizem ser eu fleumático e sem saudades, deviam imaginar um dom artístico tão profundo e tão do princípio e do destino, que nenhuma saudade lhe pareça ser mais doce e digna de ser sentida do que aquela pelas delícias da trivialidade.

“Admiro os soberbos e frios que se aventuram nos caminhos das grandes, das demoníacas belezas, e desprezam o ‘homem’ — mas não os invejo. Pois se alguma coisa é capaz de fazer de um literato um poeta, então é este meu amor burguês pela humanidade, pela vida e pelas coisas comuns. Todo calor, toda bondade, todo humor vêm dele, e quer-me parecer que seja Ele aquele amor do qual está escrito que alguém poderia falar com língua humana angelical e, no entanto, sem Ele nada mais ser que um bronze soante e guizo sonoro.

“O que fiz é nada, não muito, quase nada. Farei coisa melhor, Lisavieta — isto é uma promessa. Enquanto escrevo, o mar murmura até aqui e eu fecho os olhos. Olho para um mundo inato, quimérico, que quer ser ordenado e culto; olho para um formigar de sombras com aspecto humano que acenam para mim, a fim de que as esconjure e liberte: sombras trágicas e cômicas e algumas as duas coisas ao mesmo tempo — e a estas sou muito dedicado. Mas o meu amor mais sentido e secreto pertence aos louros e de olhos azuis aos vivos claros, aos felizes, gentis e comuns.

“Não repreenda este amor, Lisavieta; Ele é bom e fértil. Contém saudade e uma inveja melancólica, um pouquinho de desprezo e uma felicidade de absoluta pureza”.

A Morte Em Veneza

Gustav Aschenbach, ou Von Aschenbach, como era oficialmente seu nome desde seu quinquagésimo aniversário, fizera um longo passeio sozinho, de sua residência na Prinzregentenstrasse ¹¹, em Munique, numa tarde primaveril do ano de 19..., que, durante meses, mostrara ao nosso continente uma fisionomia anunciadora de conflitos. Sobreexcitado pelo difícil e perigoso trabalho das horas matinais, que exigia, justamente agora, extrema cautela, prudência, energia e precisão da vontade, o literato não conseguira deter o movimento do mecanismo produtivo no seu interior, aquele inotus animi continuus, no qual, de acordo com Cícero, consiste a natureza da eloquência; tampouco conseguira detê-lo depois do almoço, não encontrando o sono reparador, que lhe era tão necessário durante o dia, quando suas forças se desgastavam. Assim, logo depois do chá, procurara o ar livre, na esperança de que ar e movimento o restabelecessem e o auxiliassem a passar uma noite benéfica.

Era o princípio de maio e, depois de semanas úmidas e frias, aparecera um falso verão. O Englischer Garten ¹², apesar de ainda fracamente frondoso, estivera mofento como em agosto e, nas proximidades do centro, cheio de carros e passeantes. No Aumeister, para onde caminhos mais e mais abandonados o levaram, Aschenbach ficou durante algum tempo olhando o restaurante animado pelo povo, ao lado do qual paravam alguns coches e carruagens; de lá, com o sol poente, tomara o caminho de volta pelo lado de fora do parque, sobre o prado aberto, e, em frente ao cemitério do norte, esperou, porque se sentia cansado e de Foehring ameaçava um temporal, o bonde que devia levá-lo, em linha reta, de volta à cidade.

Casualmente, encontrou o ponto de parada e seus arredores desertos. Nem na asphaltada Ungererstrasse ¹³, cujos trilhos se estendiam isolados e brilhantes contra Schwabing, nem na estrada de Foehring se via um só carro; atrás das grades da marmoraria, onde, expostos à venda, cruces, placas comemorativas e monumentos formavam um segundo desabitado campo santo, nada se movia, e o prédio bizantino da capela, que ficava do outro lado, encontrava-se silencioso no reflexo do dia que findava. Sua fachada, enfeitada com cruces gregas e descrições religiosas em cores claras, apresentava, além disso, inscrições em letras douradas e em ordem simétrica, legendas escolhidas e referentes à vida no além, como por exemplo: – Eles entram na casa de Deus”, ou: “A luz eterna os

alumie"; e, esperando, encontrara, durante alguns minutos, uma distração séria, lendo as fórmulas e deixando seu espírito perder-se na transparência mística, quando, voltando de seus devaneios, no pórtico, acima dos dois animais apocalípticos que vigiam a escadaria, notou um homem, cuja aparência nada comum deu uma direção completamente diversa aos seus pensamentos.

Se tinha saído do interior da capela pelo portão de bronze, ou se se aproximara de fora e subira, ficou incerto. Aschenbach, sem aprofundar-se particularmente na questão, inclinou-se mais para a primeira suposição. De estatura mediana, magro, imberbe e de nariz extraordinariamente arrebitado, o homem pertencia ao tipo ruivo e possuía a pele leitosa e sardenta peculiar a este. Evidentemente, não era bávaro como indicava, no mínimo, o chapéu de palha com aba larga e reta, que cobria sua cabeça, dando-lhe um aspecto de estrangeiro vindo de longe. Porém, trazia a mochila, tão em uso no país, afivelada aos ombros, um terno cintado de pano não pisado, de cor amarelada, parecendo trazer uma capa de chuva sobre o antebraço esquerdo, que encostava na cintura; de pés cruzados, firmava à direita e obliquamente contra o chão uma bengala com ponta de ferro, cujo castão apoiava na cintura. Com a cabeça erguida, de modo que, crescendo da camisa esporte solta, aparecia seu pescoço magro, sobressaindo, forte e nu, o pomo-de-adão; olhando agudamente para a distância com olhos incolores e de pestanas vermelhas, entre as quais, estranhamente combinando com seu nariz curto e levantado, havia duas rugas horizontais, Assim — e talvez sua posição elevada e elevante contribuísse para esta impressão — sua pose tinha algo de alcance dominante, corajoso ou mesmo selvagem, pois, fosse porque, ofuscado, fazia caretas contra o sol poente, ou porque se tratasse de uma deformidade física constante, seus lábios pareciam curtos demais, eram completamente recuados dos dentes, de modo que estes ficavam expostos, brancos e compridos, até a gengiva.

É bem possível que Aschenbach, na sua inspeção distraída e inquisitiva do estranho, tivesse falta de consideração, pois de repente notou que aquele retribuía seu olhar e de uma maneira tão belicosa, tão dentro da vista, tão visivelmente disposto a levar o caso ao extremo e forçar o olhar do outro a desviar-se, que Aschenbach, incomodado, virou-se e começou a andar pelas cercas, resolvendo, ao mesmo tempo, não dar mais atenção ao homem. No minuto seguinte esquecera-o. Fosse que o aspecto de viajante do estranho tivera um efeito sobre sua imaginação ou outra qualquer influência física ou moral, surpreendido, ficou cômico de uma estranha expansão de seu íntimo, uma espécie de vago desassossego, um desejo juvenil e sedento para a distância, um sentimento tão vivo, tão novo ou há tanto tempo desacostumado e desaprendido, que Ele, com as mãos nas costas e o olhar para o chão, parou cativado, para examinar a

natureza e o objetivo da emoção.

Era o desejo de viajar, nada mais; mas verdadeiramente parecendo um acesso e intensificado até a paixão, sim, até a alucinação. Sua ânsia tornou-se vidente, sua imaginação, ainda não sossegada desde as horas de trabalho, criou um exemplo para todas as maravilhas e horrores da terra múltipla, que de repente esforçou-se em idealizar: Ele via, via uma paisagem, uma região tropical pantanosa sob um céu pesado, úmido, e exuberante e descomunal, uma espécie de selva antediluviana, composta de ilhas, pântanos e braços fluviais lamacentos; via, de viçosos fetos, dos solos floridos de plantas fartas, inchadas e excêntricas, elevarem-se, aqui e acolá, hastes cabeludas de palmeiras; via esquisitas e informes árvores mergulharem suas raízes, da terra pelo ar, em águas paradas, espelhando sombras verdes, onde, entre flores flutuantes que eram branco-leitosas e grandes como bacias, pássaros de estranha espécie, de ombros altos e bicos disformes, estavam parados nas águas menos profundas e olhavam, imóveis, para o lado; via, entre os nós das varas do bambuzal, brilharem as luzes de um tigre na espreita — e sentiu seu coração bater de terror e desejo enigmático. Depois a visão desapareceu; e, com um sacudir de cabeça, Aschenbach retomou seu passeio pelas grades da marmoraria.

Ele havia apreciado, ao menos desde que dispunha dos meios de usufruí-las à vontade, as vantagens do tráfego internacional, as viagens como nada mais que uma medida higiênica que tivera de ser tomada de vez em quando contra a vontade, e a inclinação. Demasiadamente ocupado com as tarefas que lhe impunham seu Eu e a alma européia; demasiadamente sobrecarregado pelo dever da produção; adverso demais a distrações para servir como amante do colorido mundo exterior, dera-se por satisfeito com a opinião que todos, sem se afastarem do seu círculo, podem obter da superfície do mundo, e nunca sequer se sentira tentado a deixar a Europa. Sobretudo desde que sua vida se inclinava devagar; desde seu medo artístico de não conseguir terminar — esta preocupação de o relógio parar antes de ter feito a sua parte e se ter dado por completo, não mais podendo deixar de ser considerado ou tido por um capricho, concentrara sua vida exterior quase exclusivamente à bela cidade que se tornara um lar para Ele, e à rústica casa de campo que construía nas montanhas, onde passava os verões chuvosos.

Logo em seguida foi refreado e posto em ordem o que o acometera tão tarde e repentinamente, pela razão e disciplina exercitada desde moço. Tivera o propósito de adiantar a obra, pela qual vivia, até um certo ponto, antes de mudar-se para o campo, e o pensamento de uma vadiagem pelo mundo, que o afastaria de seu trabalho durante meses, parecia demasiado solto e contra os planos, não podia ser considerado seriamente. Mas sabia muito bem por que razão a tentação se dera tão

inesperadamente ímpeto de fugir; o que confessou a si mesmo, esta saudade para a distância, para a novidade, esta ânsia por libertação, exoneração e esquecimento – a pressão de se afastar da obra, do sítio cotidiano de um serviço rígido, frio e apaixonado. Na verdade, amava-o, e também quase amava a enervante e diàriamente renovada luta entre sua rija, orgulhosa e muitas vezes provada vontade, e este cansaço crescente do qual ninguém podia saber e que sua obra, de maneira alguma, por nenhum indício de fraqueza e de inércia, devia trair. Mas parecia ajuizado em não esticar o arco demais e teimosamente sufocar o rompimento tão vivo de uma necessidade. Pensou no seu trabalho, pensou no trecho no qual, hoje novamente como ontem, tivera que abandoná-lo, e que parecia não querer submeter-se nem a pacientes cuidados, nem a um rápido golpe de mão. Ele o examinou de novo, tentou quebrar ou solver a inibição e desistiu do ataque com um arrepio de repugnância. Aqui não se apresentava uma dificuldade extraordinária, mas aquilo que o paralisava eram os escrúpulos da má vontade, que se manifestavam por uma insaciabilidade. Aliás, já tinha valido ao jovem como essência e íntima natureza do talento, e por ela tinha dominado e esfriado o sentimento, porque sabia que era inclinado a satisfazer-se com um alegre mais ou menos e uma meia perfeição. Agora este sentimento escravizado vingava-se, abandonando-o, recusando-se a continuar a carregar e alar sua arte, levando consigo toda vontade, todo entusiasmo na forma e na expressão? Não que produzisse coisas m-s: esta ao menos era a vantagem de seus anos, sentir-se serenamente seguro, em cada momento, de sua maestria. Mas Ele mesmo, enquanto a nação a honrava, não se alegrava dela, e parecia-lhe que sua obra carecia daqueles sinais de ardente e desempenhante humor; que um produto da alegria, mais que qualquer substância íntima, uma qualidade importante, formavam a alegria do mundo apreciador. Temia o verão no campo, a sós, na pequena casa, com a empregada que lhe preparava a comida e o empregado que a servia; temia as aparências familiares dos picos de rochas das montanhas que de novo circundariam sua morosidade insatisfeita. E assim, uma interpolação se fazia necessária, um pouco de vida de improviso, mandriar, ares longínquos e aquisição de sangue novo, para que o verão se tornasse suportável e rendoso. Viajar, portanto – deu-se por satisfeito.

Não para muito longe, não até os tigres. Uma noite no carro-leito e uma siesta de três ou quatro semanas num lugar de férias de todo o inundo, no amável sul...

Assim pensou, enquanto o ruído do bonde elétrico se aproximava pela Ungererstrasse, e, subindo nele, decidiu dedicar aquela noite ao estudo de mapas e guias ferroviários. Na plataforma lembrou-se de olhar à procura do homem de chapéu de palha, do camarada desta estada todavia transcendente. Porém o paradeiro deste não lhe foi claro, pois não

conseguiu localizá-lo no seu primeiro posto nem na larga parada, e tampouco no bonde.

O autor da clara e imponente prosa-epopéia da vida de Frederico da Prússia, o artista paciente que em longa aplicação teceu o tapete romântico, rico em figuras, reunindo muitos destinos humanos na sombra de uma idéia, de nome Maia; o criador daquela forte novela que tem o título de *Um Miserável*, e que mostra a uma juventude, inteiramente grata, a possibilidade de decisão moral do outro lado do mais profundo conhecimento; o autor, finalmente (e com isto estão assinaladas as obras de sua maturidade), do tratado apaixonado *Espírito e Arte*, cuja força classificadora e loquacidade antitética deixavam críticos sérios colocarem-na imediatamente ao lado do *Raciocínio*, de Schiller, acima de ingênuos e sentimentais poemas; Gustav Aschenbach, então, nasceu em L., a cabeça de comarca da província da Silésia, como filho de um alto funcionário da justiça. Seus antepassados eram oficiais, juizes, funcionários administrativos, homens que, nos serviços do rei e do Estado, levaram sua vida enérgica, decorosa e parca. Espiritualidade mais profunda, encarnara-se uma vez, entre Eles, na pessoa de um orador; um sangue mais Rápido, sensual, juntara-se à família na geração anterior, pela mãe do poeta, filha de um maestro da Boêmia. Dela descendiam os sinais de raça estranha no seu aspecto. O casamento de consciência oficiosa e sóbria com impulsos acentuados e ardentes geraram um artista, este artista particular.

Como toda a sua natureza era orientada para a fama, cedo mostrou-se, não propriamente precoce, porém, graças à determinação e concisão pessoal de sua cadência, maduro e hábil ao público. Quase ainda ginásial, já tinha um nome. Dez anos mais tarde aprendeu a representar de sua escrivania, administrar sua fama, numa carta que devia ser curta (pois muitas exigências chegam ao homem de sucesso e confiança), bondosa e significativa. O quarentão, cansado das fainas e vicissitudes do trabalho propriamente, tinha que dominar uma correspondência que trazia selos de todas as partes do mundo.

Distante tanto do banal como do excêntrico, seu talento era tal que conquistava a crença do grande público e o interesse admirador e instantâneo dos mais exigentes. Assim, já desde moço obrigado por todos os lados à realização — e precisamente a extraordinária —, nunca conhecera a ociosidade, nunca a despreocupada negligência da juventude. Quando, aos 35 anos, adoeceu em Viena, um perspicaz observador manifestou sobre Ele, numa sociedade: “Veja, Aschenbach sempre viveu assim”, e o orador fechou os dedos de sua mão esquerda em punho, “nunca assim”, e deixou pender a mão aberta, comodamente, do encosto da cadeira. Isto era verdade; e o corajoso-decoroso era que sua natureza, de constituição nada robusta, era apenas destinada ao constante esforço e não nascida

para ele.

Cuidados médicos excluíram o menino da frequência de uma escola e impunham-lhe o ensino em casa. Só, sem companheiros, crescera, e, no entanto, cedo tivera de compreender que pertencia a uma geração na qual não o talento mas sim a base física era uma raridade — uma geração que cedo dava o que tinha de melhor e na qual o saber raras vezes atingia idade. Mas a sua palavra favorita era “perseverança” — via, no seu romance Frederico, nada mais que uma apoteose desta palavra de comando, que lhe parecia a essência da virtude sofredora-ativa. Também desejava ardentemente ficar velho, pois sempre achara que a realmente grande, envolvente, sim, realmente honrada arte só podia ser chamada aquela à qual era dado ser fecunda em todos os graus característicos do homem.

Como então queria levar as tarefas com as quais seu talento o carregava sobre frágeis ombros, e ir longe, necessitava altamente de disciplina — e disciplina, por sorte, era sua herança nata por parte de pai. Aos quarenta, aos cinqüenta anos, como numa idade na qual outros esbanjam, entusiasmam, adiam confiantes a execução de grandes planos, começava cedo o seu dia, entornando água fria sobre o peito e as costas, e, depois, colocando um par de velas de cera à cabeça do manuscrito, ofertava as forças que reunira no sono em duas ou três fervorosamente escrupulosas horas matinais, como sacrifício à arte. Era perdoável, sim, significava bem a vitória de sua moralidade, quando ignorantes consideravam o mundo Maja ou as massas épicas nas quais se desenrolava a vida heróica de Frederico como a produção de força concisa de um longo fôlego, quando, no entanto, eram dispostas em camadas até a grandeza por pequenas tarefas diárias de centenas de inspirações singulares, e só por isso eram tão excelentes em cada ponto, porque seu criador, com uma força de vontade e tenacidade comparáveis àquelas que conquistaram sua província natal, durante anos, resistindo à tensão de uma e mesma obra, dedicara à produção própria e exclusivamente suas mais fortes e dignas horas.

Para que um produto espiritual consiga exercer, imediatamente, um efeito profundo, é preciso existir uma afinidade, uma concordância mesmo, entre o destino pessoal de seu autor e o geral da geração convivente.

Os homens não sabem por que dão fama a uma obra de arte. Longe da perícia, acreditam encontrar cem méritos nela, para justificar tanto interesse, mas a verdadeira razão de seus aplausos é algo imponderável, é simpatia. Aschenbach, num trecho pouco visível, tinha dito que quase tudo o que de grande existia, existia como um “apesar, realizado apesar de aflição e tormento, pobreza, abandono, fraqueza

corporal, vício, paixão e mil obstáculos, era uma experiência, era, por assim dizer, o preceito de sua vida e sucesso, a chave para a sua obra; e, portanto, por que admirar-se quando era também o caráter honrado, a atitude externa de sua figura singular?

Sobre o novo tipo de herói que este autor preferia, em diversas e repetidas aparições individuais, um analista inteligente escrevera: que era a concepção “de uma juvenil masculinidade intelectual”, “que em orgulhosa vergonha cerrava os dentes e permanecia calmo enquanto espadas e lanças lhe atravessavam o corpo”. Isto era bonito, espirituoso e exato, apesar de seu cunho aparentemente demasiado passivo. Pois o porte no destino, o garbo no tormento, não significam apenas uma tolerância; são uma realização ativa, um triunfo positivo, e a figura “sebastiana” é o símbolo mais belo, se não de toda a arte, ao menos da arte em questão. Penetrando com os olhos neste mundo narrado, via-se: o elegante autodomínio que até o último momento esconde aos olhos do mundo uma minação interna, a decadência biológica; a amarela e sensualmente prejudicada feiúra, que é capaz de atizar seu ardor de cio para uma chama limpa, elevar-se mesmo ao poder no reino da beleza, a pálida impotência, que busca a força das profundidades esbraseadas do espírito, para ter aos pés da cruz todo um povo arrogante, prostrado aos seus pés; a gentil atitude no serviço vazio e severo da forma; a falsa e perigosa vida, a rapidamente enervante saudade e arte do impostor nato: observando-se todo este destino e muita coisa parecida, podia-se duvidar se em geral existia um outro heroísmo que o da fraqueza. Todavia, que heroísmo seria mais oportuno? Gustav Aschenbach era o poeta de todos aqueles que trabalham à margem do esgotamento, dos oprimidos, já aniquilados, ainda se mantendo de pé, de todos estes moralistas da produção que, ao menos durante algum tempo, ganham os efeitos da grandeza pelo arrebatamento da vontade e inteligente administração, apesar do físico franzino e de meios precários. Deles há muitos, são os heróis da época. E todos se reconheceram na sua obra, encontravam-se afirmados, cantados, eram-lhe gratos, Eles propagavam o seu nome.

Quando jovem, Ele fôra rude com o tempo, e, mal aconselhado por este, tropeçara publicamente, fizera erros, expusera-se, infringira contra o tato e a prudência, em palavras e obras. Mas alcançara a dignidade pela qual, como afirmava, todo grande talento tem inato um impulso e um espinho natural; sim, pode-se dizer que todo o seu desenvolvimento fôra uma ascendência consciente e teimosa, deixando para trás todas as inibições da dúvida e da ironia.

Uma viva e facultativa palpabilidade espiritual da configuração forma o deleite das massas públicas, mas a apaixonada juventude absoluta só é cativada pelo problemático: e Aschenbach fôra problemático, fôra absoluto com qualquer jovem. Entregara-se ao espírito, abusara do

conhecimento, moera sementes, revelara segredos, desconfiara do talento, traíra a arte — sim, enquanto suas obras distraíam os crentes saboreadores, elevavam, davam vida, Ele, o jovem artista, mantivera suspensos os de vinte anos, com seus cinismos sobre a questionável natureza da arte e dos artistas.

Mas parece que contra nada um nobre e hábil espírito se insensibiliza mais Rápido do que contra o áspero e amargo estímulo do conhecimento; e é certo que a nostálgica, conscienciosíssima solidez significa a superficialidade do jovem em comparação com a profunda decisão do homem que se tornou mestre, desmentindo o saber, recusando-o, passando por cima, de cabeça erguida desde que seja apto a tolher, desencorajar, desonrar no mínimo a vontade, o ato, o sentimento e mesmo a paixão. De que outra maneira poderia ser interpretada a novela do Miserável se não como uma erupção de nojo contra o indecoroso psicologismo do tempo, encarnado na figura daquele mole e todo meiopatile, que capta um destino, entregando sua mulher, por impotência, por viciosidade, por veleidade ética, aos braços de um imberbe, e acredita, na sua profunda indignidade, poder fazê-lo? O ímpeto da palavra com o qual aqui o objeto era repellido proclamava o abandono de todo sentido moral dúbio, de toda simpatia com o abismo, a renúncia à lassidão da frase compassiva, em que tudo compreender queria dizer tudo perdoar; e o que aqui se preparava já se consumava, era aquele “milagre do renascimento da ingenuidade”, sobre o qual, um pouco mais tarde, num dialogo do autor, se falava expressamente e sem entonação misteriosa. Estranhas conexões!

Seria um resultado espiritual de “renascença” dessa nova dignidade e severidade, notando-se ao mesmo tempo um quase demasiado avigorar de seu senso de beleza, aquela nobre pureza, simplicidade e simetria da formação, que dava aos seus produtos de ora em diante um cunho tão manifesto, pretense mesmo, de maestria e classicismo? Porém, resolução moral além do saber, do reconhecimento dissoluto e inibitivo — não significa, por outro lado, uma simplificação, uma singeleza moral do mundo e da alma, portanto, também um revigorar para o mal, o proibido, para o moralmente impossível?

E a forma não tem dois lados? Não é moral e imoral ao mesmo tempo — moral como acontecimento e expressão da cultura, imoral porém e mesmo amoral, desde que por natureza encerre uma indiferença honesta, quando se empenha essencialmente em curvar a moral sob seu cetro orgulhoso e sem limites?

Seja como for! Uma evolução é um destino; e por que esta não devia transcorrer diferentemente, acompanhada pelo interesse e confiança da massa, por uma larga publicidade, daquela que se desenrola

sem o brilho e os compromissos da fama? Só o eterno ciganismo a acha monótona e é inclinado a escarnecer quando um grande talento se emancipa do estado de boneco libertino, se habitua a perceber expressivamente a dignidade do espírito e adota as etiquetas de uma solidão, que era sem conselhos, cheia de duras e independentes lutas e pesares, e que alcançava poder e honra entre os homens. Ademais, quanto jogo, obstinação, deleite está na criação própria do talento! Algo oficial e educativo penetrou com o tempo as apresentações de Gustav Aschenbach, seu estilo mais tarde prescindiu da espontânea audácia, dos matizes sutis e novos, transformou-se em perfeito-positivo, lapidado-tradicional, conservativo, formal, até cerimonioso, e, como a tradição de Luís XIV afiança, assim o homem envelhecido banuiu de sua linguagem toda palavra vulgar. Naquele tempo aconteceu que o Departamento de Ensino adotou páginas escolhidas dele para os livros de leitura escolar obrigatória. No seu íntimo estava de acordo e não rejeitou quando um príncipe alemão, que acabara de subir ao trono, conferiu ao poeta de Frederico o título de nobreza, no seu quinquagésimo natalício.

Depois de alguns anos de desassossego, em vários domicílios experimentais, escolheu cedo Munique como sua residência permanente e viveu ali urna vida civil honrada, como é dado ao espírito em raros casos singulares.

O matrimônio que contraíra ainda jovem com um moça de família erudita foi desfeito pela morte, depois de um curto espaço de felicidade. Ficou-lhe uma filha, já esposa. Um filho, nunca possuiu.

Gustav von Aschenbach era de estatura pouco abaixo da média, moreno, barbeado. Sua cabeça parecia um pouco grande demais em relação ao corpo quase delicado. Seu cabelo penteado para trás, ralo na risca, nas fontes bem cheio e fortemente encanecido, emoldurava uma testa alta, alcantilada e como que cheia de cicatrizes. A asa dos óculos de ouro, com lentes sem aro, cortava a raiz do curto e nobremente arqueado nariz. A boca era grande, muitas vezes frouxa, muitas vezes, repentinamente, estreita e esticada; a parte das faces, magra e sulcada, o queixo bem formado, delicadamente partido. Consideráveis destinos pareciam ter passado por esta cabeça geralmente sofredora, ligeiramente inclinada para o lado; no entanto, tinha sido a arte que assumira aqui aquela formação fisionômica que, em outros, é obra de uma vida pesada e movimentada. Atrás desta testa nasceram as relampejantes réplicas da palestra sobre a guerra entre Voltaire e o rei; estes olhos, cansados e olhando profundamente através dos óculos, tinham visto o inferno sangrento dos hospitais da Guerra de Sete Anos. Também do lado pessoal a arte afinal é uma vida elevada. Ela torna mais profundamente feliz, ela consome mais rapidamente. Ela sulca no rosto de seu criado os rastros de aventuras imaginárias e espirituais e ela produz, com o decorrer do

tempo, mesmo em monástico silêncio de existência exterior, um ânimo, uma supersensibilidade, um cansaço e uma curiosidade dos nervos que uma vida cheia de dissolutas paixões e prazeres quase não consegue produzir. Vários negócios de natureza mundana e literária ainda prenderam o viajante por duas semanas, depois daquele passeio em Munique. Finalmente deu ordem para que sua residência de verão fosse preparada para dentro de quatro semanas e viajou num dia, entre meados e fins de maio, de noturno para Trieste, onde ficou apenas por 24 horas e de onde embarcou na manhã seguinte para Pola.

O que procurava era o estranho e o sem relação, que, porém, seria fácil de alcançar, e assim fez uma estada numa ilha adriática, não longe da costa ístria, afamada há alguns anos, com belos trechos rasgados de recifes lá onde o mar era aberto, habitado por um povo camponês em trapos coloridos e falando em sons absolutamente estranhos. Porém, a chuva e o mormaço, um coeso grupo provinciano austríaco como companheiros de hotel e a carência daquela quieta e efusiva relação ao mar, que só uma suave praia arenosa concede, desgostaram-no, não o deixavam obter a consciência de ter acertado o lugar de seu destino; uma compulsão interior, com um objetivo que ainda não lhe era claro, deixou-o desassossegado; estudou rotas de navios, procurando, olhou em redor e, de repente, ao mesmo tempo surpreendente e natural, o seu destino estava em frente de seus olhos. Se, de um dia para outro, desejava alcançar o incomparável, o quimérico diferente, para onde ia?

Mas isso era claro! Que fazia aqui? Errara o caminho.

Para lá desejava viajar. Não perdeu tempo em avisar sua partida da estada errônea. Uma semana e meia depois de sua chegada à ilha, numa manhã nebulosa, uma Rápida lancha a motor levou-o e a sua bagagem sobre a água, de volta ao porto de guerra; lá se foi à terra para imediatamente subir, por uma prancha, ao convés úmido de um navio que zarpava para Veneza.

Era uma cômoda embarcação de nacionalidade italiana, antiquada, fuliginosa e sombria. Numa cabina cavernosa da parte interna, artificialmente iluminada, para onde Aschenbach logo depois de sua chegada foi levado por um marinheiro corcunda, sujo e de sorridente solicitude, sentado atrás de uma mesa, o chapéu de lado na testa e um toco de cigarro no canto da boca, um homem de pêra, fisionomia de um velho diretor de circo, que, com pantomimas de leves atitudes comerciais, tomava nota dos documentos de identidade dos viajantes e tirava as passagens.

— Para Veneza! — repetiu o pedido de Aschenbach. — esticando o braço e empurrando a caneta no conteúdo pastoso, restante no tinteiro inclinado. — Para Veneza, primeira classe! Está servido, meu senhor!

E escreveu garranchos, espalhou a areia azul de uma lata sobre a escrita, deixou-a escorrer para a tigela de barro, dobrou o papel com dedos amarelos e ossudos e escreveu de novo.

— Uma feliz escolha de viagem! — tagarelou enquanto isso. — Ah! Veneza! Uma cidade maravilhosa!

Uma cidade de irresistível atração para o erudito, tanto por sua história como por seus encantos atuais!

A lisa rapidez de seus movimentos e a conversa vazia com a qual os acompanhava tinha algo de entorpecente e distrativo, como se estivesse pensando que o viajante pudesse ficar vacilante na sua decisão de ir a Veneza.

Recebeu depressa e deixou cair o troco, com habilidade de croupier, sobre o pano manchado da mesa.

— Bom divertimento, meu senhor! — disse Ele com uma mesura de ator. — É uma honra para mim conduzi-lo... Meus senhores! — chamou logo em seguida com o braço erguido, e fez como se os negócios estivessem andando muito bem, apesar de não ter mais ninguém para atender. Aschelibach voltou ao convés.

Um braço apoiado no parapeito, observou o povo desocupado que vadiava pelo cais a fim de presenciar a partida do navio e dos passageiros. Os da segunda classe, homens e mulheres, acocoravam-se na proa, usando caixotes e trouxas como assentos. Um grupo de jovens compunha os companheiros de viagem da primeira classe, auxiliares de comércio polesianos, que, como parecia, num impulso jovial, se reuniram para um passeio à Itália. Não faziam pouco rebuliço de si e sua iniciativa, palravam, riam, gozavam, vaidosos, suas próprias atitudes, e, debruçados sobre a amarra, gritavam troças aos colegas que, de pasta embaixo do braço, andavam pela rua do cais tratando de negócios, ameaçando os folgados com a bengalinha. Um deles, de terno veranil amarelo-claro, de corte ultramoderno, gravata vermelha e chapéu panamá virado arrojadamente para cima, sobressaía com voz cacarejante e bom humor.

Mal, porém, Aschenbach o observara melhor, notou, com uma espécie de horror, que o jovem era falso. Era velho, não havia dúvida. Rugas rodeavam seus olhos e sua boca. O leve carmesim era rouge, o cabelo castanho sob o chapéu de palha com fita colorida era uma cabeleira, seu pescoço flácido e nervudo, seu bigodinho e a mosca no queixo eram pintados, sua dentadura amarela e completa, que mostrava rindo, um serviço barato de prótese, e suas mãos, com anéis brasões em ambos os indicadores, eram as de um ancião. Sentindo-se arrepiado, Aschenbach analisou-o em sua comunidade com os amigos. Não sabiam, não percebiam que era velho, que injustamente usava suas roupas janotas

e coloridas, injustamente passava por um deles? Naturalmente e habituados, como parecia, toleravam-no como um deles, retribuía, sem repulsa, suas cotoveladas brincalhonas. Como podia ser isso? Aschenbach cobriu a testa com sua mão e fechou os olhos, que ardiavam porque dormira pouco. Parecia-lhe, que nem tudo era como de costume, que começava a alastrar-se uma estranheza sonhadora, uma desfiguração do mundo para o esquisito que talvez ainda pudesse ser detida se escurecesse seu rosto e tornasse a olhar. Neste momento, porém, teve a impressão de movimento e, abrindo os olhos com susto insensato, notou que o pesado e escuro corpo do navio se afastava vagarosamente do cais. Por polegadas, sob o trabalho das máquinas, para a frente e para trás, alargava-se a faixa de água suja e brilhante entre o cais e a parede do navio, e depois de pesadas manobras o navio apontou o gurupés para o alto mar. Aschenbach dirigiu-se para estibordo, onde o corcunda tinha armado uma cadeira de bordo, e um comissário, em fraque manchado, perguntava por suas ordens.

O céu estava cinza e o vento úmido. Porto e ilhas tinham ficado para trás e rapidamente perdeu-se de vista toda terra. Flocos de pó de carvão, inchados de umidade, desciam sobre o convés que não queria secar.

Já depois de uma hora foi estendido um toldo, porque começou a chover.

Embrulhado no seu paletó, um livro no colo, o via— jante repousava e as horas passaram sem sentir. Parara de chover, retiraram o teto de linho. O horizonte estava completo. Sob a turva cúpula do céu estendia-se em volta a porção de mar deserto. Mas no espaço vazio sem laços que nos prendam também falta ao nosso espírito a medida do tempo e nós crepusculamos na imensidão. Figuras estranhamente sombrias, o ancião janota, o homem de pêra no interior do navio passavam com movimentos vagos, com palavras confusas e imaginadas pelo cérebro do repousante, e Ele adormeceu.

Ao meio-dia, para o almoço, pediram-lhe que descesse à sala de jantar, que parecia um corredor, e para onde davam as portas das cabinas; e ali, nos pés da comprida mesa, na cabeceira da qual fazia sua refeição, os auxiliares do comércio, inclusive o velho, bebericavam desde as 10 horas com o alegre comandante.

A refeição era pobre e Ele a terminou depressa. Sentia-se impelido para o ar livre, para ver o céu: se não ia clarear em cima de Veneza.

Não pensara senão que assim devia acontecer, pois a cidade sempre o recebera resplandescente. Mas céu e mar continuavam turvos e plúmbeos, às vezes descia uma chuva nebulosa, e Ele, no caminho aquoso,

conformou-se em alcançar uma Veneza diferente daquela que, vindo por terra, jamais encontrara. Estava parado no mastro de traquete, o olhar perdido, à espera da terra. Pensou no melancólico-entusiástico poeta para o qual, anteriormente, as cúpulas e as torres de sinos de seus sonhos haviam emergido dessas ondas, e repetiu baixinho algo do que, naquela oportunidade de venerável felicidade e tristeza, se completara num canto, e, tendo já formado sua opinião sem esforço, examinou o seu coração sério e cansado como se um novo entusiasmo e perturbação, uma retardada aventura do sentimento talvez pudessem estar reservados ao viajante ocioso.

Depois emergiu, à direita, a costa plana, botes de pescadores animavam o mar, a ilha dos bandos apareceu; o navio deixou-a para a esquerda, deslizou, com marcha diminuída, pela estreita entrada do porto que tem seu nome e pela laguna; avistando coloridas e pobres moradias, parou por completo, porque esperavam a lancha do serviço sanitário.

Uma hora passou até ela aparecer. Tinha-se chegado e não se tinha chegado; não se tinha pressa e, no entanto, se sentia impelido por impaciência. Os jovens polesianos, vestidos patrioticamente e talvez atraídos pelos sinais militares de cornetas que soavam, por sobre a água, das redondezas dos jardins públicos, tinham vindo para o convés e, entusiasmados pelo Asti, gritavam vivas aos bersaglieri que se exercitavam do outro lado. Mas era nojento de se ver em que estado, na falsa comunidade com a juventude, tinha ficado o velho janota. Seu cérebro velho não conseguira suportar o vinho como os jovens robustos, estava miseravelmente bêbado. De olhar idiota, um cigarro entre os dedos trêmulos, mantendo com dificuldade o equilíbrio, vacilava no mesmo lugar, impelido pela bebedeira para frente e para trás. Como teria caído no primeiro passo que desse, não se atrevia a sair do lugar, mostrando, no entanto, uma alegria lastimável; segurava pelo botão do paletó cada um que se aproximasse dele, balbuciava, piscava, ria, erguia seu dedo indicador com anel, em brincadeira tola, e lambia os cantos da boca de maneira abominavelmente ambígua. Aschenbach observou-o de cenho cerrado e novamente foi possuído de um sentimento de perturbação, como se o mundo mostrasse uma leve, porém não detível inclinação para desfigurar-se em estranho e grotesco: um sentimento, todavia, que as circunstâncias o impediram de analisar, porque neste momento a atividade pateante das máquinas começou de novo e o navio prosseguiu sua viagem interrompida tão próximo do seu destino, passando pelo Canal de São Marcos.

Assim Ele via de novo o mais espantoso desembarcadouro, aquela brilhante composição de construções fantásticas que a república apresentava aos olhares admirados dos navegantes que se aproximavam, a leve magnificência do palácio e a Ponte dos Suspiros, as colunas com

leões o santos nos cais, o flanco avançado da suntuosa capela fabulosa, a vista sobre o portal e o relógio gigantesco, e, erguendo os olhos, pensou que chegar a Veneza por terra era como entrar num palácio pela porta dos fundos, e que não se devia chegar à cidade mais inverossímil de outra maneira que de navio, sobre o alto-mar, como chegava agora Ele.

A maquina parou, gôndolas se acercaram, a escada foi descida, inspetores da alfândega subiram a bordo e cumpriram seus deveres; o desembarque podia começar.

Aschenbach deu a entender que desejava uma gôndola que o levasse à estação daqueles pequenos vapores que trafegam entre a cidade e o Lido, pois tencionava tomar acomodações perto do mar. Aprovaram sua intenção.

Gritaram o seu desejo para a água lá embaixo, onde os gondoleiros brigavam em dialeto entre si. Ele ainda é impedido de descer, impede-o sua mala, que no momento é arrastada e carregada com dificuldade pela escada do navio. Assim, vê-se impossibilitado de fugir das impertinências do velho horripilante, que, impelido pela bebedeira, quer fazer as honras de despedida ao estranho.

— Desejamos a mais feliz estada — berrava, fazendo medidas. — Recomendamo-nos à sua afeiçoada lembrança! Au revoir, excusez et bon jour¹⁴ —, Sua Excelência!

— Sua boca aguava, Ele fechava os olhos, lambia os cantos da boca e a mosca pintada sob o lábio de ancião arrepiava-se. — Nossos cumprimentos — balbuciava com duas pontas de dedos na boca —, nossos cumprimentos à amada, à mais querida, à mais bonita namorada. — E repentinamente lhe caiu a dentadura superior sobre o lábio inferior. Aschenbach pôde afastar-se. — À amada, à bela amada — ouviu nas suas costas em tons arrulhantes, ocos e tolhidos, enquanto, segurando-se no corrimão de corda, descia pela escada do portaló.

Quem não teria de combater um ligeiro arrepio, um secreto medo e opressão quando, pela primeira vez ou depois de longo desábito, tivesse que subir para uma gôndola veneziana? A estranha embarcação de tempos baladescos, tradicionalmente inalterada e tão singularmente preta como entre todas as coisas só o são os ataúdes — câibra, caladas e criminosas aventuras em noites murmurantes, lembra mais ainda a própria morte, macas e execuções sombrias e a última silenciosa viagem. E já se notou que o assento de um desses veículos, essa poltrona laqueada negro-esquife, acolchoada, o assento mais macio, mais suntuoso e relaxante em todo o mundo? Aschenbach o descobriu quando se sentou aos pés do gondoleiro, em frente de sua bagagem, bem arrumada rio

talha-mar. Os gondoleiros continuavam brigando, rudes, incompreensíveis, com gestos ameaçadores. Mas o silêncio singular da cidade aquosa parecia receber suavemente essas vozes, desencarná-las, espalhá-las pelas águas. Estava quente ali no porto, com um toque morno do sopro do siroco; recostado nos travesseiros, o viajante fechou os olhos, no prazer de uma tão desacostumada negligência. “A viagem perfeita”, pensou Ele; “gostaria de que durasse para sempre!” Com um leve balanço, sentiu-se fugir do aperto e da vozearia.

Como ficava cada vez mais silencioso em volta dele!

Nada mais se ouvia a não ser o ruído do remo, o baque oco das ondas contra o talha-mar do barco, que, reto, preto e com a ponta em feitio de alabarda, ficava por cima da água, e ainda um terceiro, um falar e segredar — o murmúrio do gondoleiro que falava consigo entre os dentes, aos empurrões, em sons que eram premidos pelo trabalho de seus braços. Aschenbach ergueu os olhos e viu, com leve estranheza, que em sua volta a laguna se alargava e sua viagem estava dirigida ao mar aberto. Parecia, por conseguinte, que não podia descansar demais e devia cuidar da execução de sua vontade.

— Vamos para a estação das barcas — disse, com uma meia volta para trás. O murmúrio parou. Não recebeu resposta.

— Vamos para a estação das barcas! — repetiu, virando-se por completo e erguendo os olhos para o rosto do gondoleiro, que, atrás dele, numa armação mais elevada, se erguia contra o céu pálido. Era um homem com fisionomia descortês, brutal mesmo, vestido de azul à marinheira, com uma faixa amarela na cintura e um disforme chapéu de palha ousado e torto na cabeça, cujo trançado começava a abrir-se. Sua formação de rosto, seu bigode louro e crespo embaixo do nariz curto e arrebitado não lhe davam a aparência do tipo italiano.

Apesar de ser de constituição física mais para franzina, podendo-se achar não ser Ele especialmente indicado para a sua profissão, dirigia o remo com grande energia, empenhando todo o corpo em cada movimento. Algumas vezes, com o esforço, puxava os lábios para trás, descobrindo seus dentes brancos. Com as sobrancelhas ruivas, cerradas, Ele olhava por cima do freguês, respondendo em tom categórico, quase grosseiro:

— O senhor vai para o Lido.

Aschenbach replicou:

— Certamente. Mas só tomei a gôndola para levar-me a São Marcos. Desejo pegar o vaporetto.

— O senhor não pode pegar o vaporetto, meu senhor.

– E por que não?

– Porque o vaporetto não transporta bagagem.

Isto estava certo; Aschenbach lembrou-se. Calou.

Mas o modo do homem, áspero, presunçoso para com um estranho, tão pouco usual no país, era insuportável.

Ele disse:

– Isso e comigo. Talvez queira guardar a bagagem.

O senhor vai voltar.

Não houve resposta. O remo patinhava, a água batia surdamente contra a proa. E o falar e sussurrar recomeçaram: o gondoleiro falava, entre dentes, consigo.

Que fazer? Sozinho sobre as águas com o estranho, insubordinado, sinistro e decidido homem, o viajante não via meios de impor sua vontade. De mais a mais, como podia descansar maciamente se não se revoltasse!

Não desejava que a viagem durasse para sempre? O mais acertado era deixar as coisas como estavam, afinal era bem agradável. Um encanto de indolência parecia emanar do seu assento, dessa baixa poltrona preta, tão suavemente embalada pelas batidas do remo do gondoleiro arbitrário, às suas costas. A suposição de ter caído nas mãos de um criminoso passou de leve pelo cérebro de Aschenbach – incapaz de alertar seus pensamentos para uma defesa ativa. O aborrecido era que tudo parecia aplicado para uma simples exploração. Uma espécie de sentimento de dever ou orgulho, a lembrança, por assim dizer, de que devia prevenir-se, fez com que recobrasse ânimo mais uma vez. Perguntou:

– Quanto cobra pela viagem?

Olhando por cima dele, o gondoleiro respondeu:

– O senhor pagará.

Estava claro o que devia replicar a isto. Aschenbach disse automaticamente:

Eu nada pagarei, absolutamente nada, se não me levar para onde quero.

– Quer ir para o Lido.

– Mas não com o senhor.

– Navego bem.

Isto era verdade, pensou Aschenbach, e relaxou.

Isto é verdade, você navega bem. Mesmo se você está de olho no meu dinheiro e, com uma pancada do remo pelas costas, mandar-me à casa dos Aides, você me levará bem.”

Porém nada disso aconteceu. Até companhia apareceu: um barco com bandoleiros músicos, homens e mulheres que cantavam ao som da guitarra e do bandolim, importunamente navegando lado a lado com a gôndola, enchendo o silêncio sobre as águas com suas gananciosas poesias. Aschenbach atirou dinheiro dentro do chapéu estendido. Calaram-se então e afastaram-se.

E o murmúrio do gondoleiro, que intermitente e destacado falava sozinho, foi de novo audível.

Assim chegou, balançado pelas águas da quilha de uma barca em viagem para a cidade. Dois guardas municipais, as mãos nas costas, os rostos voltados para a laguna, andavam de um lado ao outro na margem.

Aschenbach desceu da gôndola na ponte, auxiliado por aquele velho que em todos os embarcadouros de Veneza está a postos com seu arpeu, e, como lhe faltava dinheiro miúdo, atravessou para o hotel vizinho da ponte, para trocar. É atendido no saguão, volta, encontra sua bagagem num carrinho no cais; e gôndola e gondoleiro tinham sumido.

– Ele deu o fora – disse o velho com o arpéu.

Um homem mau, um homem sem concessão, prezado senhor. É o único gondoleiro que não tem concessão.

Os outros telefonaram para cá. Ele viu que era esperado. Aí deu o fora.

Aschenbach encolheu os ombros.

– O cavalheiro viajou de graça – disse o velho, e estendeu o chapéu. Aschenbach atirou-lhe moedas. Deu ordens para que sua bagagem fosse levada ao Hotel dos Banhos e seguiu o carrinho pela alameda, a alameda florida de branco que atravessa a ilha até a praia, ladeada por tavernas, bazares e pensões.

Entrou pelos fundos do grande hotel, pelo terraço do jardim, e dirigiu-se para o escritório, atravessando o grande saguão e o vestíbulo. Como tinha sido anunciado, foi recebido com solicitude. Um gerente, homem pequeno, silencioso, de lisonjeira cortesia, com bigode preto e de casaca de corte francês, acompanhou-o ao elevador, subiu com Ele e indicou-lhe um quarto no segundo andar, um aposento agradável com móveis de cerejeira, que haviam enfeitado com flores de forte perfume e cujas janelas davam para o mar. Parou na frente de uma delas, depois que o gerente se retirou, e, enquanto traziam sua bagagem e a arrumavam no quarto, ficou olhando para a praia deserta ao entardecer e para o mar que

estava de maré-cheia, enviando ondas baixas e extensas contra a margem, num compasso igual e calmo.

As observações e os acontecimentos do solitário calado são ao mesmo tempo mais difusos e mais penetrantes que os do sociável, seus pensamentos são mais pesados, estranhos e nunca sem um traço de tristeza.

Imaginações e percepções que poderiam facilmente ser postas de lado com um olhar, um sorriso, uma troca de opiniões, ocupam-no sobremaneira, aprofundam-se no silêncio, tornam-se importantes, acontecimento, aventura, sentimento. A solidão acarreta o original, o ousado, o estranhamente belo, o poema. Mas a solidão também acarreta o errado, o desproporcional, o absurdo e proibido. Assim, ainda agora, perturbavam a alma do viajante as aparições da viagem, o horrível velho janota com seus disparates sobre a amada, o desacreditado e logrado gondoleiro. Sem apresentar dificuldade à razão, sem fornecer propriamente material para pensar, eram, no entanto, de natureza fundamentalmente esquisita, como lhe parecia, e talvez perturbadoras justamente por causa dessa contradição. Entre estes pensamentos, Ele saudava o mar com os olhos e sentia alegria em saber que Veneza estava tão facilmente acessível pela proximidade. Finalmente voltou-se, lavou o rosto, deu algumas ordens à arrumadeira no sentido de completar a sua comodidade e deixou-se levar ao rés-do-chão pelo suíço de uniforme verde que servia no elevador.

Tomou o chá na varanda do lado do mar, depois desceu e seguiu pelo passeio um bom trecho, em direção ao Hotel Excelsior. Quando voltou parecia já estar na hora de vestir-se para o jantar. Fê-lo devagar e com minúcia, a seu modo, porque estava habituado a trabalhar enquanto se vestia; apesar disso, chegou cedo ao salão, onde uma grande parte dos hóspedes estava reunida, estranhos entre si e com representada indiferença, porém em coletiva espera pelo jantar. Apanhou um jornal da mesa, acomodou-se numa poltrona de couro e observou a sociedade que se diferenciava de uma maneira agradável daquela de sua primeira estada.

Um horizonte largo, tolerante, abrangendo um grande círculo se abria. Abafados se misturavam os sons do grande idioma. O universalmente tradicional traje de noite, um uniforme de civilidade, reunia externamente os modos de apresentação humana numa decorosa unidade. Viam-se as fisionomias compridas e secas dos americanos, a família russa de muitos membros, damas inglesas, crianças alemãs com amas francesas.

O elemento eslavo parecia dominar. Bem na sua vizinhança falava-se polonês.

Era um grupo de adolescentes, sob a tutela de uma governanta ou dama de companhia, reunido em volta de uma mesinha de vime: três mocinhas, de quinze a dezessete anos, como parecia, e um rapaz de cabelos longos de talvez catorze anos. Com surpresa, Aschenbach notou que o menino era perfeitamente belo. Seu rosto pálido e graciosamente fechado, circundado por cabelos cacheados, louros cor de mel, com o nariz reto, a boca suave, a expressão de seriedade divina, lembrava esculturas gregas dos mais nobres tempos e da mais pura perfeição de forma; era de tão rara atração pessoal que o observador julgou nunca ter encontrado na natureza ou no mundo artístico uma obra tão bem sucedida.

O que além disso chamava a atenção era o patente contraste, em princípio, entre os pontos de vista educacionais de acordo com os quais os irmãos eram vestidos e orientados. O preparo das três moças, das quais a mais velha poderia ser considerada adulta, era acerbo e casto até a desfiguração. Um traje simétrico de convento, cor de ardósia, meio comprido, sóbrio e propositalmente de corte de mau gosto, com colarinhos brancos como único vivo, oprimia e impedia qualquer graciosidade do porte. O cabelo liso e fortemente colado à cabeça deixava os rostos, como os de freiras, vazios e sem expressão. Sim, havia uma mãe que aqui reinava, e ela nem pensava em usar a mesma severidade pedagógica sobre o rapaz que lhe parecia necessária com as meninas. Brandura e carinho mareavam sua existência em primeiro lugar. Tiveram o cuidado de não tocar com a tesoura seus lindos cabelos; estes anelavam-se na testa, sobre as orelhas e para baixo da nuca.

O terno de marinheiro inglês, com mangas fofas que se estreitavam para baixo e ajustavam-se no fino punho de sua mão ainda infantil, porém estreita, concedia, com seus cordões, laços e bordados, à delicada figura, algo de rico e mimado. Sentava em meio perfil para o observador, com um pé na frente do outro, calçado de sapatos de verniz, um cotovelo apoiado no braço de sua cadeira de vime, a face ajustada na mão fechada numa pose de negligente decência e completamente sem o In aquela rigidez quase subalterna, à qual suas irmãs pareciam estar acostumadas. Era doente? Pois a pele de seu rosto destacava-se, branca como marfim, contra o escuro dourado dos cachos emoldurantes. Ou era apenas uma mimada criança preferida, carregada por amor partidário e caprichoso? Aschenbach inclinava-se a acreditar nisso. A quase todas as naturezas artísticas é inata uma tendência exuberante e traidora: reconhecer a beleza criadora de injustiça e manifestar aristocrática preferência, interesse e homenagem.

Um garçom andou de um lado a outro anunciando em inglês que o jantar ia ser servido. Aos poucos as pessoas diminuíram, indo pela porta de vidro para a sala de jantar. Retardatários, vindos do vestíbulo e

do elevador, passavam. Lá dentro começaram a servir, mas os jovens poloneses ainda continuavam em volta de sua mesinha de vime, e Aschenbach, comodamente instalado na poltrona funda e, ademais, com a beleza perante seus olhos, esperou com Eles.

A governanta, uma senhora baixa, corpulenta, de rosto vermelho, deu finalmente o sinal para se levantarem. De sobranceiras erguidas, empurrou sua cadeira para trás e curvou-se quando uma senhora alta, vestida de cinza-claro e ricamente enfeitada de pérolas, entrou no salão. O porte desta senhora era reservado e formal, o penteado de seus cabelos ligeiramente empoados, assim como o feitio de seu vestido, eram daquela simplicidade que em toda parte determina o gosto, onde a religiosidade vale como elemento de distinção. Poderia ter sido a esposa de um alto funcionário alemão. Algo de luxo fantástico na sua aparência vinha exclusivamente das jóias, que de fato eram quase inestimáveis e se compunham de brincos e de um colar de três voltas, muito comprido, de pérolas do tamanho de cerejas, com um brilho suave.

Os irmãos tinham-se levantado rapidamente. Curvaram-se para beijar a mão de sua mãe, que, com um sorriso contido no seu rosto cuidado, mas cansado, e de nariz um pouco fino, olhava por cima de suas cabeças e dirigia algumas palavras em francês à governanta.

Depois encaminhou-se para a porta de vidro. As crianças seguiram, as meninas na ordem de suas idades, depois delas a governanta e por último o rapaz. Por um motivo qualquer, este virou-se antes de passar pelo limiar, e, como ninguém mais permanecera na sala, seus estranhos olhos cinza-alvorada encontraram os de Aschenbach, que, de jornal sobre os joelhos, ensimesmado em contemplação, seguiu o grupo com seus olhos.

O que vira nada tinha de particularmente extraordinário. Não tinham ido para a mesa sem a mãe, tinham-na esperado e cumprimentado respeitosamente e tinham observado maneiras educadas ao entrar na sala. Porém isto se apresentara tão expressivo, com um tal acento de disciplina, dever e dignidade que Aschenbach se sentiu estranhamento comovido. Demorou-se mais um pouco e depois também foi para a sala de jantar, deixando que lhe indicassem sua mesinha, que, como verificou com algum pesar, ficava bem longe da família polonesa.

Cansado e, no entanto, espiritualmente emocionado, distraiu-se durante a morosa refeição com coisas abstratas e transcendentais, meditou sobre a misteriosa relação que a legalidade tinha de contrair com a individualidade a fim de nascer beleza humana; daí chegou aos problemas gerais e achou finalmente que seus pensamentos e suas descobertas se pareciam com certas insinuações aparentemente felizes do sonho, as quais, a uma mente sóbria, demonstravam ser completamente

insípidas e inúteis. Depois do jantar permaneceu no parque com seu perfume noturno, fumando, sentando, passeando; deitou-se cedo e passou a noite num sono contínuo e profundo, porém animado por vários sonhos.

O tempo não estava propício no dia seguinte. Havia vento terrestre. Sob um céu coberto, o mar estava numa calma embotada, como que enrugado, com horizonte próximo e prosaico e tão recuado da praia que deixava expostas várias carreiras de extensos bancos de areia.

Quando Aschenbach abriu sua janela, acreditou sentir o cheiro podre da laguna.

Sentiu-se aborrecido. Já nesse momento pensou em partir. Uma vez, há anos, depois de alegres semanas primaveris, um tempo como este apresentara-se-lhe aqui e prejudicara sua saúde de tal maneira que tivera de deixar Veneza como um fugitivo. Já não apareciam de novo o desgosto febril, a pressão nas têmporas, o peso nas pálpebras, daquela vez? Trocar mais uma vez o paradeiro seria desagradável, mas se o vento não mudasse sua permanência era impossível. Por segurança não desemalou tudo. Às 9 horas tomou o café na sala destinada para este fim, entre o saguão e a sala de jantar.

Na sala reinava o solene silêncio que é a ambição dos grandes hotéis. Os garçons andavam sobre solas silenciosas. Um tinir da louça de chá, uma palavra murmurada era tudo o que se ouvia. Num canto, obliquamente do outro lado da porta e distante duas mesas da sua, Aschenbach notou as moças polonesas com sua preceptora. Muito eretas, o cabelo louro-cinza alisado recentemente, de olhos avermelhados, em vestidos de linho azul engomados, com pequenas golas e punhos brancos, lá estavam sentadas, e passavam, uma para a outra, o vidro de geléia. Já estavam terminando a refeição. O menino faltava.

Aschenbach sorriu. “Então, pequeno Fécio!”, pensou.

“Você parece ter o privilégio de dormir até a hora que desejar.” E, repentinamente alegrado, recitou para si mesmo o verso:

“Muitas vezes transformavam jóias e banhos mornos e descanso”.

Tomou seu café sem pressa e recebeu da mão do porteiro, que entrou na sala com o boné engalanado na mão, alguma correspondência remetida, e abriu algumas cartas, fumando um cigarro. Assim acontecendo foi que ainda presenciou a chegada do dorminhoco, que era esperado lá do outro lado.

Veio pela porta de vidro e, no silêncio reinante, atravessou a sala para a mesa de suas irmãs. Seu andar, assim como o porte de seu corpo, o movimento dos joelhos, o pisar do pé calçado de branco, eram de

extraordinária graça, muito leve e ao mesmo tempo delicado e orgulhoso e ainda embelezado pelo encabulamento infantil, devido ao qual Ele, no seu caminho, por duas vezes, com um movimento para a sala, levantou e abaixou os olhos. Sorrindo, com uma palavra murmurada, na suave e apagada voz, tomou o seu lugar, e agora, sobretudo porque mostrava ao observador um perfil exato, este espantou-se de novo, sim, assustou-se sobre a beleza verdadeiramente divina desta criatura humana.

O menino vestia hoje um terno-blusão de fazenda lavável com listras azuis e brancas, com um laço de seda vermelha no peito e arrematado no pescoço por um colarinho branco engomado. Sobre este colarinho, porém que nada tinha de especialmente elegante ou combinado com o feitio do terno, repousava a flor da cabeça num encanto incomparável – a cabeça de Eros, com o brilho amarelado do mármore de Paros, com sobranceiras finas e sérias, têmperas e orelhas cobertas pela entrada retangular dos anéis de cabelo escuro e macio.

“Bom, bom!”, pensou Aschenbach com aquela aprovação reservada de perito, com a qual artistas às vezes escondem seu êxtase, seu arrebatamento perante uma obra-prima. E continuou pensando: “Palavra, se o mar e a praia não me esperassem, ficaria aqui enquanto você ficasse!” Assim, porém, sob as atenções dos empregados, atravessou o saguão, desceu pelo grande terraço e foi diretamente sobre a ponte de tabuas para a praia reservada aos hóspedes do hotel. Deixou que a cabina alugada lhe fosse mostrada pelo velho descalço que, em calça de linho, blusa de marinheiro e chapéu de palha, servia de banhista; fez colocar mesa e cadeira para fora, na arenosa plataforma de madeira, e acomodou-se na cadeira de lona, a qual puxava mais para perto do mar, na areia amarelada.

A paisagem na praia, este aspecto de cultura fisicamente despreocupado e gozador na margem do elemento, distraiu-o e alegrou-o como antigamente. O mar cinza e liso já era animado por crianças patinando, nadadores, figuras coloridas que, braços cruzados embaixo da cabeça, estavam deitadas na areia. Outros remavam em pequenos botes sem quilha, pintados de vermelho e azul, e soçobravam rindo. Perante a extensa fila de cabinas, em cuja plataforma sentava-se como em pequenas varandas, havia movimento de brincadeiras e repouso indolente e estendido, visitas e conversas, cuidadosa elegância matinal ao lado da nudez que, comodamente ousada, gozava da liberdade do lugar. Em frente, na areia úmida e firme, alguns passeavam em brancos 120 roupões e em largas roupas de praia de cores fortes.

À direita, um extenso castelo de areia, construído por crianças, estava rodeado por pequenas bandeiras de todos os países. Vendedores de conchas, bolos e frutas ofereciam ajoelhados suas mercadorias. À

esquerda, na frente de uma das cabinas que ficavam transversais às outras e ao mar e que formava um término da praia reservada, acampava uma família russa. Homens de barbas e dentes grandes, mulheres acabadas e indolentes, uma senhorita báltica que, sentada na frente de um cavalete, pintava o mar sob exclamações de desespero, duas crianças boas e feias e uma velha empregada de pano na cabeça com maneiras delicadas e submissamente servil. Em desfrutamento agradecido, lá viviam, chamando, incansáveis, os nomes das desobedientes crianças que brincavam. Gracejavam, longamente, conciliando algumas poucas palavras italianas, como velho humorístico, de quem compravam doces; beijavam-se nas faces e não tomavam conhecimento de nenhum observador de sua comunidade humana.

“Eu quero ficar”, pensou Aschenbach. “Onde seria melhor?” E, de mãos entrelaçadas no colo, deixou seus olhos perderem-se na infinidade do mar, deixou seu olhar escapar, turvar-se, quebrar-se na bruma monótona do deserto do espaço. Amava o mar por motivos fortes: por um anseio pelo silêncio do artista que trabalha muito e que, perante a exigente multiplicidade das aparições, deseja acolher-se no seio do simples e imenso; por uma tendência proibida, oposta à sua tarefa e, justamente por isso, tentadora; para o desligado, desmedido, eterno, para o nada. Descansar ao lado do perfeito é o anseio daquele que se empenha pelo esmerado; e o nada não é uma forma do perfeito? Mas, enquanto sonhava profundamente no vácuo, a horizontal da beira da praia foi repentinamente cruzada por uma figura humana e, quando buscou e recolheu seu olhar do ilimitado, viu que era o belo rapaz que, vindo da esquerda, passava na areia na frente dele. Descalço, as esguias pernas nuas até os joelhos, pronto para patinhar, andava vagarosamente, mas tão de leve e tão orgulhoso como se estivesse perfeitamente habituado a movimentar-se assim, olhando à procura das cabinas transversais. Mal, porém, divisou a família russa que levava a sua vida em grata união, uma tempestade de desprezo colérico cobriu seu rosto. Sua fronte ensombrou-se, os lábios se repuxaram para o lado numa expressão de amargura que rasgava as faces e suas sobranceiras estavam tão fortemente franzidas que, sob sua pressão, os olhos enterrados embaixo delas, escuros e maus, falavam o idioma do ódio. Olhou para o chão, olhou mais uma vez ameaçadoramente para Eles e então fez um movimento com os ombros de violento desdém e abandono, e deixou os inimigos para trás.

Uma espécie de delicadeza ou susto, algo como respeito e vergonha, fizeram com que Aschenbach desviasse o olhar, como se nada tivesse visto; pois ao observador grave e casual dessa paixão repugnava fazer uso de sua percepção mesmo perante si mesmo. Mas sentiu-se divertido e ao mesmo tempo abalado, isto é: feliz. Esse fanatismo infantil dirigido contra a mais bondosa parte da vida — apresentava o divino —,

insignificante em relações humanas, deixava parecer um precioso quadro da natureza, que só servira para deleite dos olhos, merecedor de uma simpatia mais profunda; e concedia à figura do adolescente, já significativa pela sua beleza, um relevo que permitia tomá-lo a sério muito além de sua idade.

Ainda de rosto voltado, Aschenbach escutava a voz do menino, a voz clara, um pouco fraca, com a qual, já de longe, procurava anunciar-se aos companheiros entretidos com o castelo de areia. Responderam, gritando varias vezes seu nome ou um diminutivo, e Aschenbach escutou com certa curiosidade, sem poder entender nada mais preciso que duas sílabas melódicas como “Adgio” ou mais vezes “Adgiu”, com um som de “u” agudo e alongado no fim. Alegrou-se com o som, achou-o, na sua eufonia, apropriado ao objeto, repetiu-o em silêncio e, satisfeito, voltou-se para suas cartas e papeis.

Sua pequena maquina de escrever portátil sobre os joelhos, começou a responder, com a caneta tinteiro, esta e aquela correspondência. Mas já depois de um quarto de hora achou que era uma pena abandonar, assim, no espírito a situação, a mais saborosa que conhecia, e perdê-la por uma ação indiferente. Jogou o material para escrever de lado e voltou sua atenção para o mar; pouco depois, desviado pelas vozes da juventude na construção de areia, virou a cabeça, confortavelmente encostada nas costas da cadeira, para a direita, a fim de inteirar-se de novo do paradeiro e das ações do excelente Adgio.

Logo no primeiro olhar descobriu-o: o laço vermelho no peito não podia ser confundido. Empenhado, com outros, em colocar uma tábua como ponto sobre o úmido fosso do castelo de areia, dava instruções para a obra, em voz alta, e fazia sinais com a cabeça. Em sua companhia estavam mais ou menos dez amigos, meninos e meninas de sua idade e alguns mais jovens, tagarelando em polonês, francês e também em idiomas dos Balcãs. Mas era o seu nome que soava mais vezes. Evidentemente era querido, cortejado e admirado. Principalmente um deles, um polonês como Ele, um rapaz forte, que era chamado por “Jachu” ou coisa parecida, com cabelos pretos e cheios de brilhantina, de terno de linho cintado, parecia ser seu mais próximo vassalo e amigo. Estando terminado, por esta vez, o trabalho de construção arenosa, saíram andando pela praia, estreitamente enlaçados, e aquele que era chamado por “Jachu” beijou o belo.

Aschenbach sentiu-se tentado a ameaçá-lo com o dedo. “Porém, a você dou o conselho, Cristóbulos”, pensou sorrindo, “vá viajar por um ano. Pois deste tempo, no mínimo, precisara para sarar.” E depois comeu grandes morangos maduros que comprara de um vendedor.

Ficara bastante quente, apesar de o sol não conseguir perpassar a

densa camada atmosférica. A lassidão prendia o espírito enquanto os sentidos gozavam da distração imensa e atordoante do silêncio do mar. Adivinhar, investigar qual o nome que soaria mais ou menos como “Adgio” pareceu ao homem sério uma tarefa e ocupação apropriada e perfeitamente empregada. E, com a ajuda de algumas lembranças polonesas, averiguou que devia referir-se a “Tadzio”, um diminutivo de “Tadeus”, e, ao pronunciá-lo, soava como “Tadziu”.

Tadzio tomava banho. Aschenbach, que o tinha perdido de vista, descobriu sua cabeça, seu braço fazendo movimentos de remo, lá fora no mar; o mar devia ser raso até bem lá fora. Mas já pareciam preocupados por Ele, vozes femininas já o chamavam das cabinas, exclamavam de novo aquele nome que dominava a praia como uma senha, e o qual tinha, com suas suaves consoantes, seu alongado “u” no fim, ao mesmo tempo algo de doce e selvagem: “Tadzio!”, “Tadzio!” Ele voltou; batendo com as pernas, fazendo com que as águas resistentes formassem espuma, de cabeça inclinada para trás, correu pela maré-cheia. Ver este corpo cheio de vida, prematuramente de uma graciosidade e acrimônia másculas, com os cachos molhados e belo como um deus, surgir do fundo do céu e do mar, sair e fugir do elemento: este aspecto inspirava idéias mitológicas; era como arte poética de tempos primordiais, da origem da for — ma e da nascença dos deuses. Aschenbach escutava, de olhos fechados, os primeiros sons deste canto que soava na sua alma e de novo pensou que ali era bom e que desejava ficar, Mais tarde, Tadzio estava deitado na areia, descansando, enrolado no seu lençol branco puxado por baixo do ombro direito, a cabeça deitada sobre o braço nu; e mesmo quando Aschenbach não o observava, mas lia I algumas páginas de seu livro, quase nunca esquecia que lá estava deitado, e só lhe custava uma ligeira volta da cabeça para a direita a fim de ver o admirável. Quase lhe pareceu como se Ele estivesse ali para proteger aquele que repousava — ocupado com seus próprios assuntos, mas em constante vigilância pela nobre figura humana à sua direita, não longe dele. E seu coração foi comovido por uma benevolência paternal, a enternecedora propensão daquele que, sacrificando-se, cria no espírito o belo para aquele que tem a beleza.

Depois do meio-dia deixou a praia, voltou para o hotel e subiu para o seu quarto. Lá ficou muito tempo perante o espelho e observou seu cabelo grisalho, seu rosto cansado e marcado. Neste momento pensou em sua fama e que muitos o reconheciam na rua, olhando-o respeitosamente, por causa de sua palavra, que atingia o alvo e era coroada de encanto; exortou todos os sucessos mundanos de seu talento dos quais podia lembrar-se, pensou mesmo na concessão de seu título de nobreza. Depois desceu para o almoço na sala de jantar e tomou a refeição na sua mesinha. Quando, depois de terminar, tomou o elevador, alguns jovens que também vinham do almoço seguiram-no para dentro do quartinho

suspenso, e também Tadzio entrou. Ficou bem perto de Aschenbach, pela primeira vez tão perto que este não o viu de uma distância figurada mas o percebeu e reconheceu preciso, com os pormenores de sua humanidade. O rapaz foi interpelado por alguém e, enquanto respondia com um sorriso indescritivelmente lindo, já saía de novo no primeiro andar, de costas e de olhos abaixados. “Beleza faz ser pudico”, pensou Aschenbach, e refletiu penetrado, porque notara que os dentes de Tadzio não eram muito bons: um tanto pontudos e pálidos, sem aquele esmalte da saúde e de singular transparência quebradiça que têm, às vezes, os dos anêmicos. “Ele é muito delicado, Ele é doentio”, pensou Aschenbach.

“Provavelmente não ficará velho.” E renunciou a prestar-se contas sobre um sentimento de satisfação ou sossego que acompanhou este pensamento.

Passou duas horas no seu quarto e viajou à tarde, para Veneza, com o vaporetto sobre a laguna, que cheirava a podre. Desceu em São Marcos, tomou o chá na praça e depois principiou, de acordo com os seus hábitos quando em Veneza, um passeio pelas ruas. Foi, porém, este passeio que trouxe uma completa reviravolta em sua disposição e suas decisões.

Sobre as ruas pairava um calor repugnante; o ar estava tão pesado que os cheiros que emanavam das moradias, lojas e restaurantes, fumaça de óleo, ondas de perfume e muitos outros, pairavam como nevoeiro, sem dispersar. A fumaça do cigarro permanecia no mesmo lugar e só sumia aos poucos. O empurrar das pessoas no aperto incomodava o passeante em vez de distraí-lo.

Quanto mais tempo andava mais se apoderava dele o detestável estado que o ar marinho com o siroco podem produzir e que é ao mesmo tempo excitação e abatimento. Um suor desagradável rompeu-lhe. Os olhos recusavam seus serviços, o peito estava oprimido, Ele parecia febril, o sangue pulsava na cabeça. Fugiu, sobre pontes, das aglomeradas ruas comerciais para os arredores dos pobres. Ali foi molestado por mendigos e as nauseantes exalações dos canais lhe tiravam o desejo de respirar. Num lugar silencioso, um daqueles sítios esquecidos e que dão a impressão de encantados, encontradiços em Veneza, descansando na beirada de um poço, enxugou a testa e convenceu-se de que tinha de partir.

Pela segunda vez, e agora definitivamente, ficou provado que esta cidade, nesse tempo, lhe era altamente prejudicial. Uma teimosa permanência parecia absurda; a esperança de uma mudança do vento, completamente incerta. Era preciso uma decisão Rápida. Agora, voltar já para casa era impossível. Nem sua residência de verão nem a de inverno estavam preparadas para recebê-lo. Mas não só aqui existiam mar e praia,

também em outros lugares. Eles eram encontrados sem a maléfica intervenção da laguna com sua atmosfera de febre. Lembrou-se de um pequeno balneário, não longe de Trieste, que lhe haviam recomendado. Por que não seguir para lá? E isto sem demora, a fim de que a nova mudança ainda lhe fosse proveitosa. Declarou-se decidido e levantou-se. Na próxima parada de gôndolas tomou um barco e deixou-se levar pelos sombrios labirintos de canais, passando sob delicados balcões de mármore que eram ladeados por figuras de leões, por esquinas de paredes escorregadiças; passou por tristonhas fachadas palacianas que espelhavam grandes letreiros comerciais nas águas que balançavam o lixo, até São Marcos. Teve dificuldade em chegar até lá, pois o gondoleiro, que estava ligado às fábricas de rendas e de vidros, tentou fazê-lo descer em todos os lugares para visitação e compras; quando a excêntrica viagem por Veneza começava a exercer seu encanto, então o ganancioso espírito comercial da rainha mergulhada fazia com que a mente voltasse à aborrecida sobriedade.

Chegando ao hotel, ainda antes do jantar, avisou no escritório que, por motivos imprevistos, se via forçado a partir na manhã seguinte. Lamentaram e cobraram sua conta. Jantou e passou a noite quente lendo o jornal numa cadeira de balanço no terraço dos fundos.

Antes de deitar-se, preparou toda a sua bagagem para a viagem.

Não dormiu muito bem, porque a iminente nova partida o inquietava. Quando, de manhã, abriu as janelas, o céu continuava coberto, mas o ar parecia mais fresco e desde já começou a arrepender-se. O aviso de sua partida não fôra apressado e errado, ato de um estado doentio e impróprio? Se tivesse refreado um pouco esta ação, se tivesse, sem desanimar tão rapidamente, tentado adaptar-se ao ar veneziano ou esperado por uma melhora do tempo, então o esperaria agora, em vez de pressa e incômodos, uma manhã na praia como a de ontem. Tarde demais. Agora tinha de partir, tinha de querer o que ontem quisera. Vestiu-se e, às 8 horas, desceu ao rés-do-chão, para o café.

Quando entrou na sala, esta encontrava-se vazia de hóspedes. Alguns entraram enquanto estava sentado à espera do que pedira. A xícara de chá nos lábios, viu entrarem as meninas polonesas com a acompanhante; severas e com a frescura da manhã, de olhos avermelhados, dirigiram-se à mesa no canto da janela. Logo depois aproximou-se o porteiro de boné na mão e pediu que se apressasse. O carro já estava à espera a fim de levá-lo, a ele e outros hóspedes, para o Hotel Excelsior, de onde a lancha a motor devia conduzi-los, pelo canal particular da companhia, para a estação. O tempo era curto. Aschenbach achava que de maneira alguma o era. Faltava mais de uma hora para a saída de seu trem. Aborreceu-se com a maneira de o hotel despedir os

hóspedes antes do tempo e fez ciente que desejava tomar o café em paz. O homem afastou-se hesitante para voltar dentro de cinco minutos. Era impossível o carro esperar por mais tempo. Que partisse e levasse suas malas, respondeu Aschenbach irritado. Ele mesmo tomaria a barca quando estivesse na hora e era favor deixar as preocupações de sua partida aos seus próprios cuidados.

O empregado curvou-se. Aschenbach, satisfeito por ter afastado as indesejáveis admoestações, terminou sua refeição sem pressa, sim, pediu mesmo ao garçom que trouxesse um jornal. O tempo ficara bem curto quando finalmente se levantou. Por casualidade, neste momento, Tadzio entrou pela porta de vidro.

Dirigindo-se à mesa dos seus, cruzou o caminho do que partia, baixou os olhos modestamente ao dar com o homem grisalho de testa alta, para abri-los de novo de uma maneira graciosa e delicada, encarando-o, e passou. “Adeus, Tadzio!”, pensou Aschenbach. “Vi você por pouco tempo.” E enquanto, contra seus hábitos, os lábios de fato formavam o pensamento e falava para si, acrescentou: “Deus te abençoe!” Depois começou sua partida, distribuiu gorjetas; o pequeno e silencioso gerente, de casaca francesa, apresentou suas despedidas, e Ele deixou o hotel a pé como chegara, para dirigir-se, acompanhado pelo criado que carregava sua maleta de mão, pela alameda florida de branco, atravessando a ilha, para a ponte das barcas. Alcançou-a, sentou-se — e o que se seguiu foi uma viagem penosa, aflitiva, através de todas as profundezas do arrependimento.

Era a viagem familiar sobre a laguna, passando por São Marcos. Subindo o Canal Grande, Aschenbach sentava no banco da curva, a proa, o braço apoiado no corrimão, com a mão fazendo sombra para os olhos. Os jardins públicos ficavam para trás, a piazzetta apresentou-se mais uma vez com seu encanto principesco e foi abandonada, seguiu-se o grande alinhamento dos palácios, e, quando a rua de água dobrou, apareceu o magnificamente estendido arco de mármore do Rialto. O viajante olhava e seu peito ficou dilacerado. A atmosfera da cidade, este leve cheiro pútrido de mar e lama, do qual se sentira tão impelido a fugir, respirou-o agora em fôlegos profundos, dolorosamente afetuosos. Era possível que não soubesse, não pensasse o quanto seu coração se prendia a tudo isto? O que hoje de manhã fôra um meio lamento, uma leve dúvida sobre a exatidão de seu ato, transformava-se agora em aflição e dor reais, em um tormento de alma tão amargo que lhe punha os olhos cheios de água; tormento este, dizia a si, que não fôra possível prever. O que achava tão difícil de suportar, sentindo mesmo, as vezes, completamente intolerável, era evidentemente o pensamento de que nunca mais veria Veneza, de que

esta era uma despedida para sempre. Pois como pela segunda vez se revelara que a cidade o punha doente, como, pela segunda vez, tinha de abandoná-la às pressas, tinha de encará-la, de agora em diante, como um lugar impossível e proibido para Ele, não estava à sua altura, e procurá-la de novo teria sido irrisório. Sentiu mesmo que, embarcando agora, seria impedido pela vergonha e teimosia de algum dia rever a cidade querida, diante da qual, por duas vezes, falhara fisicamente; e esta luta entre a inclinação espiritual e a capacidade corporal pareceu repentinamente ao envelhecido tão pesada e importante, a derrota física tão vergonhosa, tão necessária de ser detida, que não compreendeu a leviana rendição que ontem, sem lutar seriamente, decidira suportar e reconhecer.

Enquanto isso a barca chegou à estação; a dor e as dúvidas aumentaram até a confusão. Ao atormentado, a partida parece impossível, a volta não menos. Assim, todo dilacerado, entrou na estação. É muito tarde, não há tempo a perder se quiser alcançar o trem. Ele quer e não quer. Mas o tempo reclama, impele-o para a frente, apressa-o em adquirir seu bilhete e observa ao seu redor se descobre, entre o tumulto do saguão, o funcionário da sociedade hoteleira. O homem aparece e avisa que a mala grande já fôra despachada. Já fôra despachada?

Sim, com todos os cuidados – para Como. Para Como?

E, de apressado vaivém, de perguntas irritadas e respostas embaraçadas, revela-se que a mala, já na companhia transportadora de bagagens do Hotel Excelsior, junto com outras bagagens estranhas, seguira em direção completamente errada.

Aschenbach teve dificuldade em manter sua expressão, a única compreensível nestas circunstâncias. Uma alegria aventureira, uma hilaridade inacreditável abalavam, de dentro, quase convulsivamente, seu peito. O empregado saiu correndo para ver se havia uma possibilidade de ainda deter a mala, e voltou, como era de se esperar, sem nada ter conseguido. Aschenbach então declarou não desejar viajar sem sua bagagem e estar decidido a voltar e esperar o retorno do volume no Hotel dos Banhos. Perguntou se a lancha da sociedade ainda se encontrava na estação. O homem assegurou que estava atracada à porta. Intimou o funcionário ferroviário, com verbosidade italiana, a aceitar de volta o bilhete adquirido, jurou que seria telegrafado, que nada seria poupado ou esquecido, a fim de conseguir o retorno da mala o mais Rápido possível, e assim aconteceu o estranho de o viajante, vinte minutos depois de sua chegada à estação, encontrar-se de novo no Grande Canal em seu caminho de volta para o Lido.

Aventura incrivelmente estranha, vergonhosa, da ridicularidade de um sonho: sítios dos quais a gente há pouco se despedira para sempre em profunda tristeza, virados e jogados de volta pelo destino, tornarem a

ser vistos na mesma hora! Espuma na proa, manobrando com agilidade engraçada entre as gôndolas e barcas, o pequeno e apressado veículo disparava de encontro ao seu destino, enquanto seu único passageiro, sob a máscara de aborrecida resignação, escondia atravessa-as — sustada agitação de um rapaz que fugiu de casa. Ainda, de tempos a tempos, seu peito era abalado de riso sobre o infortúnio, que, como dizia, não poderia ter sido mais benévolo com uma criatura nascida no domingo. Tinha que dar explicações, passar por caras admiradas — depois, dizia a si mesmo, tudo estaria bem de novo, um desastre fôra evitado, um engano penoso retificado, e tudo o que pensara ter deixado para trás apresentar-se-lhe-ia de novo, seria novamente seu, pelo tempo que quisesse... Era enganado pela viagem Rápida ou, ainda por cima, vinha agora um vento do mar?

As ondas batiam contra as paredes betonadas do estreito canal que se estende pela ilha até o Hotel Excelsior. Um microônibus que esperava ali pelo regressante levou-o, acima do mar ondulante, em caminho reto ao Hotel dos Banhos. O pequeno gerente de bigode, na sua casaca chanfrada, vinha descendo a escadaria para cumprimentá-lo.

Com sutil adulação, pediu desculpas pelo incidente, disse ser extremamente desagradável para Ele e a instituição; aprovou, porem, com convicção, a decisão de Aschenbach em esperar a bagagem ali. Naturalmente seu quarto já fôra ocupado, mas um outro, não inferior, estava imediatamente à sua disposição. — Pas de chance, monsieur — disse sorrindo o ascensorista suíço, quando subiram. E assim, O Fugitivo foi de novo acomodado, em um quarto que, em relação a situação e decoração, era quase completamente idêntico ao anterior.

Cansado, atordoado pelo redemoinho desta estranha manhã, sentou-se numa poltrona à janela aberta, depois de espalhar pelo quarto o conteúdo de sua maleta. O mar tomara uma cor verde-pálida, o ar parecia mais leve e limpo, a praia, com suas cabinas e barcos, mais colorida, apesar de o céu continuar cinza. Aschenbach olhou para fora, as mãos entrelaçadas no colo, satisfeito por estar de volta, sacudindo a cabeça insatisfeito por causa de sua inconstância, seu desconhecimento dos próprios desejos. Assim ficou perto de uma hora, descansando, sonhando sem pensar. Ao meio-dia viu Tadzio, que, de terno de linho listrado com laço vermelho, vindo do mar pela divisão de praia e o caminho de madeira, voltava ao hotel. Aschenbach, de sua posição alta, reconheceu-o antes mesmo de vê-lo propriamente, e ia pensar algo como: “Tadzio, aí também está você de novo!”

Mas no mesmo momento sentiu como esta saudação negligente desfalecia e silenciava perante a verdade de seu coração — sentiu o entusiasmo de seu sangue, a alegria, a dor de sua alma, e reconheceu que por causa de Tadzio a despedida se tornara tão penosa para Ele.

Ficou imóvel, completamente invisível no seu lugar alto, e olhou dentro de si mesmo. Seus traços fisionômicos se avivaram, suas sobrancelhas se ergueram; um sorriso atento, curioso, espiritual, estendeu sua boca.

Depois ergueu a cabeça e descreveu com os braços pendentes da cadeira um movimento vagaroso, girando e suspendendo as palmas das mãos voltadas para a frente, assim, como se estivesse insinuando o abrir e estender dos braços. Era uma atitude solícita de boas-vindas, de sereno acolhimento.

Diariamente, agora, o deus de faces fogosas dirigia, nu, sua quadriga exalando brasa, pelos espaços do céu, e seus cachos amarelos esvoaçavam ao sopro do vento leste. Um brilho sedoso e branco pairava sobre a extensão do preguiçosamente flutuante Ponto. A areia ardia.

Sob o tremeluzir prateado do azul do éter, lonas cor de ferrugem estavam estendidas em frente às cabinas e, sobre as manchas de sombra de limites precisos que ofereciam, a gente passava as horas da manhã, Mas era delicioso também à noite, quando as plantas do parque tinham um perfume balsâmico, as estrelas, lá em cima, executavam a sua ciranda, e o murmúrio do mar, envolvido na noite, subindo silencioso, conjurava a alma.

Uma noite destas trazia a alegre promessa de um novo dia de sol, com sua ociosidade levemente ordenada e enfeitada e inúmeras e bem unidas possibilidades de agradáveis surpresas.

O hóspede, que um dócil infortúnio segurara aqui, estava longe de ver uma razão para nova partida na reaqusição de sua ventura. Durante dois dias tivera que suportar algumas privações e aparecer, para as refeições na grande sala de jantar, no seu terno de viagem.

Depois, quando, finalmente, depositaram a carga perdida no seu quarto, desemalou tudo e encheu o armário e gavetas com seus pertences, decidido a uma permanência, por enquanto, incalculável e alegre por poder passar as horas na praia de terno de seda e aparecer para o jantar, na sua mesinha, com o traje de noite adequado.

A agradável cadência dessa existência já o prendera ao seu fascínio; a leve e brilhante suavidade desse modo de viver rapidamente o seduziu. De fato, que estada!

Unindo os encantos de uma cuidada vida balneária nas praias do sul à aconchegada proximidade da esquisita-estranha cidade! Aschenbach não amava o prazer.

Quando e onde fosse preciso festejar, cuidar do repouso, passar um dia em folguedos, desejava logo – e assim fôra principalmente

quando mais moço — com inquietação e contrariedade voltar para a árdua labuta, para o serviço sagrado e sóbrio da vida cotidiana. Só este lugar o enfeitiçava, afrouxava seu querer, fazia-o feliz. Às vezes, nas manhãs, embaixo do toldo de sua cabina, sonhando pelo anil do mar do sul, ou, em noites mornas, sob o grande céu estrelado, encostado aos travesseiros da gôndola que o levava da Praça de São Marcos, onde se demorara, para o Lido — ficando para trás as luzes coloridas e os sons melodiosos das serenatas —, lembrava-se de sua casa campestre nas montanhas — o sítio de suas lutas varonis —, onde as nuvens passavam baixas pelo jardim, as tempestades terríveis apagavam, de noite, as luzes da casa, e os corvos, que alimentava, voavam para as pontas dos pinheiros. Então parecia-lhe estar apartado no país elíseo, lá para os limites da terra, onde não há neve nem inverno, nem tempestade, nem chuva torrencial, mas, ao contrário, onde se eleva um suave e refrescante sopro do oceano, e a vida, mais fácil para os homens, deixa-os passar os dias em bem-aventurada ociosidade, sem luta e consagrada inteiramente ao sol e às suas festas.

Freqüente, quase constantemente, Aschenbach via Tadzio. Um espaço limitado, a regra de vida de cada um, faziam com que o belo lhe estivesse perto durante o dia, com curtas interrupções. Via-o e encontrava-o por toda parte: nos recintos comuns do hotel, nas frescas viagens pelas águas para a cidade e de volta de lá; na pompa da praça e, ainda, intercalado, nas ruas e caminhos, quando o acaso ajudava. Principalmente, porém, e com a mais feliz regularidade, as manhãs na praia lhe ofereciam larga oportunidade para dedicar-se à adoração e ao estudo da encantadora visão. Sim, esta ligação da felicidade, este diário regular das circunstâncias era bem o que o enchia de satisfação e alegria de viver, o que lhe fazia querida a estada, deixando um dia de sol estender-se agradavelmente para outro.

Levantava-se cedo, como devia fazê-lo, em palpitante atividade, e estava na praia antes da maioria, quando o sol ainda era fraco e o mar se estendia em brancura brilhante de sonhos matinais. Cumprimentava filantropicamente o guarda da entrada; cumprimentava também, familiarmente o velho descalço de barba branca que lhe preparava o lugar, estendendo o toldo, colocando os móveis da cabina para fora da plataforma, e sentava-se.

Três ou quatro horas eram todas suas, horas estas durante as quais o sol subia e ganhava fecundo poder, durante as quais o mar azulava mais e mais, durante as quais podia ver Tadzio.

Ele o via chegar, da esquerda, pela beira do mar; via-o aparecer de trás, entre as cabinas, ou, repentinamente e não sem susto feliz, descobria também que perdera sua chegada, que Ele já estava presente e

que, na sua roupa de banho azul e branca que agora era seu único traje na praia, já havia começado seu habitual passatempo no sol e na areia — esta graciosa, fútil, ociosamente inconstante vida, que era distração e descanso: passear, caminhar pela água, cavar, brincar de pegar, acampar e nadar; sempre vigiado e chamado pelas mulheres na plataforma que deixavam soar seu nome com voz de falsete: “Tadzio! Tadzio!”, e para as quais vinha correndo com agitadas mímicas, a fim de contar-lhes aquilo a que tinha assistido, para lhes mostrar o que achara ou pegam: conchas, cavalos-marinhos, moluscos e caranguejos andando. de lado. Aschenbach não compreendia uma palavra do que dizia, fosse o mais trivial, era um vago som melodioso no seu ouvido. Assim, o estranho da fala do menino erguia-se em música, um sol travesso entornava seu brilho prodigamente sobre ele e a sublime e extensa vista do mar profundo era sempre o fundo e o relevo de sua figura.

Em breve o observador conhecia cada linha e pose desse corpo tão soberbo, apresentando-se tão livremente; saudava de novo toda a beleza, já familiar, e não encontrava fim para sua admiração e delicada alegria espiritual. Chamavam o menino para cumprimentar um amigo que viera apresentar seus respeitos às senhoras na cabina; vinha correndo, molhado talvez das ondas, sacudia os cachos e, enquanto estendia a mão, descansando uma perna, o outro pé apoiado nas pontas dos dedos, fazia uma encantadora rotação e giro no corpo, cheio de tensão graciosa, de delicadeza encabulada, galante por dever de nobreza. Estava deitado, a toalha de banho enrolada no peito, o braço de delicado talho apoiado na areia, o queixo no côncavo da mão; aquele chamado “Jachu” sentava acororado perto dele e admirava-o, e nada podia ser mais encantador que o sorriso dos olhos e lábios com o qual o superior olhava para o inferior e servente. Estava parado à beira-mar, afastado dos seus, bem perto de Aschenbach, ereto, com os braços entrelaçados na nuca, balançando-se devagar sobre os calcanhares, e sonhava, olhando para o azul, enquanto pequenas ondas vinham correndo e banhavam os dedos de seus pés. Seu cabelo cor de mel aninhava-se em cachos nas têmporas e na nuca, o sol iluminava a penugem do dorso superior; o delicado desenho das costelas, a simetria do peito apareciam pela cobertura justa do tronco; suas axilas ainda eram lisas como nas estátuas; os jarretes luziam e as veias azuladas faziam seu corpo parecer ser feito de uma matéria transparente. Que disciplina, que precisão de pensamento era expresso nesse perfeito corpo rijo e juvenil! A severa e pura vontade, porém, que em ação obscura conseguira trazer à luz esta obra divina — não era conhecida e familiar a Ele, o artista? Não obrava também dentro dele quando, cheio de sóbria paixão, libertava das massas marmóreas da língua a esguia forma que divisara no espírito e que apresentava aos homens como estátua e espelho de beleza espiritual?

Estátua e espelho! Seus olhos envolveram a nobre figura à beira do azul e, em êxtase entusiasta, Ele acreditou. com esse olhar, compreender o belo em si, a forma como pensamento divino, a única e pura perfeição que vive no espírito e da qual uma imagem e alegoria humana aqui estava erguida, leve e graciosa, para adoração. Isto era a embriaguez; e, sem hesitação, avaro mesmo, o artista envelhecido recebeu-a calorosamente.

Seu cérebro girava, sua cultura entrou em efervescência, sua mente levantou pensamentos transmitidos desde sua juventude e que até então não tinham sido avivados pelo próprio fogo. Não estava escrito que o sol desviava nossa atenção do intelectual para coisas sensuais? Dizem que Ele atordoa e encanta o intelecto e a memória de tal maneira, que a alma, de alegria, esquece completamente sua verdadeira condição e, com espantada admiração, fica presa no mais belo dos objetos banhados pelo sol: e só com o auxílio de um corpo ela consegue elevar-se para uma contemplação ainda mais alta. Cupido, deveras, imitou os matemáticos, os quais apresentam às crianças incapazes figuras concretas de formas puras. Assim também o deus, para nos fazer visível o espiritual, gostava de servir-se do corpo e das cores da juventude humana, que, como instrumento de lembrança, enfeitava com todo o reflexo da beleza, e, na contemplação dela, nos certamente nos incendiávamos em dor e esperança.

Assim pensava o entusiasmado; assim era capaz de sentir. E, do êxtase do mar e do brilho do sol, formou-se no seu íntimo um lindo quadro. Era o velho plátano perto dos muros de Atenas — era aquele sagrado sombreado lugar, cheio do perfume das flores do agnocasáto, enfeitado por ex-votos e dádivas piedosas em homenagem as ninfas e ao Aquelôo. Completamente límpido, o rio caía aos pés da árvore de hastes largas, sobre calhaus lisos; as cigarras cantavam. Mas, sobre o gramado, que tinha uma inclinação ligeira de modo a poder a cabeça ficar mais alta ao deitar, estavam estendidas duas pessoas, abrigadas do calor do dia: uma idosa e uma jovem, uma feia e uma bela, o sábio ao lado do gentil.

E, com cortesias e angariantes gracejos espirituais, Sócrates esclarecia Fédon sobre o anseio e a virtude. Falava-lhe sobre o susto ardente que o sensível sofre quando seus olhos vêem uma alegoria da beleza eterna; falava dos desejos do ignóbil e mau que não pode pensar na beleza quando vê sua imagem, e não é capaz de veneração; falava do medo sagrado que domina o nobre, quando lhe aparece um rosto divino, um corpo perfeito, como então treme e fica fora de si e quase não se atreve a olhar e adora aquele que tem a beleza. Ofertar-lhe-ia mesmo sacrifícios, como a uma estátua, se não temesse parecer louco aos homens. Pois a beleza, meu Fédon, só ela é gentil e visível ao mesmo tempo: ela é, preste bem atenção! a única forma do espiritual que podemos receber

sensualmente, suportar sensualmente. Ou o que seria de nós se o divino, a razão, a virtude e a verdade se quisessem apresentar-se-nos sensualmente! Não pereceríamos e queimaríamos de amor como Semele perante Zeus? Assim, a beleza é o caminho do homem sensível ao espírito — só um caminho, um meio somente, pequeno Fédon... E depois expressou o mais sutil, o astuto cortejador: pois o amante é mais divino que o amado, porque naquele está o deus, e no outro não-pensamento tão carinhoso e irônico que talvez jamais tenha sido pensado e do qual nasce toda a travessura e a mais secreta voluptuosidade do anseio.

A felicidade do literato é o pensamento que é todo sentimento; é o sentimento que consegue tornar-se todo pensamento. Um pensamento palpitante como este, um sentimento tão exato, pertencia e obedecia ao solitário, naquela ocasião: isto é, que a natureza estremece de prazer quando o espírito se curva em adoração perante a beleza. Repentinamente desejou escrever. Na verdade, Eros ama a ociosidade, assim dizem, e só é criado para isto. Mas neste ponto da crise a exaltação do atordoado era dirigida à produção. Quase indiferente o motivo.

Uma pergunta, uma incitação sobre um certo grande e ardente problema da cultura e do gosto, deixando-se sentir com definição, tinha sido projetada ao mundo espiritual e chegara até o viajante. O assunto lhe era familiar, lhe era experiência; seu desejo de deixá-lo acender-se na luz de sua palavra tornou-se irresistível. E, na verdade, seu anseio era trabalhar na presença de Tadzio, e, escrevendo, adotar a figura do menino como modelo, deixar seu estilo seguir as linhas deste corpo que lhe parecia divino, levar sua beleza para o espiritual, como outrora a água carregara o pastor troiano para o éter. Nunca sentira mais doce o prazer da palavra, nunca soubera que Eros estava assim na palavra, como nas horas perigosas e deliciosas, durante as quais, sentado em frente à rude mesa sob o toldo, na presença de seu ídolo e a música de sua voz nos ouvidos, formava sua pequena dissertação, de acordo com a beleza de Tadzio — aquela página e meia de escolhida prosa, cuja integridade, nobreza e ondulante tensão de sentimento dentro em pouco exaltaria a admiração de muitos. Por certo é bom que o mundo só conheça as belas obras sem conhecer suas origens e condições de formação, pois o conhecimento das fontes que serviram de inspiração ao artista muitas vezes o desconcertaria, desalentaria e assim anularia os efeitos do que é excelente. Estranhas horas! Estranha fadiga enervante! Estranha comunicação criadora do espírito com um corpo! Quando Aschenbach guardou seu trabalho e deixou a praia, sentiu-se esgotado, desconcertado mesmo, como se a sua consciência lhe fizesse queixas depois de uma digressão.

Foi na manhã seguinte que Ele, no intuito de deixar o hotel, viu da escadaria que Tadzio já se encaminhava para o mar — sozinho —,

aproximando-se justamente do (); o desejo, o simples pensamento de aproveitar a oportunidade para travar relações leves e alegres com Ele que, sem o saber, lhe proporcionava tanta elevação e emoção; de dirigir-lhe a palavra, de alegrar-se com sua resposta, era forte e se impunha. O belo ia devagar, era alcançável, e Ascheribach apressou-se. Aproxima-se dele no caminho de madeira atrás das cabinas, quer colocar-lhe a mão sobre os ombros, e uma palavra qualquer, uma frase em francês paira nos seus lábios: então sente que seu coração, talvez por causa do andar acelerado, bate como um martelo, que, tão sem fôlego, só conseguiria falar comprimido e tremido; Ele hesita, tenta dominar-se, Ele teme, repentinamente, já ter andado por tempo demais atrás do belo, teme o despertar de sua atenção, seu olhar indagador; toma mais um impulso, falha, renuncia e passa de cabeça abaixada.

“Tarde demais!”, pensou neste momento. “Tarde demais!” Era, porém, tarde demais? Este passo que não dera podia ser para o bem; o fácil e o alegre podia levar à sanável desilusão. A verdade era que o idoso não desejava a desilusão, porque a embriaguez lhe era cara demais. Quem decifra o caráter e o cunho do artista!

Quem entende a profunda fusão instintiva de disciplina e devassidão na qual se baseia! Pois não conseguir desejar a sanável desilusão é devassidão. Aschenbach não estava mais disposto para a autocrítica; o gosto, a condição espiritual de seus anos, a dignidade própria, a maturidade e a tardia simplicidade não o inclinavam a analisar os motivos e a decidir se fôra por consciência, ou por desleixo e fraqueza, que não realizara suas intenções.

Estava desconcertado, temia que alguém, mesmo que fosse só o guarda da praia, tivesse observado sua corrida, sua derrota; temia a ridicularidade. De resto, gracejava consigo mesmo sobre seu medo cômico-sagrado.

“Consternado”, pensou, “consternado como um galo temeroso que deixa pender as asas durante a luta. Isto na verdade é o deus que, na contemplação do amável, nos quebra a coragem desta maneira e comprime o nosso orgulho tão completamente contra o chão...” Brincou e entusiasmou-se; era altivo demais para temer um sentimento.

Já não vigiava a expiração das férias que se concedera; a idéia de regressar para a pátria nem sequer o tocava. Tinha providenciado abundante reserva em dinheiro. Sua única preocupação era a possível partida da família polonesa; porém, por intermédio de terceiros, por informações colhidas por acaso no barbeiro do hotel, soubera que havia chegado pouco antes dele. O sol queimava-lhe o rosto e as mãos, o ar salino fortalecia-lhe o sentimento; e, assim como antes aplicava de imediato numa obra todo o descanso que lhe proporcionava o sono, a

alimentação ou a natureza, assim deixou agora tudo o que o sol, a ociosidade e o ar marinho lhe davam em cotidiano fortalecimento consumir-se, magnânimo e desgovernado, em êxtase e sentimento.

Seu sono era prófugo; os deliciosos dias uniformes eram interrompidos por noites curtas, cheias de feliz desassossego. Na verdade, recolhia-se cedo, pois às 9 horas, quando Tadzio desaparecia da cena, o dia lhe parecia findo. Mas, ao primeiro clarão do dia, era acordado por um delicado e penetrante susto: seu coração lembrava-se de sua aventura, não suportava ficar deitado por mais tempo, levantava-se e, envolvido num agasalho leve, sentava-se em frente à janela aberta para esperar o nascimento do sol. O maravilhoso acontecimento enchia de veneração sua alma enlevada pelo sono. Ainda o céu, a terra e o mar estavam envolvidos na fantástica, vítrea palidez da madrugada; ainda pairava uma estrela apagada no espaço. Mas vinha um sopro, uma notícia alada de residências inatingíveis, de que Eros se erguia do lado de seu esposo, e então aparecia aquele primeiro doce enrubescer da faixa mais distante do céu e do mar, anunciando o sensualizar da criação. A deusa se aproximava, a raptora de adolescentes, que arrebatara Ceix e Céfalos e, a despeito da inveja de todos os olímpicos, gozava o amor do belo órion. Um espalhar de rosas começou à beira do mundo, um indizivelmente belo brilhar e florir, nuvens infantis, transfiguradas, translúcidas, oscilavam como servis gênios no perfume róseo, azulado. Púrpura caiu sobre o mar, que parecia flutuá-la em ondas para a frente; lanças douradas apontavam de baixo para as alturas do céu; o brilho tornou-se brasa; silenciosamente, com supremo poder divino, brasa, ardor e labaredas chamejantes rolavam para cima e com cascos arrebatadores os cavalos sacros do irmão subiam pelo universo. Iluminado pelo esplendor do deus, o solitário acordado fechava os olhos e deixava que suas pálpebras fossem beijadas pela glória. Velhos sentimentos, antigos deliciosos impulsos do coração que, no severo trabalho de sua vida, haviam morrido — reconheceu-os com um sorriso desconcertado e admirado. Pensava, sonhava; vagarosamente seus lábios formaram um nome, e, ainda sorrindo, com o rosto erguido, as mãos entrelaçadas no colo, adormeceu de novo, sentado na cadeira.

Mas o dia que começara tão ardente e festivo foi em seu todo estranhamente elevado e misticamente transformado. De onde vinha e nascia esse hálito que, de repente, tão suave e significativo, como sob insinuações superiores, lhe envolvia as têmporas e as orelhas? Cirros brancos em bandos estavam espalhados no céu como rebanhos no pasto dos deuses. Um vento mais forte ergueu-se e os cavalos de Poseidon corriam, corcoveando; talvez também touros, pertencentes ao deus de cachos azulados, os quais vinham correndo com bramidos, abaixando os chifres. Entre o amontoado dos rochedos da praia mais distante, porém,

as ondas pulavam para cima, como cabras saltando. Um mundo de sagrado desfiguramento, cheio de vida assustadora, envolveu o fascinado e seu coração sonhou delicadas fábulas. Várias vezes, quando o sol descia atrás de Veneza, sentava num banco no parque para observar Tadzio, que, vestido de branco com um cinto colorido, se divertia na praça de saibro alisado com jogo de bola, e era a Hiacinto que julgava ver, o qual morreria porque dois deuses o amavam. Sentia mesmo a inveja dolorida de Zéfiro pelo rival, que se esqueceu do oráculo, do arco e da cítara, para sempre brincar com o belo; viu o disco, dirigido pelo bárbaro ciúme, atingir a encantadora cabeça; recebeu, também Ele empalidecendo, o corpo desfalecido; e a flor nascida do sangue doce trazia a inscrição de sua infinita queixa...

Nada é mais estranho, mais melindroso que a relação de pessoas que só se conhecem de vista — que diàriamente, em cada hora mesmo, se encontram, se observam; são obrigadas a manter a aparência de indiferente estranheza, sem cumprimento, sem palavra, pela ética ou capricho pessoal. Entre Eles há inquietação e curiosidade sobreexcitada, a histeria de uma insatisfeita e artificialmente oprimida necessidade de conhecimento e intercâmbio, e principalmente também uma espécie de respeitoso interesse. Pois o homem ama e respeita o homem enquanto não consegue julgá-lo; e o anseio é o produto de um conhecimento falho.

Uma relação e um conhecimento qualquer tinham que, necessariamente, formar-se entre Aschenbach e o jovem Tadzio, e, com penetrante alegria, o mais idoso pôde verificar que interesse e atenção não ficaram completamente sem ser correspondidos. Por exemplo, que fazia o belo nunca mais vir pelo caminho de madeira atrás das cabinas, quando aparecia de manhã na praia, mas somente pelo caminho da frente, pela areia, passando o local de Aschenbach desnecessariamente perto, quase tocando em sua mesa, sua cadeira, dirigindo-se em passos lentos para a cabina dos seus? Afetava assim a atração, a fascinação de um sentimento superior o seu delicado e distraído objeto? Aschenbach esperava diariamente a chegada de Tadzio, e, de quando em quando, fingia estar ocupado quando isto se dava, deixando o belo passar, aparentemente despercebido. Às vezes levantava os olhos e os seus se encontravam com os dele.

Ambos ficavam profundamente sérios quando isto acontecia. Na culta e grave expressão do idoso nada traía uma emoção íntima, mas nos olhos de Tadzio havia um investigar, um perguntar pensativo, seu andar ficava hesitante, olhava para o chão, erguia deliciosamente de novo os olhos, e, quando passava, algo no seu porte parecia expressar que só a educação o impedia de se voltar.

Uma vez, porém, numa noite, foi diferente. Os irmãos poloneses e

a governanta faltaram durante a refeição principal na sala grande — Aschenbach notara-o com preocupação. Depois do jantar, muito inquieto sobre o paradeiro deles, andava em traje de noite e chapéu de palha, em frente do hotel, aos pés do terraço, quando, repentinamente, viu as irmãs com aparência de freiras, a preceptora e, quatro passos atrás delas, Tadzio aparecerem sob a luz da lâmpada de arco. Aparentemente vinham da ponte de barcas, depois de terem jantado na cidade, por uma razão qualquer. Sobre a água devia estar fresco; Tadzio usava um casaco à marinheira azul-escuro com botões dourados e na cabeça um boné combinando. Sol e ar marinho não o queimavam, sua pele continuava de um amarelo marmóreo, como no princípio; porém, hoje parecia mais pálido que de costume, fosse por causa da noite fresca ou do empalidecente luar das lâmpadas. Suas sobrancelhas simétricas destacavam-se mais fortes, seus olhos pareciam mais escuros. Estava indizivelmente belo e Aschenbach sentiu, com pena, como já por muitas vezes, que a palavra só consegue louvar a beleza sensual, porém não reproduzi-la.

Não notou a querida imagem; aparecera inesperadamente, não tivera tempo de se acalmar e trazer dignidade para sua expressão. Alegria, surpresa, admiração deviam transparecer abertamente, quando seu olhar encontrou o do desaparecido — e neste segundo aconteceu que Tadzio sorriu: sorriu para Ele, falando, íntimo, gracioso e sem rodeios, com lábios que no sorriso se abriam lentamente. Era o sorriso de Narciso que se debruça sobre o espelho de água, aquele sorriso profundo, encantador, prolongado, com o qual estende os braços para o reflexo da própria beleza — um sorriso ligeiramente desfigurado, desfigurado pela inutilidade de seu desejo, de beijar os lindos lábios de sua sombra, galante, curioso e ligeiramente atormentado, seduzido e sedutor. — Aquele que recebera este sorriso fugiu com Ele como um presente fatídico. Estava tão abalado que se viu obrigado a evitar a luz do terraço e do jardim da frente e procurou, apressado, a escuridão do parque nos fundos.

Admoestações estranhamente revoltadas e carinhosas desprendiam-se dele: “Não deve sorrir assim! ouça, não se deve sorrir assim para ninguém!” Atirou-se sobre um banco, respirou indignado o perfume noturno das plantas. E, inclinado para trás, de braços pendentes, dominado e sentindo-se percorrido por arrepios, murmurou a eterna fórmula do anseio — aqui impossível, absurdo, abjeto, ridículo e, no entanto, sagrado, digno mesmo, ainda aqui: “Eu te amo!”

Na quarta semana de sua estada no Lido, Gustav von Aschenbach fez algumas descobertas sinistras concernentes ao mundo exterior. Primeiro lhe pareceu que, no adiantamento da estação, a frequência de seu alojamento diminuía ao invés de aumentar, e principalmente o idioma alemão, em volta dele, esgotava e silenciava,

assim que, finalmente, nas refeições e na praia, só palavras estrangeiras tocavam seu ouvido. Num dia, no salão do barbeiro, que agora visitava mais amiúde, apanhou uma palavra de uma conversa que o deixou perplexo. O homem mencionara uma família alemã que, depois de uma demora curta, justamente embarcara, e acrescentou, conversando e lisonjeando: “O senhor fica; o senhor não tem medo do mal”. Aschenbach encarou-o. “Mal?”, perguntou. O indiscreto calou, fingiu-se ocupado, simulando não ter ouvido a pergunta. E, quando esta foi repetida com mais urgência, declarou nada saber e procurou com encabulada verbosidade desviar o assunto.

Isto se deu ao meio-dia. A tarde. Ascheribach, sob uma calma e um pesado calor, foi até Veneza, pois era impelido pela mania de seguir os irmãos poloneses, que vira, em companhia da governanta, tomarem o caminho para a Ponte das Barcas. Não encontrou o ídolo em São Marcos. Mas, durante o chá, sentado na sua mesinha redonda de ferro no lado da sombra da praça, farejou repentinamente um aroma singular, que agora lhe pareceu já ter tocado seus sentidos há dias, sem penetrar-lhe o consciente – um cheiro adocicado, oficial, que lembrava miséria, feridas e limpeza desconfiante.

Examinou-o e reconheceu-o pensativo; terminou seu lanche e deixou a praça pelo lado oposto à igreja. No aperto o cheiro aumentou. Havia cartazes impressos afixados nas esquinas das ruas: a Câmara Municipal prevenia o povo de que, devido a certas doenças gástricas, normais nesta temperatura, se abstinésse do consumo de ostras e conchas e da água dos canais. A natureza atenuante do edital era clara. Grupos de pessoas se ajuntavam silenciosos sobre pontes e praças; e o estranho estava entre Eles, farejando e meditando.

Ao dono de uma loja, que se encontrava encostado na porta de sua abóbada, entre cordões de corais e jóias falsas de ametista, pediu uma informação sobre o cheiro fatal. O homem mediu-o com olhos pesados e animou-se, apressado: “Uma medida preventiva, meu senhor!”, respondeu com jogo de mímica. “Uma ordem da polícia que temos de aprovar. Esta temperatura abate e o siroco não faz bem à saúde. Em resumo, o senhor compreende – talvez agradeceu e seguiu. Também na barca que o levou de uma precaução exagerada... Aschenbach volta ao Lido sentiu agora o cheiro do remédio combatedor de germes.

De volta ao hotel, dirigiu-se ao saguão, para a mesa de jornais; e passou a vista neles. Nada encontrou nos estrangeiros. Os do país noticiavam rumores, traziam cifras oscilantes, davam desmentidos oficiais e duvidavam de sua veracidade. Assim se explicava a partida do elemento alemão e austríaco. Os membros das outras nações aparentemente de nada sabiam, nada suspeitavam, ainda não estavam

preocupados. “Devem ocultar!”, pensou Aschenbach exaltado, jogando os jornais de volta sobre a mesa. “Devem ocultar isto!” Mas ao mesmo tempo seu coração se encheu de satisfação pela aventura em que o mundo exterior queria cair! Pois a paixão, como o crime, não se adapta à ordem segura e ao bem-estar cotidiano, e todo afrouxar da estrutura civil, toda confusão e tribulação do mundo lhes é bem-vinda, porque estas situações podem trazer uma esperança incerta de nelas encontrarem seu proveito. As ocorrências camufladas pelas autoridades, nas sujas ruelas de Veneza, provocaram uma satisfação obscura em Aschenbach — esse grave segredo da cidade que se fundia com seu próprio segredo e cuja preservação lhe dizia tanto. Pois ao apaixonado só preocupava que Tazio talvez pudesse partir, e reconheceu, assustado, que não saberia mais viver, se tal acontecesse.

Ultimamente não se contentava em agradecer à sorte a proximidade e contemplação do belo; Ele seguia-o, Ele e, perseguia-o. Aos domingos, por exemplo, os poloneses nunca apareciam na praia; adivinhou que assistiam à missa em São Marcos, corria para lá e, saindo do ardor da praça e entrando para a meia luz do santuário, encontrava o carecido, debruçado sobre um genuflexório durante o culto divino. Então ficava nos fundos, sobre o chão mosaico alcantilado, no meio do povo ajoelhado, murmurando, fazendo o sinal-da-cruz; e a pompa concisa do templo oriental pesava exuberante sobre seus sentidos. Na frente, caminhava, manejava e cantava o sacerdote ricamente enfeitado; incenso subia, enevoando as fracas chamas das velas do altar, e ao aroma abafado e doce do sacrifício parecia misturar-se de leve um outro: o cheiro da cidade adoentada. Mas, através do fumo e do brilho, Aschenbach viu como o belo virou a cabeça lá na frente, procurando-o, vendo-o. Quando depois a multidão escoava pelos portais abertos para a praça luminosa e acumulada de pombos, o seduzido escondia-se no vestíbulo, ocultava-se, punha-se à espreita. Via os poloneses deixarem a igreja, via como os irmãos se despediam de maneira cerimoniosa da mãe e como esta, voltando para casa, se dirigia à piazzetta; verificou que o belo, as irmãs conventuais e a governanta tomavam o caminho à direita pelo portão da torre do relógio e da mercearia, e, depois de deixá-los tomar alguma distância, seguia-os; seguia-os, às escondidas, no seu passeio por Veneza. Tinha de parar quando se demoravam, tinha que procurar refúgio em restaurantes e quintais, a fim de deixá-los passar quando resolviam voltar; perdia-os, procurava-os, sentindo calor e cansaço, sobre pontes e em becos sujos, e suportava minutos de pejo mortal quando os via vindo ao seu encontro em alguma e passagem estreita, onde não havia possibilidade de esquivar-se. No entanto, não se podia dizer que sofria.

Cabeça e coração estavam embriagados e seus passos seguiam as instruções do demônio, que sente prazer em pisar com seu pé a

inteligência e a dignidade humanas.

Em alguma parte, Tadzio e os seus tomavam, finalmente, uma gôndola, e Aschenbach, que, enquanto subiam no veículo, ficava escondido por uma sacada ou um poço, fazia o mesmo, pouco depois de se terem afastado do cais. Falava com pressa e baixo quando orientava o remador, prometendo-lhe uma régia gorjeta para seguir, despercebidamente e com certa distância, a gôndola que justamente dobrava naquela esquina, e sentia-se arrepiar quando o homem, com a travessa disposição de um oportunista, lhe afiançava no mesmo tom que seria servido, que seria escrupulosamente servido.

Assim deslizava e oscilava, recostado em travesseiros macios e pretos, atrás da outra barca preta e bicuda, no rasto da qual era preso pela paixão. Às vezes sumia de suas vistas: então sentia aflição e inquietação. Mas seu guia, como se estivesse bem experimentado em tais empresas, sabia sempre como, por cortes e rápidas manobras, trazer-lhe de novo perante os olhos o desejado. O ar estava silencioso e tresandante, o sol ardia através do vapor que coloria o céu de ardósia. A água batia com um chape contra a madeira e a pedra. O grito do gondoleiro, meio advertência, meio saudação, era respondido do silêncio do labirinto, como que num estranho acordo.

De pequenos jardins suspensos, sobre muros em ruínas, pendiam umbelas, brancas e púrpuras, cheirando a amêndoas. Janelas em estilo mouro destacavam-se das sombras. As escadas de mármore de uma igreja desciam até as águas, um mendigo acorocado sobre elas, protestando sua miséria, estendia seu chapéu e mostrava o branco dos olhos como se estivesse cego; em frente à sua espelunca, um antiquário convidou, com gestos serviçais, o passante a parar, na esperança de ludibriá-lo.

Isto era Veneza, a bela, a adúladora e suspeita — esta cidade meio conto de fadas, meio armadilha para forasteiros, em cujo ar pútrido a arte outrora pululara luxuriosamente, e que inspirava sons aos músicos, que embalavam e arrulhavam, solícitos. Ao aventureiro parecia que os seus olhos bebiam semelhante exuberância, que os seus ouvidos eram cortejados por tais melodias; lembrou-se também de que a cidade estava doente e o ocultava por ganância; e espreitava mais desenfreado para a gôndola que deslizava em sua frente.

Assim, o perturbado nada mais sabia nem queria senão perseguir, sem descanso, o objeto que o incendiava, sonhar com Ele quando estava ausente e, na maneira dos amantes, dirigir palavras carinhosas meramente à sua silhueta. A solidão, o país estranho e a felicidade de uma embriaguez tardia e profunda encorajavam-no e persuadiam-no a deixar passar o mais estranhável sem timidez e enrubescimento, como de

fato aconteceu, quando, voltando tarde da noite de Veneza, parara no primeiro andar do hotel, defronte ao quarto do belo, encostara a cabeça, em completo êxtase, no gonzo da porta e não conseguira separar-se de lá por longo tempo, mesmo sob o perigo de ser apanhado e surpreendido numa situação tão louca.

No entanto, não faltavam momentos de detenção e meia reflexão. “Em que caminhos!”, pensava então, consternado. “Em que caminhos!” Como todo homem ao qual merecimentos naturais inspiram interesses aristocráticos por sua origem, estava habituado, nas realizações e sucessos de sua vida, a lembrar-se de seus antepassados e a assegurar-se de sua aprovação, de sua satisfação e do seu forçoso respeito espiritual. Também agora e aqui, pensou neles; envolvido numa experiência tão ilícita, contido em tão exóticas extravagâncias do sentimento, pensou na severidade tão cheia de garbo da decente masculinidade de seus caracteres, e sorriu melancólico. Que diriam? Mas, na verdade, que teriam dito de toda a sua vida, que se afastara da deles até a degeneração, desta vida sob o fascínio da arte, da qual Ele mesmo, no sentido burguês dos pais, divulgara tão irônicos conhecimentos de jovem, e que, no fundo, fôra tão parecida com a deles! Também servira, fôra soldado e batalhador, como alguns deles — pois a arte é uma guerra, uma batalha extenuante, para a qual hoje não serviria por muito tempo. Uma vida de autodomínio e do “apesar”, uma vida áspera, constante e sóbria, que Ele formara como símbolo para um delicado e oportuno heroísmo — bem podia chamá-la de máscula, de corajosa, e queria parecer-lhe que o Eros que se assenhorava dele era, de uma maneira qualquer, especialmente favorável e inclinado a uma vida assim. Eros não merecera o respeito dos povos mais corajosos, não diziam que, devido à coragem, Ele florira em suas cidades” Inúmeros heróis de guerra da antiguidade carregaram espontaneamente seu jugo, pois nenhuma humilhação era tida como tal quando este deus a impunha, e atos que seriam tratados como sinais de covardia, se fossem praticados por outras razões — genuflexões, juras, instâncias e maneiras serviçais —, não causavam vergonha ao amante; ao contrário, Ele ainda colhia louvor por isso.

Assim era definido o modo de pensar do seduzido, assim procurava amparar-se, conservar sua dignidade.

Mas ao mesmo tempo dirigia constantemente uma farejante e teimosa atenção aos maculados acontecimentos no centro de Veneza, àquela aventura do mundo exterior que se fundia obscuramente com a do seu coração e alimentava sua paixão com incertas e anárquicas esperanças. Aferrado a averiguar notícias novas e precisas sobre o estado e o progresso do mal, passava em revista os jornais do país nos cafés da cidade, porque há vários dias tinham desaparecido da mesa de leitura do hotel. Afirmções e desmentidos se revezavam. O número de casos de

doenças, de mortes, se elevava a vinte, a quarenta, mesmo a cem e mais, e, logo depois, qualquer existência da epidemia, quando não desmentida categoricamente, era atribuída a casos isolados trazidos de fora. Pareceres advertentes, protestos contra o jogo perigoso das autoridades italianas eram dados nas entrelinhas; certeza não se podia obter.

Apesar disso, o solitário sentia ter um direito especial de tomar parte no segredo, e, não obstante estar isolado, encontrava uma satisfação bizarra em dirigir perguntas insidiosas aos inteirados, que, obrigados ao silêncio, forçava a mentiras formais. Um dia, durante o pequeno almoço na sala grande, interpelou o gerente, aquele pequeno homem de andar silencioso e casaca francesa, que, cumprimentando e fiscalizando, se movimentava entre os hóspedes, e parou também à mesinha de Ascheribach, para algumas palavras triviais. Por que, na verdade, perguntou o hóspede de maneira indiferente e acidental, por que, afinal de contas, desde algum tempo Veneza era desinfetada?

— Trata-se — respondeu o hipócrita — de uma medida tomada pela polícia, determinada a prevenir, devidamente e a tempo, uma série de nocividades ou incômodos à saúde geral, que podiam ser germinados pelo calor intenso.

— A polícia merece ser elogiada — respondeu Ascheribach; e, depois de trocarem algumas observações meteorológicas, o gerente despediu-se.

No mesmo dia ainda, à noite, depois do jantar, aconteceu que um pequeno grupo de cantores de rua, vindo da cidade, exibiu-se no jardim frontal do hotel. Dois homens e duas mulheres estavam parados junto ao poste de ferro de uma lâmpada em arco e erguiam seus rostos, iluminados de branco, para o grande terraço onde os hóspedes se compraziam com a apresentação popular, tomando café e refrescantes. Os empregados do hotel, ascensoristas, garçons e funcionários do escritório, ouviam das portas para o saguão. A família russa, solícita e precisa no prazer, mandou colocar cadeiras de vime, embaixo, no jardim, a fim de estar mais perto dos executantes, e lá sentava, grata, num semicírculo. De pé atrás dela, com o pano de cabeça em formato de turbante, estava a sua velha escrava.

Um bandolim, uma guitarra, uma harmônica e um violino chiando estavam em atividade sob as mãos dos virtuosos mendigos. Com execuções instrumentais mudavam os números de canto, como, por exemplo, a mais moça das mulheres, de voz aguda e grasnante, uniu-se na ânsia de um dueto amoroso com o tenor de doce falsete. Mas como talento e principal figura do grupo, sem dúvida, apareceu o segundo dos homens, possuidor da guitarra, no papel de uma espécie de bufo-barítono, quase sem voz, mas dotado de um jogo de mímica de notável energia

cômica. Muitas vezes afastava-se do seu grupo, seu instrumento grande embaixo do braço, vinha para perto da rampa, donde recompensavam com gargalhadas animadoras suas palhaçadas. Principalmente os russos se mostravam encantados com tanta mobilidade sulina e com aplausos e gritos o encorajavam a exhibir-se com crescente ousadia e segurança.

Aschenbach estava sentado perto da balaustrada e refrescava os lábios, de vez em quando, com a mistura de suco de romã e soda, que brilhava, num vermelho-rubi, no copo à sua frente. Seus nervos recebiam avidamente os sons sofredores, as melodias vulgares e lânguidas, pois a paixão paralisa o gosto apurado e deixa-se envolver a sério em encantos que a sobriedade aceitaria humoristicamente ou recusaria irritada. Seus traços, devido aos pulos do saltimbanco, estavam contorcidos num sorriso que se tornara fixo e já magoava. Sentava descuidado, enquanto seu íntimo se encontrava tenso, extremamente atento, pois há seis passos, na sua frente, Tadzio estava encostado no balaústre de pedra.

Lá estava, no seu terno branco cintado, que, às vezes, usava nos jantares, com uma graça inevitável e inata, o antebraço esquerdo sobre o peitoril, os pés cruzados, a mão direita apoiada no quadril, e olhava com uma expressão que mal era um sorriso, só uma curiosidade distante, uma amável cortesia para com os cantores ambulantes. De quando em quando endireitava e puxava para baixo o blusão branco pelo cinto de couro, estendendo o peito, com um bonito movimento de ambos os braços. Às vezes também — e o idoso descobria-o com triunfo, com uma vertigem de sua razão e também espanto —, hesitante e cautelosamente ou Rápido e repentino, como se quisesse tomá-lo de surpresa, virava a cabeça sobre o ombro esquerdo para o lado do admirador. Não encontrava seus olhos, pois uma preocupação vergonhosa forçava o desnorteado a controlar receoso o seu olhar. Nos fundos do terraço sentavam as mulheres que protegiam Tadzio, e o enamorado tinha chegado ao ponto de temer ter sido indiscreto e ser suspeitado. Com uma espécie de paralisação, tinha notado por diversas vezes, na praia, no saguão do hotel e na Praça de São Marcos, que chamavam Tadzio de sua vizinhança, que estavam empenhados em conservá-lo longe dele — e tivera que deduzir disto uma horrível ofensa sob a qual seu orgulho se contorcia em desconhecidas torturas e a qual sua consciência o impedia de expulsar.

Enquanto isso o guitarrista começara um solo, cantando uma modinha popular com sucesso em toda a Itália, em cujo estribilho todo o grupo tomava parte, cantando e acompanhando com seus instrumentos; sabia apresentá-la de uma maneira plástico-dramática. De estatura franzina e também de rosto magro e esfalfado, Ele estava de pé sobre o cascalho, separado dos seus, o chapéu de feltro roto na nuca, de modo a aparecer um tufo de seu cabelo ruivo por baixo da aba, numa pose de atrevida bravura, e atirava ao retumbar abafado das cordas, numa

penetrante canção falada, suas graças para o terraço em cima, enquanto as veias de sua testa inchavam do esforço produtivo. Não parecia veneziano, mas da raça dos cômicos napolitanos, meio rufião, meio comediante, brutal e ousado, perigoso e divertido. Sua canção, de teor meramente parvo, adquiria em sua boca algo ambíguo, vagamente imoral, devido ao seu jogo de mímica, aos seus movimentos, seu modo de piscar alusivamente e de deixar a língua lascivamente brincar nos cantos da boca. Do colarinho mole da camisa esporte, que usava com o terno cidadão, nascia um pescoço magro com um pomo-de-adão que parecia notavelmente grande e nu. Seu rosto pálido e de nariz chato, de cujos traços imberbes era difícil calcular sua idade, parecia sulcado por caretas e vícios; e, de uma maneira estranha, o arreganho de sua boca móvel parecia assentar com as duas rugas que ficavam teimosas, autoritárias, quase selvagens, entre suas sobrancelhas ruivas. Mas o que propriamente fez o solitário concentrar sua atenção nele foi a observação de que a figura suspeita parecia trazer também sua própria atmosfera suspeita. Pois todas as vezes que o estribilho entrava, o cantor empreendia, sob caretas e saudações, agitando as mãos, uma grotesca volta ao redor, que o levava às imediações de Aschenbach, e, sempre que isto acontecia, exalava de suas roupas, de seu corpo, uma nuvem do cheiro forte de ácido fênico, para o terraço.

Terminando a modinha, começou a fazer a coleta do dinheiro. Ele principiou pelos russos, que foram vistos contribuindo com generosidade, e depois veio subindo as escadas. Tão ousado como se portara na exibição, tão humilde mostrava-se aqui em cima. Corcoveando, esgueirava-se entre as mesas, um sorriso de pérfida submissão descobria seus dentes fortes, enquanto as duas rugas continuavam ameaçadoras entre suas sobrancelhas ruivas. Examinavam o estranho ser que recolhia seu sustento com curiosidade e alguma repulsa, jogavam dinheiro, com as pontas dos dedos, dentro de seu chapéu de feltro, tendo o cuidado de não tocá-lo. A guarda de distância física entre o comediante e a platéia, por melhor que tenha sido o espetáculo, provoca constantemente um certo embaraço. Ele o sentia e procurava desculpar-se com servilismo. Chegou para Aschenbach e com ele o cheiro, sobre o qual ninguém em volta parecia preocupar-se.

— Ouça — disse o solitário, baixo e quase mecanicamente. — Desinfetam Veneza. Por quê?

O trocista respondeu rouco:

— Por causa da policial É regulamento, meu senhor, neste calor e com siroco. O siroco comprime. Não faz bem à saúde...

Falava como se estivesse admirado de alguém perguntar coisa semelhante e demonstrava, com a palma da mão, quanto o siroco

comprimia.

– Então não há mal nenhum em Veneza? – perguntou Aschenbach muito baixo e entre dentes.

Os traços musculosos do farsista assumiram uma careta de cômica perplexidade.

– Um mal? Mas que mal? Será nossa polícia um mal?

O senhor graceja! Um mal? Esta agora! Uma medida preventiva, compreende, meu senhor? Uma disposição repentina contra os efeitos da atmosfera sufocante...

Gesticulava.

– Está bem – disse Aschenbach de novo, seco e baixo, deixando cair rapidamente uma importância imerecida no chapéu. Depois fez um sinal com os olhos para que o homem se afastasse. Obedeceu, arreganhando-se, sob medidas. Mas ainda não alcançara a escada, quando dois empregados do hotel se atiraram sobre Ele, os rostos colados ao dele, fazendo-lhe um interrogatório. Encolheu os ombros, fez protestos, jurou ter sido discreto; acreditaram. Solto, voltou ao jardim, e, depois de breve colóquio com os seus companheiros, embaixo do lampião, adiantou-se mais uma vez para a canção de despedida.

Era uma canção que o solitário não se lembrava de ter ouvido alguma vez; uma modinha audaciosa num o dialeto incompreensível e dotado de um estribilho de gargalhadas, no qual o grupo entrava com toda a voz.

As palavras, assim como os instrumentos, calavam neste ponto, e nada sobrava senão uma rítmica, de algum modo ordenada, porém bem natural gargalhada, que principalmente o solista, com grande talento, sabia forçar da mais ilusória vivacidade. Com o restabelecimento da distância artística entre Ele e a sociedade, assumira de novo toda a sua audácia, e seu riso fantasmagórico, dirigido de modo insolente para o terraço, era sardônico.

Já antes do fim da parte articulada da estrofe, parecia lutar com uma cócega irresistível. Soluçava, sua voz oscilava, apertava a mão contra a boca, repuxava os ombros e num dado momento rompia, uivava e estourava a sua gargalhada indomável, com tal veracidade, que tinha efeitos contaminantes e se comunicava aos ouvintes de modo a expandir-se, também no terraço, uma hilaridade sem motivo e só existente por si própria. Isto porém, justamente, parecia redobrar a animação desenfreada do cantor. Dobrava os joelhos, batia as coxas, segurava os lados, queria faltar-se de rir, não ria mais, gritava; apontava o dedo para o alto, como se não existisse nada mais cômico do que a sociedade rindo lá em cima, e

finalmente riam todos no jardim e na varanda, até os garçons, os ascensoristas e os criados das portas.

Aschenbach não descansava mais na cadeira, estava sentado ereto, como na tentativa de defesa ou fuga.

Mas as gargalhadas, o cheiro de hospital que subia e a proximidade do belo envolveram-no num encanto visionário, que abraçava seu cérebro e seus sentidos de maneira ilacerável e inevitável. Na geral emoção e distração, atreveu-se a olhar para Tadzio, e quando o fez pôde observar que o belo, em resposta ao seu olhar, também ficava sério, como se orientasse seu procedimento e expressão pelo do outro e como se a disposição comum nada pudesse sobre Ele, porque o outro se subtraía dela. Esta obediência infantil e afinidade tinham algo de desarmante, sobrepujante, de modo que o grisalho teve dificuldade em se conter para não esconder o rosto entre as mãos. Também lhe parecera que o ocasional endireitar-se e respirar de Tadzio significava um suspiro e angústia do peito. “Ele é doentio, provavelmente não ficará velho”, pensou de novo com aquela objetividade para a qual o êxtase e o anseio, por vezes, estranhamente se emancipam, o seu coração encheu-se de puro cuidado e ao mesmo tempo de uma extravagante satisfação.

Os venezianos, entretanto, haviam terminado e seguiram. Aplausos os acompanharam e seu chefe não perdeu a oportunidade de enfeitar sua partida com gracejos. Seus rapapés, seus beijos atirados com a mão foram recebidos com risos, e por isso redobrou-os.

Quando os outros já estavam fora, fez, ainda, andando de costas, como se batesse com força contra o poste do lampião, e esgueirou-se, aparentemente vergado de dores, pelo portão. Lá, finalmente, atirou fora a m-s— cara de cômico desgraçado, endireitou-se, parecia mesmo saltar com elasticidade, e, insolente, mostrou aos hóspedes a língua, sumindo depois na escuridão. Os banhistas se dispersaram; Tadzio há muito não estava mais junto à balaustrada. Mas o solitário ainda ficou por muito tempo, para estranheza do garçom, junto ao seu refresco de romã, sobre a mesinha. A noite se adiantou, o tempo se desfazia. Na casa de seus pais, há muitos anos, havia uma ampulheta — reviu, repentinamente, o frágil e importante instrumento, como se estivesse na sua frente. Silenciosa e fina, escorria a areia, tingida de vermelho-ferrugem, pela estreiteza vítrea, e como na cavidade superior ia acabando, formara-se ali um pequeno e rápido redemoinho.

Já no dia seguinte, à tarde, o teimoso deu um novo passo de tentativa para o mundo exterior e desta vez com todo o sucesso possível. Pois, da Praça de São Marcos, entrou para a agência inglesa de viagens, e, após ter cambiado algum dinheiro na caixa, dirigiu ao funcionário que o servia, com uma expressão de estrangeiro desconfiado, sua pergunta fatal.

Era um britânico em terno de lã, ainda jovem, com o cabelo partido ao meio, olhos bem juntos um do outro e com aquele modo de séria lealdade, que impressiona tão estranha e esquisitamente na habilidade inlandra do sul. Começou:

— Não há motivo para preocupação, sir. É uma medida sem importância. Estas precauções são tomadas freqüentemente, a fim de evitar efeitos do calor e do siroco, nocivos à saúde.

Mas, levantando os olhos azuis, encontrou o olhar do estranho, um olhar cansado e um pouco triste, que estava dirigido, com um leve desprezo, aos seus lábios.

Então o inglês corou.

— Isto é — continuou em meia voz e com alguma emoção — a declaração oficial, que acham acertado adotar aqui. Eu lhe posso dizer que ainda há outra coisa atrás disso.

E depois disse, no seu idioma honesto e cômodo, a verdade.

Desde alguns anos, a cólera hindu havia demonstrado uma tendência a alastrar-se e emigrar. Originada dos pântanos quentes do delta do Ganges, aparecendo com o alento mefítico daquele exuberante-inútil mundo antediluviano e ilhas selvagens evitadas pelo homem, em cujos espessos bambuzais espreitava o tigre, a epidemia desencadeara-se em todo o Indostão, contínua e extraordinariamente violenta, alastrara-se para a China ao oeste, para o Afeganistão e a Pérsia ao leste e, seguindo as estradas principais do tráfego de caravanas, levava seus horrores até Astracã, e mesmo até Moscou.

Mas, enquanto a Europa tremia de que por terra o fantasma pudesse fazer sua entrada, este fôra desviado pelo mar por comerciantes navegadores sírios, aparecendo, quase que ao mesmo tempo, em vários portos mediterrâneos, erguera sua cabeça em Toulon e Málaga, mostrara sua máscara muitas vezes em Palermo e Nápoles e parecia não mais querer retroceder de toda a Calábria e Apúlia. O norte da península ficara poupado. Porém, em meados de maio desse ano, encontraram em Veneza, no mesmo dia, os terríveis vibriões nos cadáveres esfalfados e negros de um tripulante de navio e de uma quitandeira. Os casos foram ocultados.

Mas, depois de uma semana, já havia dez, vinte, trinta deles, e em bairros diferentes. Um homem da província austríaca, que passara alguns dias de folga em Veneza, morreu, na sua cidadezinha natal, com os sinais inequívocos, e assim aconteceu que os primeiros boatos sobre a tribulação da cidade das lagunas apareceram nos jornais alemães. As autoridades venezianas mandaram responder que as condições salutaras da cidade nunca foram melhores, e tomaram as necessárias providências para o combate. Porém, provavelmente, os alimentos tinham sido infeccionados,

as verduras, a carne ou o leite, pois, desmentida e encobertamente, a morte devorava nas estreitas ruas, e o calor veranil prematuro, que aquecia as águas dos canais, era especialmente favorável à propagação. Parecia mesmo que a epidemia sofrera uma nova animação de suas forças, como se a tenacidade e a fertilidade de seus bacilos se tivesse redobrado. Casos de restabelecimento eram raros; oitenta de cem atingidos morriam, e isto de uma maneira horrível, pois o mal aparecia com extrema selvageria e muitas vezes mostrava aquela forma mais perigosa, que é chamada “a seca” Neste caso o corpo não conseguia eliminar a água segregada em quantidade das artérias. Dentro de poucas horas o doente secava e sufocava do sangue resistente como pez, sob câibras e lamentos roucos. Feliz daquele cuja erupção se dava em forma de um profundo desmaio, como as vezes acontecia, depois de um leve mal estar, do qual não acordava mais, ou quase não acordava. Em princípios de junho, começaram a encher, em silêncio, as barracas de isolamento do Ospedale Civico; nos dois orfanatos já não havia lugar e um tráfego horripilantemente ativo imperava entre o cais dos fundamentos no vos e São Miguel, a ilha-cemitério. Mas o medo de prejuízos gerais, a consideração com a recente abertura da exposição de pintura nos jardins públicos, as enormes baixas que ameaçavam os hotéis, as lojas, toda a múltipla indústria turística, nos casos de pânico e difamação, mostrava-se mais forte na cidade que o amor à verdade e o respeito a acordos internacionais, possibilitando às autoridades sustentarem tenazmente sua política de ocultar e negar. O chefe do Departamento de Saúde, um homem íntegro, renunciara, revoltado, ao seu posto, e fôra substituído imediatamente por uma pessoa mais submissa. O povo sabia disso; e a corrupção dos superiores, junto com a reinante insegurança e a situação excepcional em que a morte colocava a cidade produziram uma certa indecorosidade das camadas inferiores, um encorajar de instintos obscuros e anti-sociais que se manifestavam por intemperança, descaramento e crescente criminalidade. Contra as normas, encontravam-se, à noite, muitos bêbados; gentalha maligna, diziam, fazia as ruas inseguras à noite; ataques de ladrões, e mesmo assassinatos, se repetiam, pois, já por duas vezes, fôra comprovado que supostas vítimas da epidemia haviam sido envenenadas por parentes; e o meretrício tomou formas importunas e devassas, como até então não. fôra conhecido aqui, somente sendo encontrado no sul do país e no Oriente.

Destas coisas o inglês proferia o decisivo:

– O senhor faria melhor – concluiu – viajando hoje em vez de amanhã. A declaração de isolamento não pode demorar mais que alguns dias.

– Eu lhe agradeço – disse Aschenbach, e deixou a agência.

A praça estava sob uma atmosfera sufocante, sem sol. Estrangeiros, na ignorância dos fatos, sentavam-se nos cafés ou estavam de pé cobertos de pombos em frente à igreja, e observavam como as aves, batendo com as asas, enxotando umas às outras, bicavam os grãos de milho oferecidos no côncavo das mãos. Numa excitação febril, triunfante na posse da verdade, sentindo um gosto de nojo na boca e um pavor fantástico no coração, o solitário andava sobre os ladrilhos do esplêndido p-tio, de um lado para outro. Cogitou de um ato purificante e decente. Hoje à noite, depois do jantar, podia aproximar-se da mulher enfeitada de pérolas e dizer-lhe o que esboçava textualmente: “Permita a um estranho, madame, servi-la com um conselho e uma advertência que o egoísmo esconde da senhora. Parta, imediatamente, com Tadzio e suas filhas! Veneza está infeccionada!” Podia, depois, como despedida, colocar a mão sobre a cabeça do instrumento de uma divindade sarcástica, voltar-se e fugir desse pântano. Mas sentia ao mesmo tempo que estava infinitamente longe, ele seriamente desejaria dar um passo desses. Levá-lo-ia de volta a si mesmo, dá-lo-ia de novo a si mesmo, mas quem está fora de si nada detesta mais que voltar de novo a si. Lembrou-se de uma instrução branca, enfeitada de inscrições, luminosas à noite, em cuja mística transparência o olhar de seu espírito se perdera; depois aquela estranha figura de nômade, que despertara no idoso errantes saudades de moço para o distante e o estranho; e o pensamento da volta à p-tria, da reflexão, da sobriedade, da labuta e da mestria o repugnou de tal maneira que seu rosto se contorceu em expressão de mal estar físico. “Devem ocultar!”, murmurou impetuoso. E: “Eu calarei!” A consciência de sua sabedoria, de sua cumplicidade, embriagou-o como pequenas quantidades de vinho embriagam um cérebro cansado. O quadro da cidade atribulada e abandonada flutuava espírito, acendeu nEle esperanças inconcebíveis, ultrapassando a razão, e de intensa doçura. Que lhe era a felicidade delicada, com a qual sonhara há pouco, comparada com estas expectativas? Que lhe diziam ainda arte e virtude comparadas às vantagens do caos?

Nesta noite teve um sonho terrível — se podem ser chamadas de sonho experiências físico-espirituais, apesar de lhe terem acontecido no mais profundo sono e em completa independência se visse andando e presente e presença física, sem que no lugar dos acontecimentos, porque a cena era sua própria alma; estes romperam de fora para dentro sua resistência — uma resistência profunda e espiritual —, derrubando-a violentamente, transpassando-a, deixando a cultura de sua vida devastada.

O medo foi o princípio, medo, desejo e tumulto. Os seus sentidos escutavam; pois de longe ouvia-se sacudir de correntes, panhados de júbilos, um retumbar, abafados trovões estridentes e de um certo uivar

com o som prolongado de “u” — tudo isto impregnado por um toque de flauta soando mais alto e medonhamente doce, profundamente arrulhante, perversamente pertinaz que, de maneira importunamente vergonhosa, lhe enfeitiçava as entranhas. Ele sabia uma palavra obscura, mas dando um nome ao que vinha: o deus estranho. Acendeu-se uma chama cheia de fumaça: então reconheceu terra montanhosa, parecida àquela em redor de sua residência de verão. E numa luz ronipida, vindo de alturas revestidas de florestas, entre troncos de árvores e rochas cobertas de musgo, rolavam e precipitavam-se, girando para baixo: homens, animais, um enxame, um bando furioso — e inundaram a colina de corpos, chamas, tumulto e dança vertiginosa. Mulheres, gemendo, sacudiam tamborins sobre suas cabeças jogadas para trás, tropeçando sobre longos hábitos de pele que lhes pendiam da cintura; vibravam punhais nus e archotes cujas chamas se dispersavam; seguravam serpentes sibilantes pelo meio dos corpos ou erguiam, gritando, seus seios com ambas as mãos. Homens de chifre sobre a testa, abrigados em peles, hirsutos, curvavam o pescoço e erguiam braços e coxas, faziam vibrar pratos de bronze e batiam raivosos sobre timbales, enquanto, com bastões envolvidos em folhas, rapazes nus espicaçavam bodes cujos chifres agarravam, deixando-se arrastar, jubilantes, pelos seus saltos. E os extasiados urravam o grito de consoantes suaves de prolongado “u” no fim, doce e selvagem ao mesmo tempo, como jamais fôra ouvido um outro: aqui ressoava bramindo para os ares como por veados e ali era reproduzido, múltíssonos, em louco triunfo; atiçavam-se com este grito para a dança e, arremessando os membros, nunca o deixavam silenciar. Mas tudo era penetrado e dominado pelo profundo e atraente som de flauta. Não seduzia também a Ele, o presenciador resistente, com persistência impudica, para a festa e a imoderação do sacrifício extremo? Grande era a sua repugnância, grande seu medo, honesto seu desejo de salvaguardar o seu eu até o fim contra o estranho, o inimigo do sereno e digno espírito. Mas o barulho e a gritaria, multiplicados pela rocha ecoante, cresciam, sobrepujavam, aumentavam, até a loucura arrebatante. Vapores comprimiam o cérebro, o cheiro penetrante dos bodes, a atmosfera de corpos arquejantes e um sopro de águas pútridas, e além destes ainda um outro familiar: de feridas e doença propagada. Com as batidas dos timbales seu e coração retumbava, seu cérebro girava, acometido de raiva, de desvario, de atordoante voluptuosidade, e sua alma desejou unir-se à dança de roda do deus. O enorme símbolo obscuro, de madeira, foi descoberto e elevado: aí gritaram mais desenfreados a senha. Com espuma nos lábios, vociferavam, excitavam-se com gestos lascivos e mãos buliçosas, rindo e gemendo, empurravam os bastões espinhosos um na carne do outro e lambiam o sangue dos membros. Mas com Eles, entre Eles, estava agora o sonhador, submisso ao deus estranho. Eles eram Ele mesmo, quando se atiravam sobre os

animais, dilacerando e assassinando, e devoravam pedaços fumegantes; então, sobre o terreno de musgo revolvido, começou um ilimitado cruzamento, em sacrifício ao deus. E sua alma experimentou a luxúria e a loucura da decadência.

Deste sonho o atribulado acordou enervado, perturbado e enfraquecido, à mercê do demônio. Não temia mais os olhares observadores da gente; se se expunha às suas suspeitas, não lhe importava. Além disso, fugiam, começavam a partir; inúmeras cabanas estavam vazias, a ocupação da sala de jantar apresentava vácuos e, na cidade, raras vezes ainda se via algum estrangeiro.

A verdade parecia ter ressumado e o pânico, apesar da rija solidariedade dos interessados, não pôde ser mais refreado. Mas a mulher com as jóias de pérolas ficou, com os seus, seja porque os boatos não chegavam até ela ou porque era demasiado orgulhosa e intrépida para retroceder: Tadzio ficou; e, quando de manhã, na praia, seu olhar descansava, pesado, irresponsável e fixo, sobre o cobiçado, quando ao cair da tarde o seguia, indigno, pelas ruas onde circulava ocultamente a morte repugnante, e o monstruoso lhe parecia prometedor e nula a lei moral, parecia-lhe, em sua circundação, as vezes, que fuga e morte pudessem afastar toda a importuna vida ao redor, que pudesse ficar sozinho com o belo na ilha.

Como qualquer amante, desejava agradar e sentia um medo amargo de que isto não se pudesse dar. Adicionou ao seu terno alegres pormenores juvenis, usou pedras preciosas e perfumes, gastava, várias vezes por dia, muito tempo com sua toaleta e descia para o jantar enfeitado, emocionado e curioso. À vista da doce juventude que o enfeitara, sentia nojo de seu corpo envelhecido; o aspecto de seus cabelos grisalhos e seus traços marcados faziam-no sentir vergonha e desespero, impeliavam-no a refrescar-se e restabelecer-se fisicamente; visitava amiúde o barbeiro do hotel.

Com o penteador, sob as cuidadas mãos do bisbilhoteiro, reclinado na cadeira, observava com olhar aflito seu semblante.

– Grisalho – disse com a boca torcida.

– Um pouco – respondeu o homem. – Isso é devido a um pequeno descuido, a uma indiferença para coisas exteriores, que é compreensível em pessoas importantes mas não pode ser elogiada incondicionalmente e, na verdade, menos ainda porque justamente a essas pessoas não fica bem ter preconceitos em assuntos naturais ou artísticos. Se a austeridade de alguns, em relação à arte cosmética, logicamente também se estendesse a seus dentes, Eles não provocariam pouco escândalo. Afinal, nós somos tão velhos quanto nosso espírito e nosso coração se sentirem, e cabelos grisalhos significam, em certas

circunstâncias, uma mentira mais real que significaria a desprezada correção. No seu caso, meu senhor, tem-se direito à cor natural de seu cabelo; permita que lhe restitua simplesmente a sua?

– Como assim? – perguntou Aschenbach.

Então o eloqüente, usando duas águas, uma clara e outra escura, lavou os cabelos de seu freguês e estes ficaram pretos como na sua mocidade. Levantou-os com o ferro em leves ondas, deu um passo para trás mirou a cabeça tratada.

– Agora só faltava – disse Ele – refrescar um pouco a pele do rosto.

E, como alguém que não pode parar nem se contenta, ia de um manejo a outro, em sempre reanimada atividade. Aschenbach, descansando confortavelmente, incapaz de uma reação, ao contrário, excitado esperançosamente pelo que se passava, viu no espelho suas sobrancelhas arquearem-se mais decisivas e simétricas, o corte de seus olhos prolongar-se, o brilho deles aumentar com uma ligeira pintura da pálpebra, viu mais abaixo, onde a pele fôra de um moreno encorreado, com uma aplicação suave, aparecer um carmim delicado, seus lábios anêmicos, ainda há pouco, avolumarem-se cor de framboesa, as rugas das faces, da boca, dos olhos, desaparecerem sob creme e sopro de juventude – avistou, com o coração palpitando, um jovem florescente, O maquilador deu-se finalmente por satisfeito, enquanto, à moda dessa gente, com serviçal cortesia, agradecia ao que atendera.

– Um insignificante auxílio – disse, enquanto dava um último toque na aparência de Aschenbach. – Agora o cavalheiro pode apaixonar-se irrefletidamente O deslumbrado saiu, feliz como num sonho, desconcertado e medroso. Sua gravata era vermelha, seu chapéu de palha de aba larga era circundado por uma fita multicolorida.

Um vento morno de tempestade aparecera; mas o ar estava úmido, pesado e repleto de vapores pútridos. Adejos, estalos e sibilos envolviam os ouvidos, e àquele, sob a pintura febricitante, parecia que espíritos do vento de gênero pernicioso faziam das suas no espaço; aves malévolas do mar, que revolvem o alimento do condenado, trituram-no e profanam-no com imundície. Pois o mormaço tirava o apetite e a idéia se impingia de que os alimentos estivessem envenenados por males contagiosos.

Nas pegadas do belo, Aschenbach, uma tarde, perdeu-se no enredo interior da cidade doente. Com seu instinto de orientação falhando, porque as ruelas, canais, pontes e pracinhas do labirinto eram demasiadamente idênticas, também não mais setiro dos pontos cardeais, estava completamente tomado pela idéia de não perder de vista a

imagem ansiosamente perseguida e, forçado a vergonhoso cuidado, comprimido contra paredes, procurando proteção nas costas dos que iam à frente, por muito tempo não teve consciência do cansaço, do esgotamento que a emoção e a constante tensão tinham causado ao seu corpo e ao seu espírito.

Tadzio ia atrás dos seus, geralmente deixava à governanta e às irmãs com tipo de freiras a dianteira em lugares apertados, e, andando só, virava de vez em quando a cabeça, a fim de, sobre os ombros, certificar-se do obediente seguimento de seu admirador, com um olhar de seus estranhos olhos cinza-alvorada. Via-o e não o denunciava. Embriagado por este descobrimento, atraído por este olhar, levado pela paixão, o enamorado perseguia uma esperança indecorosa – e todavia, viu-se, por fim, ludibriado de sua contemplação. Os poloneses haviam atravessado uma pequena e arqueada ponte, a altura do arco escondera-os de seu perseguidor e, quando este chegou em cima, não os descobriu mais. Procurou por Eles em três direções, para a frente e para os dois lados do estreito e sujo canal: em vão. Enervação e debilidade forçaram-no, finalmente, a desistir da busca.

Sua cabeça ardia, seu corpo estava coberto de um suor pegajoso, sua nuca tremia, uma sede insuportável atormentava-o; procurou por qualquer e imediato fresco. Em frente a uma quitandinha comprou frutas, morangos, mercadoria passada e mole. Comeu delas enquanto andava. Uma pequena praça abandonada, parecendo encantada, abriu-se à sua frente; reconheceu-a, fôra aqui que, há semanas, fizera seu desesperado plano de fuga. Sobre as escadas da cisterna, no meio da praça, deixou-se cair e encostou a cabeça no redondo da pedra. Ali estava sossegado; nascia capim entre as pedras. Lixo estava espalhado ao redor. Entre as casas velhas da praça, desiguais em sua altura, uma tinha aspecto de palácio com janelas de arco ogival, atrás das quais residia o vazio, e com pequenas varandas enfeitadas de leões. No rés-do-chão de ouira havia uma farmácia. Lufadas de vento morno traziam de vez em quando o cheiro de ácido fênico.

Lá estava sentado o mestre, o artista honrado, o autor do Miserável, que abdicara de maneira tão exemplarmente pura ao ciganismo e às profundezas turvas; que negara sua simpatia ao abismo e rechaçara o objeto, aquele que se elevara; dominador de toda a sua sabedoria e emancipado de toda ironia, habituado às obrigações que impunha a confiança em massa, Ele, cuja fama oficialmente notabilizara seu nome e cujo estilo era dado como base para a educação dos rapazes – ali sentava, suas pálpebras estavam fechadas, só de vez em quando aparecia, por baixo e de lado para logo se esconder de novo, um irônico e desolado olhar, e seus lábios frouxos, avivados cosmeticamente, formavam palavras soltas daquilo que seu cérebro, meio dormente,

produzia em estranha lógica de sonho.

“Porque a beleza, Fédon — tome bem nota disso só a beleza é divina e visível ao mesmo tempo e assim é também o caminho do sensual, é o caminho do artista para o espírito, pequeno Fédon. Mas crê você, meu querido, que aquele para quem o caminho ao espiritual passa pelos sentidos porventura possa alcançar a sabedoria e a dignidade? Ou acredita você (deixo-lhe a decisão) que este seja um caminho perigoso-encantador, na verdade um caminho errado e pecaminoso, que leva necessariamente à confusão? Pois deve saber que nós, artistas, não podemos seguir o caminho da beleza sem que Eros se associe e se arvore em guia; sim, sejamos heróis e honestos guerreiros a nosso modo, não obstante seremos como mulheres. A paixão é nossa elevação e nosso anseio deve continuar a ser o amor — isto é nosso prazer e nossa vergonha. Vê você, agora, que nos, poetas, não podemos ser sábios nem dignos? Que forçosamente nos perdemos, forçosamente continuamos devassos e aventureiros de emoções? A glorificação de nosso estilo é mentira e idiotice, nossa fama e posição de honra uma farsa, a confiança do povo em nós altamente ridícula; a educação do povo e da juventude pela arte é um arrojado e proibido empreendimento. Pois como poderia servir de educador aquele a quem é inata uma tendência incorrigível e natural para o abismo? Bem que gostaríamos de negá-lo e alcançar dignidade, mas para que lado quer que nos voltemos, Ele nos atrai.

Assim declinamos do reconhecimento solúvel, pois o reconhecimento, Fédon, não tem dignidade nem severidade; Ele é sábio, compreensível, perdoa sem pose nem forma; Ele tem simpatia para com o abismo, Ele é o abismo. A este, pois, rejeitamos com determinação e daí em diante nossa aspiração é exclusivamente à beleza, isto quer dizer, à simplicidade, à grandeza e a nova severidade da segunda ingenuidade e da forma.

Mas forma e ingenuidade, Fédon, levam à embriaguez e à cobiça, levam o nobre talvez à medonha injúria do sentimento, que sua própria bela severidade repudia como infame, levam ao abismo — também elas levam ao abismo. A nós, poetas, digo, levam para lá, pois nós não conseguimos elevar-nos, só conseguimos digressionar. E agora vou embora, Fédon, fique você aqui; e só quando não mais me vir, então vá também você.”

Alguns dias depois, Gustav von Aschenbach, como não se sentisse bem, deixou o hotel em horas mais adiantadas da manhã que de costume. Lutava contra certas vertigens só meio físicas que eram acompanhadas de um medo repentino e forte, uma sensação de irremediável inutilidade, que não podia analisar se era relativa ao mundo exterior ou à sua própria existência. No saguão notou uma grande

quantidade de bagagem pronta para o transporte, perguntou a um dos porteiros quem partia, e recebeu como resposta o nome nobre polonês, que no fundo pressentira. Recebeu-o sem que sua fisionomia decaída se alterasse, com aquele ligeiro levantar da cabeça com que se toma conhecimento, por alto, de algo que não se precisava saber, e ainda perguntou:

– Quando?

Responderam-lhe:

– Depois do almoço.

Ele acenou com a cabeça e foi para o mar.

Lá não estava acolhedor. Sobre, a extensa e rasa água que dividia a praia do primeiro longo banco de areia, corriam borrascas encrespadas de frente para trás. Outono, sobrevivência demasiada, parecia pairar sobre o lugar de veraneio, antes tão animado de cores e agora quase abandonado, cuja areia não era mais conservada limpa. Um aparelho fotográfico, aparentemente sem dono, estava à beira do mar sobre seu tripé, e um pano preto, estendido sobre Ele, esvoaçava no vento que esfriava.

Tadzio, com três ou quatro companheiros que lhe haviam ficado, movia-se à direita em frente à cabina dos seus. Uma coberta sobre os joelhos, mais ou menos no meio entre o mar e a fila de cabinas, descansando na sua espreguiçadeira, Aschenbach observou-o mais uma vez. A brincadeira, que não era vigiada, pois as mulheres deviam estar ocupadas com os preparativos de viagem, parecia sem regra e degenerou-se. Aquele robusto de terno cintado e cabelo preto e untado de pomada, que era chamado “Jachu”, irritado e cego por areia que lhe jogaram ao rosto, forçou Tadzio para uma luta que terminou rápida com a queda do mais fraco, o belo. Mas, como se na hora da despedida o sentimento serviçal do inferior se transformasse em cruel brutalidade e parecia querer vingar-se de uma longa escravatura, o vencedor ainda não largou o vencido, porém, ajoelhado sobre suas costas, apertou o rosto de Tadzio tão seguidamente na areia que Tadzio, já sem fôlego da luta, ameaçava sufocar-se. Seus esforços para derrubar o opressor eram convulsivos, paravam completamente por momentos e se repetiam só como um estremecer. Horrorizado, Aschenbach quis erguer-se Rápido para a sua salvação, quando o bruto abandonou finalmente sua vítima. Tadzio, muito pálido, ergueu-se pela metade e sentou-se, firmado sobre um braço, por vários minutos, imóvel, o cabelo revoltado, os olhos escurecidos.

Depois levantou-se por completo e se afastou lentamente. Chamaram-no, no princípio alegres, depois temerosos e implorando; não deu ouvidos. O preto, que parecia ter sido logo tomado de

arrependimento de seu excesso, alcançou-o e tentou fazer as pazes. Um movimento dos ombros repeliu-o. Tazio seguiu transversalmente para a água. Estava descalço e usava seu ter no de linho listrado com a fita vermelha.

À beira do mar ficou parado de cabeça baixa, desenhando figuras na areia úmida com as pontas dos pés, e depois entrou na parte rasa, que no seu ponto mais fundo ainda não molhava seus joelhos, adiantou-se descuidadamente e alcançou o banco de areia. Ali ficou em pé durante um momento, o rosto voltado para a distância; depois começou a andar vagarosamente para a esquerda, pela extensão comprida e estreita do fundo descoberto. Separado da terra firme por larga faixa de água e dos companheiros por um capricho orgulhoso, vagueava, uma imagem altamente distante e desligada, com o cabelo esvoaçando, lá fora no mar, no vento, defronte ao nebuloso ilimitado. Novamente parou para a espreita. E repentinamente, como sob uma lembrança, sob um impulso, virou o tronco, uma das mãos nos quadris, numa rotação bonita de sua pose fundamental, e olhou sobre os ombros para a praia. O observador ali estava sentado, como em outra oportunidade estivera, quando, pela primeira vez, este olhar cinza-alvorada correspondera encontrando o seu.

Sua cabeça, encostada no espaldar da cadeira, seguira vagarosamente os movimentos daquele que andava lá fora; agora ergueu-se como que de encontro ao olhar, e caiu sobre o peito, de modo que seus olhos viam por baixo, enquanto seu rosto apresentava a indolente, afetuosa e meditativa expressão do sono profundo. Mas pareceu-lhe que o pálido e gracioso psicagogo lá fora lhe sorria, lhe acenava, como se, soltando a mão dos quadris, apontasse para fora, flutuando na sua frente para a imensidão auspiciosa. E, como tantas vezes, levantou-se para segui-lo.

Minutos passaram até virem em auxílio do que caíra de lado na cadeira. Levaram-no para o seu quarto.

E, ainda no mesmo dia, um mundo respeitosamente comovido recebeu a notícia de sua morte.

FIM